

Maikel Pablo Dalbem

**AOS PÉS DO CRUCIFICADO, UMA COMUNIDADE
INSERIDA NO MISTÉRIO
LEITURA BÍBLICO-TEOLÓGICA DA PERÍCOPE DE JO
19,25-27**

FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

BELO HORIZONTE

2010

Maikel Pablo Dalbem

**AOS PÉS DO CRUCIFICADO, UMA COMUNIDADE
INSERIDA NO MISTÉRIO**
UMA LEITURA BÍBLICO-TEOLÓGICA DA PERÍCOPE DE
JO 19,25-27

Dissertação apresentada ao Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisição parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Johan Maria Konings

FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

BELO HORIZONTE

2010

Aos amigos que foram suporte durante o tempo de mestrado.

Resumo

Buscar-se-á em três etapas realizar uma leitura da narrativa de Jo 19,25-27 que dê conta do contexto global do Quarto Evangelho e de seu forte conteúdo simbólico. Na primeira etapa, busca-se um breve resumo das diversas interpretações que o referido texto encontrou ao longo das etapas históricas da teologia. Posteriormente, se dará a construção das identidades das personagens protagonistas da cena levando em conta suas diversas aparições ao longo do Evangelho. Como última etapa, analisar-se-á a entrega acontecida ao pé da cruz (Mãe de Jesus ao Discípulo Amado e vice-versa) visando apreender suas implicações para a compreensão da Aliança e, conseqüentemente, para a identidade da comunidade de fé.

Palavras-chave: João, Mãe de Jesus, Discípulo Amado e Aliança.

Résumé

On cherchera réaliser en trois étapes une lecture du récit de Jn 19,25-27 qui puisse donner compte du contexte global du Quatrième Évangile et de son fort contenu symbolique. Dans la première étape, on cherche un bref résumé des diverses interprétations que le texte a trouvé au long des étapes historiques de la théologie. Ultérieurement, on essaiera la construction des identités des personnages protagonistes de la scène en prenant en considération leurs diverses apparitions au long de l'Évangile. Comme dernière étape, on analysera l'événement au pied de la croix, quand la Mère de Jésus est confiée au Disciple Aimé et vice versa, en visant à appréhender son implication pour la compréhension de l'Alliance et, par conséquence, pour l'identité de la communauté de foi.

Mots-clé : Jean, Mère de Jésus, Disciple Aimé et Alliance.

Siglas e abreviaturas:

DV: Constituição Dogmática *Dei Verbum*

LG: Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

RM: Carta Encíclica Redemptoris Mater

MC: Exortação Apostólica Marialis Cultus

BAC: Biblioteca de Autores Christianos

PL: Patrística Latina

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo I: Status Quaestionis	12
1 Hipótese e Status quaestionis	12
1.1 Hipótese.....	12
1.2 Status quaestionis	13
Capítulo II: A construção das identidades na narrativa.....	36
1. A Mãe de Jesus:	36
1.1 Considerações prévias:.....	37
1.2 As Bodas em Caná da Galiléia (2,1-11).....	38
1.3 A Mãe de Jesus como a Sião Messiânica em João.....	49
2 O discípulo a quem Jesus amava.....	50
2.1 <i>O discípulo reclinado sobre o seio de Jesus.</i>	51
2.2 Pedro e o Discípulo Amado no túmulo do Senhor.....	53
2.3 O Capítulo 21 de João:	55
2.4 O Discípulo Amado como a testemunha fiel do Filho.....	60
3 O Crucificado	61
3.1 O prólogo (Jo 1-18).....	61
3.2 As autoproclamações:	64
4 Conclusão do Segundo Capítulo:	68
Capítulo III: Análise da perícopes de Jo 19,25-27 e seus desdobramentos	69
1 O Discípulo Amado recebe a Mãe de Jesus εἰς τὰ ἴδια.	69
1.1 O contexto da narrativa:	69
1.2 Análise da narrativa de Jo 19,25-27	70
2 O futuro da comunidade: a “hora” dos discípulos.	79
2.1 O contexto: Palavras de Jesus sobre o grupo discipular em seu discurso de despedida (Jo 13-17)	79
2.2 Conclusão primeira	96
2.3 A hora dos discípulos:	97

2.4 O Paráclito.....	100
2.5 Jo 21,22: Uma última palavra sobre a permanência do Discípulo Amado	104
IV Conclusão	106
1 Uma comunidade inserida no “Mistério de Deus com os homens”.....	106
2 A Cena: uma possível leitura estética do conteúdo simbólico.....	108
Apêndice: Uma hipótese histórica - Jo 19,25-27 seria uma apologia da comunidade diante do judaísmo de Jâmnia?	111
Referências	112
1 Traduções da Bíblia consultadas:	112
2 Software.....	112
3 Livros e artigos	112
Anexo I	115

Introdução

É opinião comum que os relatos evangélicos não possuem a preocupação factual da historiografia como nós a entendemos. Portanto, o que os evangelistas buscam não é o relato “jornalístico” dos fatos acontecidos com Jesus, mas, sim, produzir uma “teologia” que comunique a profundidade do Mistério de Deus manifesto na pessoa, palavras e obras de Jesus Cristo¹. Isso influencia profundamente na escolha e na construção das narrativas em função do conteúdo que se quer comunicar.

O Quarto Evangelho certamente não escapa dessa concepção. Quando consideramos tanto o material próprio quanto a aparente reelaboração de temas sinópticos, reconhecemos nesse último dos evangelhos uma redação esmerada, lançando mão frequentemente de relatos com forte caráter simbólico. João, como chamaremos o autor do Quarto Evangelho de agora em diante, parece querer comunicar com isso o Mistério divino e humano que envolve a existência histórica cristã.

Na linha do que acabamos de dizer, nosso trabalho se propõe ler, atento à teologia simbólica de João, o relato do último acontecimento antes da morte do Filho na cruz, segundo Jo 19,25-27, pois percebemos que a maneira como foi redigida esta perícopa porta essa força simbólica. Tal leitura, constitui um caminho enriquecedor para a hermenêutica, ainda pouco conhecida em nossas comunidades eclesiais, do evangelho inteiro.

Como primeiro passo, buscaremos perceber como esta perícopa foi interpretada ao longo da tradição teológica bíblica cristã. Serão escolhidos para a pesquisa alguns autores relevantes nos diversos períodos históricos da teologia. Ao final deste passo, intentaremos uma síntese que nos permita seguir este caminho hermenêutico com a devida honestidade epistemológica.

O segundo passo será construir, no interior da narrativa, a identidade de cada personagem para compreender a função simbólica que cada um ocupa no relato. Para tanto, se fará a análise de cada uma das menções relativas às personagens principais da perícopa em questão ao longo do Evangelho de João.

¹ DV, 19

No terceiro momento, os personagens serão considerados dentro da cena de Jo 19,25-27, buscando analisar sua interação no interior do contexto construído pelo evangelista. O centro da pesquisa, no terceiro capítulo, estará na descoberta dos possíveis sentidos da expressão “εἰς τὰ ἴδια” (v. 27), para, posteriormente, explicitar as implicações desses sentidos na entrega e recepção mútua (Mãe de Jesus e Discípulo Amado) que ocorre ao pé da cruz.

Sabendo que essa cena antecede o momento culminante do Quarto Evangelho, buscar-se-á, ainda, verificar a hipótese de que os acontecimentos ao pé da cruz têm algo de importante a comunicar sobre o Mistério de Deus com os homens, que João busca comunicar ao longo do seu livro. Serão levantados os possíveis desdobramentos que aquilo que acontece ao pé da cruz terá sobre a compreensão do futuro da comunidade de fé e sobre sua história, enquanto ela se realiza em Deus e caminha para Ele.

Uma vez comprovada a hipótese de uma leitura simbólica, o último passo será refazer a análise do relato — sem esquecer sua dimensão simbólica — com o foco dirigido sobre os elementos estéticos, como se fosse possível pintar um quadro a partir da referida cena e narrá-lo. Aproximar-nos-emos como quem se aproxima de um ícone bizantino, respeitando sua catequética e pluralidade de sentidos.

Para a realização da reflexão que se busca com este trabalho, lançaremos mão de alguns elementos do método de análise da narrativa, aproveitando, entre outros, os elementos da metodologia exposta por Jaldemir Vitório em recente artigo sobre a narrativa do livro de Rute².

No quadro da metodologia escolhida, a pergunta central não indagará os possíveis contextos e momentos históricos que forjaram a perícopes, nem a implicação de elementos exteriores no processo de redação. Examinaremos o texto canônico como se oferece em sua fase final, buscando verificar a “trama” que se entrelaça nos diversos acontecimentos narrados, originando o “drama” textual através do qual se expressa a mensagem.

Desta forma, percebe-se que a presente dissertação não será um trabalho de exegese bíblica no sentido estrito, embora os seus resultados estejam presentes. Nossa monografia, entretanto, aproxima-se mais do campo da teologia bíblica e da análise das

² VITÓRIO, J. A narrativa do livro de Rute. In: *ESTUDOS Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. n. 98. p.85-106.

diversas interpretações possíveis para as fontes neotestamentárias na história da Teologia.

Cabe ainda ressaltar que não se trata de um tratado de mariologia. Tal observação se faz necessária, visto que a perícopes a ser analisada é comumente associada na piedade popular à fundamentação do título mariano “Mãe da Igreja”. É certo que nos colocamos na esteira do esforço da mariologia moderna em compreender Maria e os acontecimentos de sua vida em relação ao Mistério do Cristo. Estamos cientes de que os resultados desta pesquisa poderão servir para uma posterior reflexão mariológica. Contudo, esse não é o intuito principal deste trabalho, como já fora exposto.

Por fim, não se busca neste estudo desabonar as demais interpretações, inclusive as mais clássicas, referentes ao texto que será estudado. Pelo contrário, busca-se expor uma linha de interpretação ainda pouco trilhada, que pode ser associada às demais, aumentando a riqueza de possibilidades de interpretação dos textos bíblicos. Guia-nos a certeza de que a Palavra de Deus é viva e, portanto, o texto bíblico se nos apresenta ricamente polissêmico, abrindo-se em sempre novas e autênticas possibilidades de leitura que iluminam o caminhar da comunidade de fé.

Capítulo I: Status Quaestionis

1 Hipótese e Status quaestionis

1.1 Hipótese

A hipótese que se busca verificar a respeito do sentido de Jo 19,25-27 se baseia na possibilidade de uma leitura simbólica desta. Esse tipo de interpretação encontra-se presente, de certa maneira, no período patrístico e medieval. Eclipsada no tempo em que predominava o método histórico-crítico na exegese, retoma força nas últimas décadas. Durante grande parte da história da interpretação dessa perícopa, o foco está sobre a figura da Mãe de Jesus, compreendida apenas como Maria de Nazaré, e do Discípulo Amado, compreendido apenas como o Apóstolo João. E quando se interpretam as palavras da cena ao pé da cruz, a interpretação vai, na maioria das vezes, em sentido único: da Mãe ao Discípulo.

O autor do Evangelho de João, em todo o percurso do livro, não faz coincidir as duas personagens que se encontram ao pé da cruz com o nome de personagens históricas (respectivamente Maria de Nazaré e João, filho de Zebedeu), mas prefere referir-se a elas pelos títulos “Mãe de Jesus” e “Discípulo Amado”. Percebe-se que o tipo de leitura simbólica que queremos desenvolver neste trabalho se aproxima da interpretação desejada pelo evangelista. Assim, pensamos poder desenvolver, sem a anulação de outras interpretações, esse importante filão da riqueza simbólica existente no relato que se situa no auge do livro: a Glorificação do Filho.

Percorrendo todo o evangelho, tentar-se-á mostrar que o Mistério maior de Deus que, de maneira radical, vem ao encontro da humanidade em seu Filho, se realiza no interior de uma História Salvífica que começa com a Criação, tornando-se história da humanidade nas promessas feitas a um povo determinado (Mãe de Jesus = Israel), e que prossegue no futuro de uma comunidade (Discípulo Amado) alicerçada na manifestação do Filho, aquele que, sendo o eterno presente salvífico de Deus na história, a unifica.

1.2 Status quaestionis

Serão apresentadas, a seguir, as interpretações da perícope de Jo 19,25-27, realizadas ao longo dos séculos, que nos pareceram relevantes para nossa pesquisa. Em um primeiro momento, exporemos o pensamento desses autores seguindo a ordem cronológica. Ao final deste capítulo, buscar-se-á perceber o movimento interpretativo presente nas diversas interpretações desta perícope.

1.2.1 Período patrístico:

Irineu de Lião:

Autor do segundo século de nossa era, Irineu compôs sua obra mais expressiva, *Adversus Haereses*, no ano de 180 d.C. Com uma preocupação menos exegética que pastoral, essa obra possui caráter apologético; nela, o autor refuta as principais correntes gnósticas de seu tempo (Valentim, Basilíades e Marcião). Redigida há apenas nove décadas da data provável da escrita do evangelho de João, constitui-se, assim, como um dos primeiros testemunhos relativos ao Quarto Evangelho.

No tocante à perícope em questão neste trabalho, encontramos apenas uma referência indireta ao tema, onde o autor expressa sua opinião sobre a identidade do Discípulo Amado:

E João, o discípulo do Senhor, aquele que tinha recostado a cabeça ao peito dele, também publicou seu Evangelho, quando morava em Éfeso, na Ásia.¹

Irineu faz coincidir a figura do Discípulo Amado com o discípulo João, ao se referir a esse como sendo o autor do evangelho e como aquele que recostou a cabeça sobre o peito do Senhor. No passar dos séculos, essa interpretação prevaleceu no interior da Igreja e da tradição teológica.

Ambrósio de Milão:

O grande mestre de Milão trabalha a perícope de Jo 19,25-27 sob um prisma psicológico e simbólico. Ambrósio nos apresenta Jesus como um mestre de piedade. Centra-se na figura do filho que se preocupa com a mãe no momento em que irá deixá-

¹ IRINEU. *Contra as Heresias*. São Paulo: Paulus, 1997. Livro III,1,1. (Col. Patrística, 4)..

la sozinha por causa de sua morte. Propõe, assim, o gesto de Jesus como exemplo moral a ser seguido pelos filhos com relação às suas mães².

O fato de esse relato estar presente somente no evangelho de João, explica Ambrósio, é porque esse evangelista foi quem mais penetrou na profundidade dos mistérios divinos³. Mateus e Marcos enfatizaram os aspectos morais e humanos na hora da morte de Jesus na cruz (Mt 27,5-61; Mc 15,33-41), para ressaltar que a humanidade assumida pelo Cristo era a mesma que padecia na cruz. Lucas nos apresenta Jesus como o grande intercessor ao demonstrar misericórdia para com os judeus e o ladrão⁴.

Para Ambrósio, existem três grandes temas presentes na perícopes de Jo 19,25-27: a virgindade perpétua de Maria, o testamento de Jesus e Maria como figura da Igreja.

Sobre a virgindade perpétua de Maria, o Santo Doutor afirma: “Esta passagem nos apresenta um testemunho superabundante da virgindade de Maria”⁵. Segundo o costume em Israel, caso ela tivesse outros filhos, após a morte do primogênito, eles é que haveriam de cuidar da mãe em situação de desamparo, levando-a para suas casas e cuidando de sua subsistência. Assim, visto que Maria só possuía um filho, ou seja, Jesus, com a sua morte, Maria ficará sozinha. É preciso entregá-la aos cuidados de alguém para que não fique sem recursos para sobreviver. O escolhido por Jesus é o discípulo a quem mais ama, ou seja, para Ambrósio, João, que a recebe como Mãe.

Dessa forma, o autor percebe que nessa passagem está contida toda a preocupação de Jesus com sua Mãe. Assim, Ambrósio apresenta esta perícopes como prova da virgindade perpétua de Maria e da maneira como Jesus honra sua Mãe:

E João, que foi quem penetrou com mais profundidade nos mistérios divinos, trabalhou sem cessar para declarar que aquela que havia gerado a Deus havia permanecido Virgem. Pois, se o fato de que o Senhor perdoou ao ladrão é algo verdadeiramente sagrado, muito mais o é que o Filho honre a sua Mãe.⁶

Sobre o aspecto dessa passagem como testamento de Jesus, para Ambrósio, o mestre deixa para a humanidade a sua vontade em relação à sua mãe e ao discípulo amado. Sobre o tema, afirma:

² AMBRÓSIO, Santo. Tratado sobre el Evangelio de San Lucas. In: *Obras de San Ambrosio*. Tomo I BAC, vol. 257. Madrid: Editorial Católica, 1966, Livro X, n. 132, p. 612.

³ AMBRÓSIO, Tratado sobre el Evangelio de San Lucas, Livro X, n. 130, p. 611.

⁴ AMBRÓSIO, Tratado sobre el Evangelio de San Lucas, Livro X, n. 129, p. 610.

⁵ AMBRÓSIO, Tratado sobre el Evangelio de San Lucas, Livro X, n. 133, p. 613.

⁶ AMBRÓSIO, Tratado sobre el Evangelio de San Lucas, Livro X, n. 130, p. 611.

Cristo fazia seu testamento desde a cruz, testamento que guardou João em seu livro, como um testemunho digno de tão grande testador. Um testamento que é de grande valor, ainda que não certamente pecuniário, senão vital, escrito não com tinta, senão pelo Espírito de Deus vivo (cf. 2Cor 3,3).⁷

O terceiro aspecto que Ambrósio vê presente na referida perícopa de João, é o da Mãe de Jesus, junto à cruz, como figura da Igreja. Simbolicamente, Maria é inserida no mistério da Igreja fiel ao seu Senhor na cruz:

Que se dê conta de que aqui se trata do mistério da Igreja, na qual antes estava unida o povo antigo, ainda que em aparência, não em realidade, depois deu a luz ao Verbo e semeou nos corpos e nas almas dos homens por meio da fé na cruz e na sepultura do corpo do Senhor, elegendo, por preceito divino, a união com outro povo mais jovem.⁸

Assim, percebe-se que Ambrósio lê essa perícopa sob duas óticas: na primeira, assume o santo uma leitura que se serve de um viés mais psicológico, e enfatiza a reverência e a preocupação do filho com a mãe; no segundo viés, de caráter mais simbólico, Ambrósio percebe a Mãe de Jesus como símbolo da Igreja, como comunidade fiel ao crucificado até o último momento.

Agostinho de Hipona:

Para tratar a perícopa de Jo 19,25-27, Agostinho estabelece uma ponte com o relato de Jo 2,1-10, o episódio das Bodas em Caná. Com o intuito de explicar a resposta de Jesus à interpelação de sua Mãe, “Que queres de mim mulher? A minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4), Agostinho recorre à filiação divina de Jesus:

Por um privilégio único, ele nascera somente do Pai, sem ter pai. Deus sem Mãe, e homem sem Pai! Sem Mãe desde todos os tempos. Sem pai, no fim dos tempos.⁹

Agostinho estabelece a seguinte diferenciação: Maria é, portanto, mãe de Jesus, segundo a humanidade. Ao passo que Jesus Cristo é Filho de Deus, segundo a divindade. Ao tratar diretamente a frase em questão, ele diz que, ao agir em Caná, quem ali atuava era o Cristo em sua divindade. Por isso, a resposta dura de Jesus para Maria, pois se tratava de um ato messiânico. Ao pé da cruz, na perícopa de Jo 19,25-27, Agostinho, ressalta que, ali na cruz, sofre a humanidade do Cristo. Jesus reconhece a dignidade daquela que o gerou na carne, entregando-lhe aos cuidados do discípulo fiel.

Na “hora” de sua morte, Jesus dá a Maria uma nova missão: ser a mãe da comunidade cristã. Esse Padre da Igreja vê a cruz como a cátedra de onde ensina Jesus,

⁷ AMBRÓSIO, Tratado sobre el Evangelio de San Lucas, Tomo I, Livro X, n. 131, p. 611.

⁸ AMBRÓSIO, Tratado sobre el Evangelio de San Lucas, Tomo I, Livro X, n. 134, p. 613.

⁹ AGOSTINHO. Oeuvres de Saint Augustin: Homélie sur l'évangile de Saint Jean I-XVI. Bruges: Desclée de Brouwer, 1969. p. 489.

o Mestre, pelo seu testemunho. Mesmo morrendo, ele não perde de vista a sua missão de anunciar aos homens o Evangelho. Maria é vista como dom do Crucificado para os seus seguidores¹⁰.

1.2.2 Período Escolástico

Bernardo de Claraval

Quanto à perícopa de Jo 19,25-27, São Bernardo vê as palavras dirigidas por Jesus à sua Mãe: “Mulher, eis aí o teu filho”, como cumprimento da profecia proferida por Simeão: “a ti mesmo uma espada te transpassará a alma” (Lc 2,35). O autor afirma:

Ó troca! Te entregaram João no lugar de Jesus, o servo no lugar do Senhor, o discípulo no lugar do Mestre, o filho de Zebedeu no lugar do Filho de Deus, um homem no lugar de Deus Verdadeiro.¹¹

Estabelecendo um jogo de diferenças entre o Discípulo Amado e Jesus, enfatiza o sofrimento de Maria por perder Jesus, aquele que é infinitamente mais digno. Maria nos é apresentada por São Bernardo como uma mártir da alma. A sua participação junto à cruz, ou seja, junto à consumação da obra Redentora do Senhor e seu filho, expressa o martírio. Para esse santo, Maria manifesta profunda caridade, sofrendo com seu filho na cruz.

Tomás de Aquino

No comentário de Santo Tomás ao Evangelho de João, encontra-se uma menção explícita ao texto de Jo 19,25¹². No interior da leitura que Santo Tomás faz do prólogo de São Jerônimo, o santo doutor da igreja comenta a afirmação que Jerônimo faz sobre a virgindade do Apóstolo João. Para confirmar a virgindade do apóstolo, são apresentadas duas provas: a primeira é a de que João, testemunha fiel que escreveu o Evangelho, amou de maneira tão profunda o Senhor, que este se torna prova da pureza do Apóstolo; a segunda prova encontra-se no fato de Jesus, suspenso na cruz, ter confiado sua mãe, a Virgem Maria, ao Apóstolo, para que ela, virgem, pudesse ser guardada como convém, por um homem virgem.

¹⁰ AGOSTINHO, Sobre el Evangelio de San Juan (36-124), Tomo XVI, Tratado CXIX, n. 3, p. 709.

¹¹ BERNARDO DE CLARAVAL, En la natividade de la bienaventurada Virgen María. In: *Obras Completas de San Bernardo*. Madrid: Editorial Católica, 1980. n.15. *Apud*: LOPES, Rogério de França. *A Mãe de Jesus no Evangelho de João*: Um estudo de Jo 2,1-11; 19,25-27 para uma mariologia funcional cristocêntrica. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: CES, 2004, p. 63.

¹² THOMAS D'AQUIN. *Commentaire sur l'Évangile de Saint Jean*. Paris: Cerf, 1998. n. 15, p. 46.

Ao comentar a perícopre de Jo 19,25-27, o Doutor Angélico mantém a mesma interpretação já mencionada por Agostinho. Na cruz, Jesus reconhece aquela que o gerou na humanidade. Ele reconhece e se preocupa com seu futuro. Mais ainda, como mestre que ensina a partir da cruz, como um mestre em sua cátedra, mostra a obrigação do cuidado e respeito que os filhos devem devotar aos seus pais. Ao justificar biblicamente este último ensinamento, cita as passagens de Ex 20,12 e 1Tm 5,8.¹³

O discípulo é apresentado como modelo de obediência ao acolher a Mãe de Jesus como sua. Lembrando Agostinho, Tomás reforça que a expressão “para sua” (chez lui) não significa diretamente os bens materiais, mas que o discípulo agora se coloca à disposição da mãe, servindo-a com respeito e obediência filial.¹⁴

Assim, com relação ao presente trabalho, podemos extrair duas afirmações. A primeira é a de que Tomás vê, na figura do apóstolo João, o Discípulo Amado de Jesus, atribuindo-lhe também, a escrita do Quarto Evangelho. Para isso, Tomás se baseia na interpretação da passagem de Jo 21,24 (“*Este é o discípulo que testifica estas coisas e as escreveu...*”) ¹⁵. A segunda afirmação é a de que Tomás, como é próprio de seu tempo, faz uma leitura histórica da figura da Mãe de Jesus, vendo-a apenas como Maria de Nazaré.

1.2.3 Período Moderno

Afonso de Ligório

Embora a relevância do pensamento desse doutor da Igreja, na tradição teológica, tenha sido no campo da moral, e não mariológico e bíblico, santo Afonso sempre se mostrou um grande devoto de Nossa Senhora, tendo dedicado um livro especialmente à devoção mariana (Glórias de Maria). Sendo assim, acredita-se que esse autor possa bem expor a interpretação geralmente aceita em sua época no tocante a essa perícopre.

Tendo isso presente, quanto à participação de Maria na hora de Jesus, santo Afonso nos diz:

Pela segunda vez Maria nos gerou para a graça, quando no Calvário ofereceu ao Eterno Pai, por entre muitos sofrimentos, a vida de seu amado Filho pela

¹³ Cf. THOMAS D’AQUIN. *Commentaire sur l’Évangile de Saint Jean*. Paris: Cerf, 2006. n. 2439-2441. Extraído da web: Acesso <http://docteurangelique.free.fr>, em 26 de fevereiro de 2010.

¹⁴ Cf. THOMAS D’AQUIN, *Comentaire sur l’Évangélie de Saint Jean* (2006), n. 2442-2443.

¹⁵ THOMAS D’AQUIN, *Comentaire sur l’Évangélie de Saint Jean*. n. 15, p. 46.

nossa salvação. Porque ela então cooperou com o seu amor para que os fiéis nascessem para a vida da graça, por isso mesmo, segundo S. Agostinho, veio a ser Mãe espiritual de todos nós, que somos membros da nossa cabeça, Jesus Cristo.¹⁶

Para Afonso, Maria figura como Mãe espiritual da humanidade. Para ele, o próprio Cristo foi quem percebeu como sua mãe queria fazer parte da salvação dos homens.

E isto quis dizer o nosso Salvador, quando, antes de expirar, olhando da cruz para sua Mãe e para o discípulo S. João, que estavam ao lado dele, primeiramente disse a Maria: Eis o teu filho! (Jo 19,26). Queria dizer-lhe: Eis aqui o homem que, pela oferta que fazes da minha vida pela sua salvação, já nasce para a graça. E depois, voltando-se para o discípulo, lhe disse: Eis tua Mãe! (Jo 19,27). Note-se que Jesus Cristo não disse isto a João, mas ao discípulo. Fê-lo para significar que o Salvador nomeou Maria por Mãe Universal de todos aqueles que, sendo cristãos, têm o nome de seus discípulos.¹⁷

Ao oferecer o filho, Maria é vista por Ligório, bem ao modo de seu tempo, como co-redentora. É interessante perceber que, ao ler a entrega da Mãe ao Discípulo, embora ainda em uma leitura marcada pela identificação primeira do Discípulo Amado com João, Afonso amplia ao dizer que essa não-nomeação do Discípulo, nesse momento, apontaria para uma categoria que podemos chamar “simbólica”, uma vez que amplia a percepção para a universalidade de todos os que levam o nome de discípulos.

Essa maternidade espiritual de Maria é gerada na dor. Afonso percebe uma espécie de martírio, pois, não abandonando o filho na hora da dor, ela sofre com a morte de Jesus.

Aqui temos a contemplar uma espécie de martírio. Trata-se de uma mãe condenada a ver morrer diante de seus olhos, no meio de bárbaros tormentos, um filho inocente e diletíssimo. ‘Estava em pé junto à cruz de Jesus, sua mãe’ (Jo 19,25). É desnecessário dizer outra coisa do martírio de Maria, quer com isso declarar S. João; contemplai-a junto da cruz, ao lado de seu Filho moribundo e vede se há dor semelhante à sua dor.¹⁸

Assim, percebe-se que Maria, para santo Afonso, é co-redentora por seu martírio junto à cruz. Ao entregar seu filho, em meio a todo o seu sofrimento, fiel ao pé da cruz, Maria se torna Mãe espiritual, pois possibilitou, pela sua entrega, a salvação dos homens na morte de Jesus.

¹⁶ LIGÓRIO, Afonso Maria de. *Glórias de Maria*. Aparecida: Santuário, 1987. p.47.

¹⁷ LIGÓRIO. *Glórias de Maria*, p.47-48.

¹⁸ LIGÓRIO. *Glórias de Maria*, p. 392.

1.2.4 Magistério Eclesial recente:

*O título Mãe da Igreja no Vaticano II*¹⁹

Durante a segunda sessão do Concílio Vaticano II no ano de 1963, a discussão a respeito de uma Constituição dogmática sobre a Virgem Maria é retomada, visto que o debate já havia sido iniciado no final da primeira sessão, agora com um novo título: “Sobre a bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja”. Temendo que, dessa forma, Maria fosse compreendida “acima” ou “além” da Igreja, o título foi rejeitado na terceira sessão conciliar (1964), com a maioria de 1559 votos. Contudo, Paulo VI retoma o título no discurso final desta mesma sessão.

É fundamental perceber que o presente título era desconhecido no primeiro milênio cristão. Surgirá, de maneira cautelosa, somente no século XI, em uma obra atribuída a Ambrósio, mas de autoria de certo Berengardo. Comentando o texto de Ap 12,4, o autor diz:

Podemos entender pela mulher, nesta passagem, a bem-aventurada Maria, porque ela é mãe da Igreja, pois deu à luz aquele que é a cabeça da Igreja; e é também filha da Igreja, por ser seu membro mais eminente²⁰.

Será somente no séc. XIII que se encontrará uma segunda menção do título: “A Igreja é, pois, mãe de Maria, e Maria é mãe da Igreja”²¹. Certa ressonância em um texto de Agostinho, embora vaga, pode ter conferido validade ao título²². Mais claramente, encontra-se a seguinte afirmação de Agostinho:

É mãe segundo o Espírito, mãe de nossa cabeça que é o Salvador, do qual ela nasceu antes espiritualmente, porque todos os que creram nele, entre os quais também ela, corretamente se chamam filhos do esposo (cf. Mt 9,15). Mas é, certamente, mãe de seus membros, que somos nós, porque cooperou pela caridade, para que nascessem os filhos na Igreja, que são membros daquela cabeça. Mas, quanto ao corpo, ela é a mãe da cabeça mesma. Convinha, de fato, que nossa cabeça, por um milagre insigne, nascesse da virgem segundo a carne, para significar que seus membros haveriam de nascer da virgem Igreja segundo o Espírito²³.

¹⁹ Os dados presentes nesta secção foram gentilmente cedidos por Francisco Taborda (FAJE-BH) e constituem parte do manuscrito de sua obra sobre mariologia ainda a ser publicada.

²⁰ PSEUDO-AMBRÓSIO. *Expositio super septem visiones libri Apocalypsis*. PL 17, 960.

²¹ PITRA, J. B.: *Spicilegium Solesmense*. Complectens S. Patrum scriptorumque ecclesiasticorum anedocta.. III. Paris, 1855, 130-131, *apud*: SCHILLEBEECKX, Edward: *Mariologia: ieri, oggi, domani*. In: SCHILLEBEECKX, Edward; HALKES, Catharina: *Maria: ieri, oggi, domani*. Brescia: Queriniana, 1995. p. 33-34.

²² Cf. AGOSTINHO: *Sermo 25, De verbis Evangelii Matthaei XII*, 41-50. PL 46, 938.

²³ AGOSTINHO: *De sancta virginitate VI*, 6. PL 40, 399.

A partir do séc. XIII, o título ocorre de maneira esporádica. Em alguns casos, chega a ser utilizado pelo próprio Lutero²⁴. O *Groupe de Dombes*²⁵ procura salvá-lo, baseando-se em Lutero²⁶. Por sua vez, Sesboüé observa que como “uma mãe de família é membro da família, Maria, Mãe da Igreja, continuou a ser evidentemente membro dela e irmã nossa”²⁷.

Taborda observa que “todos esses títulos marianos são, na realidade, títulos do Espírito Santo atribuídos, primeiramente, à Igreja e depois transpostos a Maria. De fato, mãe da Igreja é o Espírito, fonte de toda vida e, portanto, também da vida da Igreja²⁸. Mãe dos fiéis é o Espírito que nos engendra na fé. A partir daí, a Igreja é que nos gera no seio do batismo, e Maria, como mãe daquele que é a cabeça do Corpo de Cristo, dos quais somos membros.

Lumen gentium

O Concílio Vaticano II, principalmente em seu documento *Lumen Gentium*, significou um dos maiores avanços na mariologia dos nossos tempos. Antes desse importante evento, a figura de Maria era compreendida a partir de privilégios individuais que a Mãe do Senhor havia recebido (Mãe de Deus, sempre Virgem, Imaculada, assunta aos Céus). *Lumen Gentium* recoloca a visão mariológica da Igreja em função da cristologia e da eclesiologia. Maria e sua missão já não são mais compreendidas, a partir de títulos e privilégios individuais, mas em relação a Cristo e à Igreja. Enfim, o pensamento é recolocado na perspectiva da História da Salvação.

Não é sem mais que a principal referência a Maria nos documentos do Concílio é encontrada no interior do documento sobre a Igreja. O título do oitavo capítulo de *Lumen Gentium*²⁹ é por demais sugestivo: “A Bem-Aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja”. Assim, Maria é vista como uma

²⁴ Maria é também “mãe da Igreja, essa Igreja, da qual ela é o membro mais eminente”. WA 1, 107.22-25, *apud*: GROUPE DES DOMBES: *Marie dans le dessein de Dieu et la communion des saints*. Paris: Bayard; Centurion, 1999, n° 57, p. 42 (doravante citado como DOMBES). Cf. WA 4, 234.5-8, cit. em DOMBES, n° 57, p. 42-43.

²⁵ Grupo ecumênico de origem francesa fundado em 1937.

²⁶ Cf. DOMBES, n° 57, p. 42-43. “Tal é a consolação e a bondade excessiva de Deus que um homem possa se orgulhar, se crê, de um tão grande tesouro: que Maria é sua verdadeira mãe, Cristo seu irmão e Deus seu pai” (LUTERO, Martinho: *Kirchenpostille 1522 – Evangelium der Christmess*. Luk 2,1-14, em: WA 10/I, 72, l. 19-73, l. 2).

²⁷ SESBOÜÉ, Bernard. A Virgem Maria. In: ID. (dir.): *História dos dogmas*. Tomo 3: Os sinais da salvação. São Paulo: Loyola, 2005, 465-514; aqui: 464.

²⁸ Cf. SCHILLEBEECKX, Edward: *Mariologia: ieri, oggi, domani*, p. 52-53.

²⁹ LG, 52-69

criatura de Deus, escolhida para a Missão de ser a Mãe do Filho de Deus encarnado. Sua grandeza encontra-se na escuta desse chamado e na fidelidade de vida ao mesmo, caminhando na fé. Dessa forma, Maria é vista agora mais em sua dimensão bíblica, inserida no interior do projeto salvífico do Pai em Jesus, do que pela dogmática.

O texto do número 58 de *Lumen Gentium*, lugar em que se encontra a referência explícita ao texto em questão neste trabalho, assim reza:

Na vida pública de Jesus, Sua mãe aparece duma maneira bem marcada logo no princípio, quando, nas bodas de Caná, movida de compaixão, levou Jesus Messias a dar início aos Seus milagres. Durante a pregação de Seu Filho, acolheu as palavras com que Ele, pondo o Reino acima de todas as relações de parentesco, proclamou bem-aventurados todos os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática (cfr. Mc. 3,35 e paral.; Luc. 11, 27-28); coisa que ela fazia fielmente (cfr. Luc. 2, 19 e 51). Assim avançou a Virgem pelo caminho da fé, mantendo fielmente a união com seu Filho até à cruz. Junto desta esteve, não sem desígnio de Deus (cfr. Jo.19,25), padecendo acerbamente com o seu Filho único, e associando-se com coração de mãe ao Seu sacrifício, consentindo com amor na imolação da vítima que d'Ela nascera; finalmente, Jesus Cristo, agonizante na cruz, deu-a por mãe ao discípulo, com estas palavras: mulher, eis aí o teu filho (cfr. Jo. 19, 26-27).

O presente texto, inserido dentro da 2ª secção do capítulo oitavo, “Maria na economia da Salvação”, é dedicado a tratar da pessoa de Maria durante a vida pública de Jesus. Nesse parágrafo, fazendo referência ao episódio de Jo 2,1-10, as Bodas em Caná, Maria é colocada ao lado de Jesus, desde o princípio da sua vida pública, como aquela que intercede junto a Jesus, autor da ação, o Messias, pois sabe a dor do povo (é misericordiosa). O texto desse parágrafo de *LG* segue apresentando Maria como discípula, caminhando em *peregrinação de fé*, aprendendo de seu Filho a realidade do Reino que, acima dos laços de parentesco e raça, proclama bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus, assim como ela o fez (referência às bem-aventuranças, Lc 11,27-28 e ao episódio do encontro de Jesus com seus familiares em Mc 3,35).

Como discípula, está fielmente presente ao pé da cruz de seu Filho, solidária com ele no sofrimento. O documento nos diz que “*consentindo com amor na imolação da vítima por ela mesma gerada*”. Esse sofrimento de Maria não está, de maneira alguma, desvinculado do sofrimento de seu Filho, mas, no amor que consente à ação redentora do Filho, sofre com ele. Diferentemente da idéia moderna, não é Maria quem oferece o Filho, mas sim, é Jesus que se oferece na cruz e, como Mãe e discípula, Maria participa dessa entrega no sofrimento solidário.

Por fim, esse número de *LG* faz menção à perícopos de Jo 19,25-27. Jesus, morrendo na cruz, entrega ao discípulo sua Mãe. Uma referência sem muitas interpretações explícitas. Apenas pode-se perceber que o Concílio, ao citar esse texto,

ênfatiza a nova missãõ de Maria: ser a mãe do discípulo. De maneira interessante, o nũmero 61, intitulado “A maternidade espiritual” nãõ ênfatiza essa entrega para justificar a maternidade espiritual de Maria com relaãõ à Igreja. O que é ressaltado, à luz de Jo 19,25-27, é a caminhada de fé de Maria junto ao seu Filho, na fidelidade até o fim. É por sua fidelidade à missãõ que Maria colobra no projeto salvífico do Pai em Jesus.

O nũmero 62 fala da intercessãõ dessa Mãe espiritual, alicerãando-a na caminhada de fé e missãõ de Maria, como Mãe e discípula, participando, assim como todos os fiéis, do sacerdõcio do ùnico mediador que é Cristo. “ Efetivamente, nenhuma criatura se pode equiparar ao Verbo encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdõcio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde variamente pelos seres criados, assim também a mediaãõ ùnica do Redentor nãõ exclui, antes suscita nas criaturas cooperaãões diversas, que participam dessa ùnica fonte”. Desta forma, aquela que foi fiel durante toda a vida, continua, na comunhãõ dos santos, a participar do sacerdõcio do prõprio Filho, intercedendo junto a ele pelos fiéis. O que anteriormente poderia soar como se Maria fosse uma espécie de “segunda” mediadora, é agora colocado no interior do prõprio mistério relacional do Cristo Cabeãa com os membros do seu corpo.

Assim, na leitura que encontramos em *LG*, a entrega ao discípulo e a maternidade espiritual de Maria só podem ser compreendidas no interior do prõprio Mistério Salvífico do Cristo, Filho e Senhor. Maria é Mãe dos fiéis, pois foi discípula fiel do Filho.

Paulo VI: Marialis Cultus

O Papa Paulo VI, na Exortaçãõ Apostõlica *Marialis Cultus*, disserta e aponta caminhos para o culto prestado a Maria na Igreja, a partir da perspectiva cristolõgica da liturgia, ênfatizada pela Constituiãõ Dogmática do Concílio Vaticano II *Sacrossanctum Concilium*. Para esse papa, a Mãe de Jesus é modelo da Igreja, no exercício do culto a Deus em Jesus, pois é exemplo de fé, esperanãa e caridade. Sua é fé expressãõ da perfeita uniãõ com o Cristo.

Paulo VI resalta o carãter intercessor de Maria e toma como base a passagem de Jo 2,1-11:

Maria, no ministério público de Jesus, se manifesta como intercessora. Porém, o que ela fez em Caná continua ainda hoje. E como em Caná a Virgem Santíssima, com a sua intervenção, obteve que Jesus realizasse o primeiro de seus milagres (cf. Jo 2,1-11), assim também na nossa época ela poderá, com a sua intercessão, propiciar o advento da hora em que os discípulos de Cristo reencontrem a plena comunhão na fé.³⁰

Paulo VI ainda destaca Maria como exemplo de vida de santidade para os fiéis:

Depois, a santidade exemplar da Virgem Santíssima estimula, realmente, os fiéis a levantarem "os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a comunidade dos eleitos" (LG 65). São virtudes sólidas e evangélicas, as suas: a fé e a dócil aceitação da Palavra de Deus (cf. Lc 1,26-28;1,45;11,27-28; Jo 2,5); a obediência generosa (cf. Lc 1, 38); a humildade genuína (cf. Lc 1,48); a caridade solícita (cf. Lc 1,39-56); a sapiência reflexiva (cf. Lc 1,29.34; 2,19.33.51); a piedade para com Deus, álcere no cumprimento dos deveres religiosos (cf. Lc 2,21.22-40.41), reconhecida pelos dons recebidos (cf. Lc 1,46-49), oferente no Templo (cf. Lc 2,22-24) e orante na comunidade apostólica (cf. At 1,12-14); a fortaleza no exílio (cf. Mt 2,13-23) e no sofrimento (cf. Lc 2,34-35.49; Jo 19,25); a pobreza levada com dignidade e confiante em Deus (cf. Lc 1,48; 2,24); a solicitude vigilante para com o Filho, desde a humilhação do berço até a ignomínia da cruz (cf. Lc 2,1-7; Jo 19,25-27); a delicadeza previdente (cf. Jo 2,1-12); a pureza virginal (cf. Mt 1,18-25; Lc 1,2638); e, enfim, o forte e casto amor esposal. Destas virtudes da Mãe se poderão também revestir os filhos que, com firmes propósitos, souberem reparar nos seus exemplos, para depois os traduzir na própria vida. E semelhante progresso na virtude aparecerá, assim, como consequência e fruto já maduro também, daquela força pastoral que promana do culto tributado à Virgem Santíssima.³¹

Assim, o culto a Maria, segundo Paulo VI em *MC*, não tem outra função que a de levar os homens a Cristo. Ou seja, Maria, por sua intercessão e exemplo de vida de santidade, se mostra como caminho a ser seguido na direção de seu Filho e Mestre.

No tocante à perícopes central deste trabalho, Jo 19,25-27, encontramos as melhores referências no n. 20 de *MC*:

Esta união da Mãe com o Filho na obra da Redenção (LG 57) alcança o ponto culminante no Calvário, onde Cristo "se ofereceu a si mesmo a Deus como vítima sem mancha" (Hb 9,14), e onde Maria esteve de pé, junto à Cruz (cf. Jo 19,25), "sofrendo profundamente com o seu Unigênito e associando-se com ânimo maternal ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que ela havia gerado" (LG 58), e oferecendo-a também ela ao eterno Pai. Para perpetuar ao longo dos séculos o Sacrifício da Cruz, o divino Salvador instituiu o Sacrifício eucarístico, memorial da sua Morte e Ressurreição, e confiou-o à Igreja, sua Esposa (SC 47), a qual sobretudo ao domingo, convoca os fiéis para celebrar a Páscoa do Senhor, até que Ele torne (SC 102 e 106): o que a mesma Igreja faz em comunhão com os Santos do céu e, em primeiro lugar, com a bem-aventurada Virgem Maria,(42) de quem imita a caridade ardente e a fé inabalável.³²

³⁰ *MC*, n. 33.

³¹ *MC*, 57e.

³² *MC*, n. 20c.

Na mesma perspectiva de *LG*, Paulo VI coloca a participação de Maria no sacrifício de Jesus não como algo exterior ao próprio Mistério da unidade de Cristo com os fiéis, mas no interior deste. Maria se ofereceu ao Pai junto com o Cristo na cruz. Nessa mesma perspectiva é compreendida a oferta eucarística que toda a Igreja faz de si ao Pai, por Jesus, perpetuando o Mistério salvífico da cruz. O centro da interpretação que *MC* faz de Jo 19,25 não está na entrega da mãe ao discípulo, mas sim, na presença fiel da Mãe aos pés do Filho crucificado.

João Paulo II: Redemptoris Mater

A Encíclica de João Paulo II, *Redemptoris Mater*, escrita por ocasião da inauguração do ano mariano na festa da Anunciação, no ano de 1987, figura como uma das importantes fontes para se conhecer o pensamento desse papa sobre a perícopa de Jo 19,25-27.

O documento está dividido em três partes: “Maria no Mistério de Cristo”, a “Mãe de Deus no centro da Igreja que está a caminho” e a “Mediação Materna”. Através dos títulos que encabeçam as partes desse documento, pode-se perceber que João Paulo II não rompe com a linha já estabelecida pelo Concílio Vaticano II. Maria é vista, a partir do interior do Mistério de Cristo e da Igreja, sob uma perspectiva escatológica.

Estabelecendo uma ponte entre os eventos de Jo 2,1-11 e Jo 19,25-27, João Paulo II vê, na primeira perícopa, o início da manifestação da maternidade de Maria, enquanto que na segunda, a sua confirmação. Em Caná, Maria é a intercessora que, com o seu pedido, apressa a hora messiânica. Sua atitude ajuda a suscitar a fé dos discípulos. Por sua fé, leva os outros a crerem.³³

João Paulo II estabelece, com relação a Jo 19,25-27, uma dupla interpretação. Por um lado, ele compreende a dupla entrega: “Eis aí tua Mãe; Eis aí teu Filho” (Jo 19,26) de maneira imediata, percebendo a preocupação do filho moribundo com o sofrimento de sua mãe que será deixada só após sua morte. Contudo, também compreende essas palavras como um testamento de Jesus: ao perceber o discípulo amado como representante de toda a humanidade, ele vê nessas palavras Cristo manifestando sua vontade quanto à sua Mãe e o discípulo. Assim, nesse sentido mais amplo, Maria é apresentada como Mãe de toda a humanidade.

³³ RM, n. 21

Se esta passagem do Evangelho de São João, sobre os factos de Caná, apresenta a maternidade desvelada de Maria no início da actividade messiânica de Cristo, há uma outra passagem do mesmo Evangelho que confirma esta maternidade na economia salvífica da graça no seu momento culminante, isto é, quando se realiza o sacrifício de Cristo na Cruz, o seu mistério pascal. A descrição de São João é concisa: "Estavam junto à Cruz de Jesus sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopá, e Maria de Magdala. Jesus, então, vendo a mãe e perto dela o discípulo que amava, disse à mãe: "Mulher, eis o teu filho!". Depois, disse ao discípulo: "Eis a tua mãe!". E a partir daquele momento, o discípulo levou-a para a sua casa" (Jo 19-, 25-27).

Neste episódio reconhece-se, sem dúvida, uma expressão do desvelo singular do Filho para com a Mãe, que Ele ia deixar no meio de tanto sofrimento. Todavia, quanto ao sentido deste desvelo, o "testamento da Cruz" de Cristo diz algo mais. Jesus põe em relevo um vínculo novo entre Mãe e Filho, do qual confirma solenemente toda a verdade e realidade. Pode dizer-se que, se a maternidade de Maria em relação aos homens já tinha aflorado e se tinha delineado em precedência, agora é claramente precisada e estabelecida: ela emerge da maturação definitiva do mistério pascal do Redentor. A Mãe de Cristo, encontrando-se na irradiação directa deste mistério que abrange o homem - todos e cada um dos homens - é dada ao homem - a todos e cada um dos homens - como mãe. Este homem aos pés da Cruz é João, "o discípulo que ele amava". Porém não é ele como um só homem. A Tradição e o Concílio não hesitam em chamar a Maria "Mãe de Cristo e Mãe dos homens": ela está, efectivamente, associada na descendência de Adão com todos os homens..., mais ainda, é verdadeiramente mãe dos membros (de Cristo)...., porque cooperou com o seu amor para o nascimento dos fiéis na Igreja".

Esta "nova maternidade de Maria", portanto, gerada pela fé, é fruto do "novo" amor, que nela amadureceu definitivamente aos pés da Cruz, mediante a sua participação no amor redentor do Filho.³⁴

1.2.5 Exegese científica

Ignace de la Potterie

Esse influente biblista perceberá as personagens Mãe de Jesus e Discípulo Amado a partir de sua importância "corporativa". Ou seja, para ele, não se trata de identificar simplesmente a Mãe de Jesus com Maria ou o Discípulo Amado com João. Tais personagens indicam grupos bem distintos no interior do Quarto Evangelho. Potterie, em consonância com a tradição veterotestamentária, expõe um estudo feito por Serra onde se pode perceber no vocativo "Mulher", aplicado à Mãe de Jesus, tanto em Caná como na cruz, a "Sião Messiânica", que é denominada "mulher" em diversos textos do Antigo Testamento, principalmente pelos profetas³⁵.

³⁴ RM, n.23

³⁵ LA POTTERIE, I. *Marie dans le mystère de l'alliance*. Paris: Desclèe, 1995. p. 244. (Col. Jesus et Jesus-Christ)

O Discípulo Amado, por sua vez, designa todos aqueles que se encontram na amizade de Jesus, os discípulos.

O caráter esteorotípico e enfático da fórmula “o discípulo que Jesus amava” chama a atenção para dois grandes temas joaninos: a condição mesma do discípulo e o amor de Jesus pelo discípulo. Não dá a compreender esta expressão em um sentido exclusivo, como se tratasse somente do discípulo que Jesus amava ou de uma preferência de Jesus por este discípulo [...] ‘O Discípulo que Jesus amava’ representa, então, os discípulos de Jesus, que como tais, são acolhidos na comunhão com o Cristo.³⁶

Para ele, ambas as figuras representam a Igreja. Contudo, Maria encarna a face maternal da Igreja, isto é, aquela que gera os filhos de Deus³⁷. Potterie enfatiza “a maternidade espiritual de Maria” enquanto esta é figura, tipo da Igreja, esposa e Mãe. O Discípulo Amado, esta face discipular da Igreja, ao assumir no interior de sua vida de fé (esta é a interpretação predominante que Potterie dá à expressão grega εἰς τὰ ἴδια) a Mãe de Jesus, a face genitora da Igreja, assume em sua missão a geração dos Filhos de Deus, filhos no Filho³⁸.

Schürmann

A tese defendida por esse autor, de caráter profundamente simbólico, apresenta a Mãe de Jesus, já nas Bodas em Caná, como símbolo daqueles que esperam a salvação e que solicitam o dom de Jesus. O dom do vinho pedido por Maria nas bodas se cumpre plenamente na consumação permanente na cruz. Assim, essa, que representa todos os que esperam na fidelidade o cumprimento da promessa, há de receber o discípulo amado no lugar de seu Filho; e o discípulo há de comunicar-lhe o que Jesus deixa. Para esse autor, na Mãe de Jesus “todos os que esperam a salvação são confiados à Testemunha (Discípulo Amado) e ao seu evangelho”³⁹. Schürmann percebe a personagem “Mãe de Jesus” como um símbolo que ultrapassa as barreiras geográficas e temporais.

³⁶ LA POTTERIE. Marie dans le mystère de l’alliance, p. 242-243.

³⁷ Cf. LA POTTERIE. Marie dans le mystère de l’alliance, p. 247.

³⁸ Cf. LA POTTERIE. Marie dans le mystère de l’alliance, p. 251-257.

³⁹ SCHÜRMAN, H. *Ursprung und Gestalt*, Düsseldorf, 1970, p. 255.

Schnackenburg

Esse especialista, em seu comentário ao evangelho de João⁴⁰ ao interpretar a perícopes de Jo 19,25-27, dentre tantas possibilidades que apresenta, aproxima-se da tese de H. Schürmann, que anteriormente foi exposta como sendo a mais aceitável.

Para Schnackenburg, a Mãe de Jesus representa o Israel que espera a manifestação do Messias e o reconhece em Jesus de Nazaré. Ela capta toda a tensão messiânica que antecede o relato de Caná (cf. Jo 1,31.41.45.49) e que é retomada na entrada em Jerusalém (cf. Jo 19,12). Sua figura contrabalança com a do judaísmo incrédulo que aparece em Jo 12,13. Na dupla entrega, é preciso perceber que não só Maria é entregue ao discípulo, que a leva para o interior de sua vida, mas que também ao discípulo ela é entregue como Mãe. Assim, pode-se perceber a intenção de recordar à comunidade cristã o regaço materno do qual Jesus e a própria Igreja mesma provêm.

Essa visão é reforçada pela figura do discípulo amado como aquele que é o homem de confiança de Jesus, o que abriu seu interior (cf. Jo 13,23-26), o crente (Jo 20,8) e que conhece pela fé (Cf. Jo 21,7) e que por isso é chamado a ser intérprete da revelação de Jesus. Ele é chamado a acolher não somente a mãe de Jesus no interior de sua casa, mas também a todos aqueles que esperam a salvação. Levando em conta o epílogo, Schnackenburg aponta para o discípulo como aquele que permanecerá como testemunho até que o Senhor venha. Dessa forma, se cumpre a missão terrena de Jesus, cuidando para que a revelação de Jesus se prolongue no futuro.

Schnackenburg também expõe, para rebatê-las, as interpretações de Bultmann e Kragerud para o relato da cruz. Para Bultmann, a Mãe de Jesus representaria o judeu-cristianismo, enquanto o Discípulo Amado seria a figura do cristianismo gentio. Em sua crítica, Schnackenburg percebe que essa interpretação não é convincente. Para ele, a interpretação de Maria como símbolo do judeu-cristianismo não se sustenta e o Discípulo Amado como o cristianismo gentio entra em choque com a dificuldade de que o termo discípulo está relacionado ao círculo coetâneo dos discípulos de Jesus. A única possibilidade de se fazer essa leitura seria sustentar a idéia de certa animosidade entre Pedro (representante do judeu-cristianismo) e o Discípulo Amado (cristianismo gentio). Contudo, segundo a tradição, Pedro não poderia estar presente ao pé da cruz.

⁴⁰ Cf. SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio segun San Juan: Version y Comentario*. Barcelona: Herder, 1980. vol. 3. p. 342-344.

Seguindo raciocínio semelhante, Kragerud avança uma interpretação de Jo 19,26s segundo a qual o Discípulo Amado representaria o primitivo profetismo cristão e Pedro a hierarquia eclesiástica. A cena que expõe o contraste entre esses dois grupos seria a da instituição do ministério pastoral de Pedro em Jo 21,15s. Segundo esse autor, o Discípulo Amado teria sido “ordenado sucessor de Cristo” antes de Pedro.

Léon-Dufour

Léon-Dufour opta por uma leitura semelhante àquela de Schnakenburg, já apresentada acima. Lendo a perícopes de Jo 19,25-27, em paralelo com a narrativa das Bodas em Caná (cf. Jo 2,1-11), o autor percebe a Mãe de Jesus, pela repetição do vocativo “*Mulher*”, como aquela que, nas Bodas, representava Israel à espera da intervenção salvífica de Deus e que, ao pé da Cruz, vê realizada a sua espera.

A equivalência simbólica pela qual a “mãe de Jesus” recapitula em sua pessoa a espera secular do povo que creu na Aliança (cf. Sl 87,5) muito provavelmente se encontra mantida de um relato ao outro. Mas a situação mudou. Diante da cruz, sob o olhar do Elevado, a Mulher que simboliza a espera da salvação prometida por Deus é associada ao Discípulo, que está além da espera: tendo repousado no peito do Revelador, o Discípulo aparece como testemunha verídica e o intérprete autorizado da plenitude recebida.⁴¹

Assim, para Léon-Dufour, o discípulo amado, testemunha fiel, será aquele que introduzirá a Mãe de Jesus, a parte fiel de Israel, no universo espiritual que lhe foi aberto pela proximidade com o Mestre. Por sua vez, reconhecendo na Mãe de Jesus também a sua origem, reconhecerá nela o lugar histórico de origem de sua fé, que se enraíza e se “refontaliza” para sempre na de Israel.

Para Léon-Dufour, no sentido óbvio do texto, o que nos é apresentado é a preocupação de um filho moribundo pelo futuro e sofrimento de sua mãe. Contudo, em sentido mais profundo, no nível simbólico, o que se manifesta nessa passagem é a consumação da espera do povo eleito. De maneira ativa, o Discípulo dará testemunho de tudo aquilo que ouviu e viveu com o Mestre. Dessa forma, conclui Léon-Dufour, “o Evangelho do qual o Discípulo é o garante assegurará para toda a duração da história a presença contínua da revelação que fora feita⁴²”.

Esse laço estabelecido entre a mãe de Jesus e o Discípulo Amado, é recíproco, porém desigual. O papel ativo é realizado pelo Discípulo Amado. É ele quem receberá a Mãe de Jesus aos seus cuidados. Para Léon-Dufour, o receber εἰς τὰ ἴδια

⁴¹ LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho de João*. São Paulo: Loyola, 1996. Tomo IV. p. 104. (Col. Bíblica Loyola 16)

⁴² LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho de João*, IV, p. 104.

significa um ato que perpetuará para sempre naquilo que constitui a própria identidade do Discípulo Amado, ou seja, na sua adesão ao Filho e na sua apropriação pessoal da Palavra⁴³.

[...] O neutro plural *tá idía* pode indicar globalmente o que alguém possui, mas também o fundo próprio de alguém (Jo 8,44; 15,19). Tratando-se aqui do Discípulo perfeito na fé, o termo pode significar sua adesão ao Filho, sua apropriação pessoal da Palavra.⁴⁴

Léon-Dufour aponta para uma diferença entre sua interpretação e a proposta idealizada por Schürmann⁴⁵. Enquanto este autor vê na Mãe de Jesus todos os que no mundo, em qualquer tempo, aguardam a revelação plena, Léon-Dufour vê somente Israel, pois é a fé desse povo que desemboca na plenitude da mensagem evangélica.

[...] a essa hipótese sedutora (Schürmann) opõe-se uma dificuldade: como a Testemunha e, depois dela, os pregadores do Evangelho poderiam reconhecer como sua mãe os que buscam a verdade e a salvação? A nosso ver, segundo a palavra de Jesus na cruz, é a fé de Israel que desemboca na plenitude da mensagem evangélica.⁴⁶

1.2.6 Balanço

Depois de ter exposto diversas interpretações que a perícopes de Jo 19,25-27 teve ao longo da história, façamos agora o balanço, percebendo as evoluções e os pontos em comum, bem como as idéias que prevalecem em cada momento histórico.

Período patrístico

Percebe-se que o primeiro a interpretar o Evangelho de João, Irineu de Lião, não se preocupa propriamente com a perícopes em questão. Com Ambrósio de Milão, porém surge, na patrística latina, uma primeira interpretação relevante para nossa pesquisa. O autor nos permite duas vias para a leitura dessa perícopes: a psicológico-moral e a simbólica. Pela via psicológico-moral, Ambrósio aborda o sentido direto do texto. De fato, numa leitura mais de superfície, o que salta aos olhos do leitor é a preocupação do Filho que está prestes a morrer enquanto sua mãe será deixada sozinha. Sendo viúva, e seu filho não possuindo prole, a posição da mãe, dentro da sociedade judaica, seria muito complicada. Assim, o coração filial de Jesus se preocupa com o

⁴³ Cf. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho de João*, IV, p. 105-106.

⁴⁴ LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho de João*, IV, p. 104.

⁴⁵ Tese exposta quando tratamos da interpretação de Schnackenburg.

⁴⁶ LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho de João*, IV, p. 104.

futuro de sua mãe, deixando-a sob os cuidados daquele que lhe era mais próximo. Nesse primeiro nível, tanto a Mãe de Jesus quanto o Discípulo Amado são identificados com pessoas, respectivamente, Maria de Nazaré e João, filho de Zebedeu.

A segunda via apontada por Ambrósio nos situa no campo simbólico. Maria nos é apresentada como figura da Igreja, presente em aparência já no antigo povo (Israel), que gerou o Messias e agora se une a um novo povo na cruz. Dessa forma, Ambrósio parece encontrar um sentido mais de superfície e outro mais profundo para a passagem, sem descartar nenhum dos dois. Ao mesmo tempo em que a Mãe de Jesus é vista como Maria de Nazaré, a ponto de Ambrósio perceber nessa passagem a prova de sua virgindade perpétua, pois não existiria mais ninguém para cuidar dela depois da morte do único filho, ela também é vista como figura da Igreja, como povo fiel, presente já no povo da Antiga Aliança.

Em Agostinho, percebe-se uma interessante mudança: não há mais a compreensão da Mãe de Jesus como símbolo. Agostinho foca sua interpretação na figura de Maria de Nazaré como mãe de Jesus. Ele, fazendo um ponto com os relatos de Caná, se fixará no paradoxo da frieza do diálogo entre Jesus e Maria em Caná e no profundo cuidado demonstrado quando da cruz. Ele recorre à dupla realidade de Jesus Cristo: homem e Deus. Em Caná, quando age a divindade de Jesus, sua resposta é distante, pois é o Cristo que ali age. Na cruz, quando a dor e o sofrimento humanos aparecem com maior força, Jesus reconhece a carne que o gerou, por isso, a docilidade e o cuidado.

Enquanto Ambrósio ainda dá certo peso ativo à figura do Discípulo Amado, Agostinho o coloca, na interpretação desta perícopé, em segundo plano. Ele é quem receberá a Mãe. O foco vai se fixando na figura de Maria, enquanto o Discípulo Amado vai tomando um papel secundário, quase passivo, na ação.

Período Medieval

Como representante desse período, escolhemos Bernardo de Claraval. O foco da interpretação que se encontra no Doutor Melífluu está centrado na figura de Maria. Há total identificação entre a Maria de Nazaré e a figura da Mãe de Jesus de João. A frase evangélica “Mãe, eis aí o teu filho” é interpretada como cumprimento da profecia de Simeão: “Uma espada de dor transpassará o seu peito”, presente no evangelho de Lucas.

Bernardo enfatiza o sofrimento da Mãe, colocando-a como uma espécie de mártir junto à cruz. Ela sofre com o filho na cruz. A figura do Discípulo Amado fica totalmente em segundo plano na ação e identificada com o apóstolo João. Nessa ênfase ao sofrimento de Maria, a dupla entrega é percebida como a substituição do Filho, Deus verdadeiro, pelo homem João. A leitura que Bernardo estabelece, portanto, fica no primeiro nível de abordagem do texto, numa leitura mais “histórica” do relato, centrada na pessoa de Maria e seu sofrimento.

Tomás de Aquino, alicerçado sobre a interpretação de Jerônimo no trecho que citamos, está preocupado em discutir a “virgindade do Apóstolo João”. Serve-se, como é próprio dos autores de seu tempo, de uma interpretação historicista das figuras do Discípulo Amado e da Mãe de Jesus.

Período Moderno:

A interpretação que encontramos em Santo Afonso Maria de Ligório nos leva à percepção de Maria como co-redentora. Em seu martírio ao pé da cruz, Maria oferece o seu Filho pela salvação do mundo. Aqui, definitivamente, o foco está centrado na figura de Maria. Por seu sofrimento e entrega do filho, ela se torna mãe espiritual de todos os fiéis.

Novamente a figura do Discípulo Amado é ligada a João, o apóstolo, e fica em segundo plano. Interessante perceber que, aqui, João figura como a imagem do homem redimido. É pela oferta que Maria faz de seu filho que os homens são salvos.

Até aqui, percebe-se como a interpretação dessa perícópe foi ficando cada vez mais centrada na pessoa de Maria. Ela é identificada, sem mais problemas, com a Mãe de Jesus mencionada no evangelho de João. A figura do Discípulo Amado, identificado com João, vai ficando cada vez mais passiva e obscurecida. Assim, vê-se nascer uma interpretação “mariocentrista” da perícópe que está sendo trabalhada. Se em nenhum momento se perde o centro no Mistério da Salvação manifesto em Jesus, contudo, a figura de Maria vai crescendo em tais proporções que, em Santo Afonso, ela se torna corredentora.

A linha de interpretação simbólica que se encontra em Ambrósio de Milão vai se perdendo no decorrer da história da interpretação. O que vai se fixando é a via de interpretação mais psicológica e devocional mariana. Uma reação contra isso se desenha a partir do Concílio Vaticano II.

Magistério recente da Igreja.

Nossa análise esteve centrada nos documentos do Concílio Vaticano II e em dois documentos papais recentes. É interessante perceber que as percepções presentes no Concílio abrem novas possibilidades de interpretação ao romper com certo “mariocentrismo” presente. *Lumen Gentium* recoloca a figura de Maria na Igreja explicitamente em função do Mistério de Cristo e da Igreja. Sua dignidade está no fato de ter sido Mãe e Discípula. Nesse sentido, Maria se oferece no Cristo ao Pai como todos os fiéis o fazem. Penso que interpretações que veem Maria como segunda mediadora e corredentora não mais se sustentam no contexto posterior à *Lumen Gentium*. A intercessão de Maria passa a ser entendida no interior da “comunhão dos santos”.

Os documentos papais posteriores que foram analisados seguem na mesma linha. Assim, essa nova mentalidade, bem mais próxima da encontrada no período patrístico, possibilita o nascimento de novas interpretações, como é o caso dos especialistas que foram consultados quando se descreveu o período contemporâneo.

Exegese científica:

Com a abertura proporcionada pela mentalidade condensada no Concílio Vaticano II, novas interpretações da perícopa de Jo 19,25-27 surgiram. Tanto Potterie como Schürmann, Schnackenburg e Léon-Dufour tendem a uma análise mais simbólica do texto joanino. Esse simbolismo, que retoma a linha perdida desde Ambrósio, permitiu a possibilidade de uma leitura mais global das Escrituras, dentro do espírito presente entre os escritos sagrados do Novo Testamento, em que a Boa-Nova presente em Jesus é cumprimento de toda a espera messiânica de um povo que se percebe em Aliança de vida com seu Deus.

Ao se deixar de lado o exagerado mariocentrismo presente nas interpretações anteriores, gradualmente, a importância da figura do Discípulo Amado é retomada nas interpretações recentes dessa perícopa. Assim, o leque se amplia ao demonstrar a riqueza presente na tradição milenar onde o cristianismo lançou suas raízes. De maneira alguma Maria perde seu lugar na história salvífica, mais do que isso, reencontra seu lugar de direito, como discípula e Mãe do Salvador. A presente interpretação aproxima-se de uma possível compreensão condizente com o contexto do autor do Quarto Evangelho, ou seja, de um judeu religioso, criado na esperança da

realização plena da Aliança de Deus com seu povo e que percebe em Jesus o centro e o cumprimento de sua fé e esperança.

Schnackenburg, em seu comentário ao Evangelho de João⁴⁷, reuniu em quatro grupos temáticos diferentes, as interpretações que a perícopes em questão teve ao longo da história: *historicista*, *tipológico-simbólica*, *mariológica* em estrito senso e *outras interpretações simbólicas*. A exposição desse interessante estudo servirá para completar e sintetizar ainda mais o caminho feito até agora, pois, assim, o que foi apresentado primeiro de maneira mais discursiva é aqui retomado criticamente, num enfoque mais metodológico e atento às categorias que se apresentam.

Interpretação historicista:

Nesse tipo de interpretação não se vê mais do que a solicitude filial de Jesus para com Maria, sua mãe. Essa leitura já se encontra presente nos santos padres e foi até utilizada como prova de que as expressões “irmão” ou “irmã” de Jesus, nos evangelhos (Mc 6,3par; Jo 2,12) se referiam a parentes e não a filhos da mesma mãe. Conseqüentemente, essa interpretação será usada para falar da virgindade perpétua de Maria, como se viu no pensamento de Ambrósio de Milão.

Contra essa forma de interpretação pesam o inegável interesse teológico do evangelista no resto da narrativa da paixão e a ausência de menção, até aquele momento, de solicitude terrena de Jesus para com sua Mãe.

A maioria dos defensores da leitura historicista supõe que o Discípulo Amado seja o apóstolo João, que teria levado Maria para sua casa depois da morte de Jesus.

Interpretação tipológico-simbólica:

Essa via de interpretação, presente de maneira mais difundida na exegese eclesiástica desde o século XII, percebe Maria como imagem da Igreja. Para isso, utilizará os termos “mãe” e “mulher” em consonância com as imagens veterotestamentárias de Israel ou Sião como mulher e mãe. Retomam a tipologia patrística “Eva-Maria”. Schnackenburg questiona se realmente essa tipologia e visão de Igreja, muito centrada na figura de Maria, está presente no pensamento do autor do Quarto Evangelho. Ele vê como mais provável a interpretação simbólica que percebe a

⁴⁷ Cf. SCHNACKENBURG. El Evangelio segun San Juan, p. 344-346

Mãe de Jesus como tipo do *antigo* povo, o que possibilitaria a percepção e valorização do Discípulo Amado, figura também de grande peso na narrativa, como representante do *novo* povo.

Interpretação mariológica em estrito senso:

Esse tipo de interpretação vê a incorporação de Maria a uma função pessoal de alcance teológico ou histórico-salvífico, como, por exemplo, percebê-la como mãe de todos os crentes ou da Igreja. As interpretações variam de acordo com a índole de sua ação na Igreja ou para a Igreja. A crítica que Schnakenbrug faz é que não se encontra nenhuma menção explícita ou específica nos textos que corrobore essas afirmações. É mais fácil, segundo esse estudioso, encontrar o apoio para essas ideias na tradição eclesiástica do que tê-las como ideias joaninas.

Outras interpretações simbólicas:

Ao considerar a opinião de Schnackenburg, constata-se que esse autor destaca ainda a interpretação feita por Bultmann e por Kragerud. Bultmann percebe a figura da Mãe de Jesus, firme ao pé da cruz e confessando sua fé, como o judeu-cristianismo, enquanto o discípulo amado representaria o cristianismo de origem gentio. A dificuldade dessa interpretação se situa no fato de que esse Discípulo já se encontra no círculo dos discípulos de Jesus, restando, assim, a sustentação da idéia de Bultmann somente sobre uma possível tensão entre Pedro e esse Discípulo. Kragerud parece concordar com o pensamento de Bultmann ao postular Pedro como representante da hierarquia eclesiástica e o Discípulo Amado, aos pés da cruz, como imagem do primitivo profetismo cristão.

Tais interpretações se aliam a outras semelhantes, ao longo da história, e vêm carregadas de pré-concepções acerca da figura do Discípulo Amado que carecem de respaldo no texto do evangelho.

*

Ao fim dessa apresentação, vê-se que nossa hipótese encontra apoio especialmente na interpretação dos teólogos contemporâneos. De maneira especial, será Xavier Léon-Dufour o teólogo que mais nos oferecerá elementos para desenvolver nossa hipótese inicial.

Embora em alguns autores do período patrístico se encontre abertura para a possibilidade de uma leitura simbólica, tipo de leitura que buscamos realizar em nosso trabalho, percebe-se que nos distanciamos do pensamento desses autores sobre a perícopes, principalmente ao se optar por uma leitura que não faça coincidir os símbolos “Mãe de Jesus” e “Discípulo Amado” com as figuras históricas de Maria de Nazaré e do Apóstolo João.

Buscar-se-á, ao longo de nosso estudo, relacionar a cena em questão com vários outros textos joaninos e com seu contexto narrativo imediato (a Glorificação do Filho na Cruz), a fim de mostrar como ali se expressa a unificação de toda a História Salvífica. O passado dessa história (Mãe de Jesus) e seu futuro (Discípulo Amado, enquanto é aquele que dará testemunho da plenitude realizado por Deus no Cristo) encontram seu sentido pleno no eterno presente salvífico do Ressuscitado. No crucificado, a História de Deus com os Homens é recapitulada, encontrando nele seu sentido profundo. O povo da Aliança encontra a realização da plenitude de sua esperança no Cristo. Plenitude que se descortina em futuro aberto pela presença do Cristo no testemunho da comunidade guiada pelo Espírito do Crucificado-Enaltecido.

Capítulo II: A construção das identidades na narrativa

Após haver percebido, no capítulo anterior, como válida a possibilidade de uma leitura de caráter simbólico da perícope de Jo 19,25-27, iniciar-se-á a aplicação do método escolhido para nossa interpretação, a saber, a análise narrativa. Como primeiro passo, nosso foco se fixará nas personagens protagonistas da cena narrada na perícope em questão.

Antes de se iniciar a análise propriamente dita, explicitar-se-á o caminho metodológico. Na perícope em questão, encontraram-se no centro da ação basicamente três personagens: a “Mãe de Jesus”, o “Discípulo Amado” e o “Crucificado”. Tendo optado por fazer uma análise de caráter narrativo, nossa preocupação será tratar o texto canônico. Seguindo esse método, buscou-se para cada uma dessas personagens, após analisar as suas aparições no decorrer do evangelho, construir sua “identidade” na narrativa, dizer “quem são”, a partir do texto, essas personagens envolvidas na cena. Feito esse procedimento, situar-se-á a perícope, no contexto global da narrativa evangélica de João, para, depois, encerrar detalhando a mensagem contida no referido trecho, o que será feito no Capítulo III deste trabalho.

1. A Mãe de Jesus:

A expressão “Mãe de Jesus”, em grego, μήτηρ τοῦ Ἰησοῦ, aparece em apenas dois episódios em todo o Evangelho de João, a saber, na perícope conhecida como das “Bodas em Caná” (2,1-11) e aquela que denominamos “Aos pés do Crucificado” (19,25-27). Ambas estão profundamente marcadas por um viés escatológico. A hora da “glorificação do Filho”, tema que será aprofundado mais à frente, dá o tom de fundo às duas perícopes. A isso atribuímos, como exposto anteriormente, um primeiro indício de que tais narrativas possuam profundo caráter simbólico, indo, assim, além de uma narrativa de caráter meramente histórico. Dessa forma, é necessária a exposição de algumas considerações prévias sobre a expressão “Mãe de Jesus”, antes de proceder propriamente ao estudo das perícopes.

1.1 Considerações prévias:

Chama-nos a atenção o fato de que, diferente do modo assumido pelos sinópticos, a expressão “Mãe de Jesus” não esteja explicitamente associada ao nome Maria de Nazaré. Dessa forma, a expressão parece indicar aquela que gerou Jesus, o Filho de Deus. Voltando nossos olhos para a tradição veterotestamentária, principalmente na literatura profética, percebe-se que Israel, em diversas passagens, é tratada como mulher, esposa de Deus e mãe.

O profeta Oséias aplica à Aliança de Deus com o povo o vocabulário de uma aliança conjugal. Israel é vista como a esposa infiel que rompe a Aliança com seu Deus e busca outros deuses pagãos. Enquanto isso, Deus é o esposo fiel que mantém sua aliança, mesmo diante da infidelidade de sua esposa, chamando-a continuamente, pela boca do profeta, ao retorno à comunhão amorosa. No profeta Isaías, Israel toma as feições de uma mãe (Is 49,20-22; 54,1; 66,7-11). Ela é a “Sião messiânica”, lugar capital de reunião do povo eleito no final dos tempos.

Assim, o exegeta Léon-Dufour afirma sobre a figura da “Mãe de Jesus” em João:

[...] Israel é simbolizado pela mãe de Jesus, [...]. Maria não é designada pelo seu nome e sim como “mãe de Jesus”; é também chamada “Mulher”, e isso é intencional. Tal como o “discípulo que Jesus amava”, ela tem um valor que sobrepuja sua individualidade. O título “Mulher”, sem dúvida, não se refere à primeira, o que faria de Maria uma nova Eva; ele evoca a Sião ideal, representada ela própria na Bíblia sob os traços de uma mulher e, mais precisamente, sob os de uma mãe. Maria personifica a Sião messiânica que reúne os filhos ao seu redor por ocasião dos fins dos tempos. Na verdade, ela é, antes de tudo, a personificação de Israel.¹

Sustentam ainda semelhante posição os exegetas J. Mateos e J. Barreto que percebem na personagem “Mãe de Jesus” uma figura representativa do Israel fiel às promessas, do qual Jesus teve sua origem humana².

Feitas essas considerações iniciais, cabe-nos agora analisar a passagem supracitada onde ocorre a expressão “Mãe de Jesus”.

¹ LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho de João: Palavra de Deus*. São Paulo: Loyola, 1996. Tomo I. p. 174-175. (Col. Bíblica Loyola 13).

² Cf. MATEOS, J.; BARRETO, J. *Verbete: “Mãe”*. In: ID. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 173.

1.2 As Bodas em Caná da Galiléia (2,1-11)

Texto grego	Tradução instrumental
¹ Καὶ τῇ ἡμέρᾳ τῇ τρίτῃ γάμος ἐγένετο ἐν Κανὰ τῆς Γαλιλαίας, καὶ ἦν ἡ μήτηρ τοῦ Ἰησοῦ ἐκεῖ·	¹ E no terceiro dia um casamento veio-a-ser em Cana da Galiléia, e estava a mãe de Jesus lá.
² ἐκλήθη δὲ καὶ ὁ Ἰησοῦς καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ εἰς τὸν γάμον.	² Fora chamado também Jesus e seus discípulos para o casamento.
³ καὶ ὑστερήσαντος οἴνου λέγει ἡ μήτηρ τοῦ Ἰησοῦ πρὸς αὐτόν· οἶνον οὐκ ἔχουσιν.	³ E faltando vinho, diz a mãe de Jesus a ele: “Vinho eles não têm.”
⁴ [καὶ] λέγει αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς· τί ἐμοὶ καὶ σοί, γύναι; οὐπω ἦκει ἡ ὥρα μου.	⁴ [E] diz-lhe Jesus: “Que para mim e para ti, mulher? Ainda não veio minha hora.”
⁵ λέγει ἡ μήτηρ αὐτοῦ τοῖς διακόνοις· ὅ τι ἂν λέγῃ ὑμῖν ποιήσατε.	⁵ Diz sua mãe aos servidores: “O que ele disser a vós, fazei-o.”
⁶ ἦσαν δὲ ἐκεῖ λίθιναι ὑδρίαὶ ἕξ κατὰ τὸν καθαρισμὸν τῶν Ἰουδαίων κείμεναι, χωροῦσαι ἀνὰ μετρητὰς δύο ἢ τρεῖς.	⁶ – Estavam lá seis talhas de pedra conforme a purificação dos judeus deitadas, medindo dois ou três metretas.
⁷ λέγει αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· γεμίσατε τὰς ὑδρίας ὕδατος, καὶ ἐγέμισαν αὐτὰς ἕως ἄνω.	⁷ Diz-lhes Jesus: “Enchei as talhas com água.” E encheram-nas até em cima.
⁸ καὶ λέγει αὐτοῖς· ἀντλήσατε νῦν καὶ φέρετε τῷ ἀρχιτρικλίνῳ· οἱ δὲ ἤνεγκαν.	⁸ E diz-lhes: “Hauri agora e levai ao mestre-sala.” Eles (porém) levaram.
⁹ ὡς δὲ ἐγεύσατο ὁ ἀρχιτρικλίνος τὸ ὕδωρ οἶνον γεγενημένον καὶ οὐκ ᾔδει πόθεν ἐστίν, οἱ δὲ διάκονοι ᾔδεισαν οἱ ἠντληκότες τὸ ὕδωρ, φωνεῖ τὸν νυμφίον ὁ ἀρχιτρικλίνος	⁹ Quando tinha provado o mestre-sala da água tornada vinho –e não sabia de onde era, os servidores porém o sabiam, que tinham haurido a água–, chama o mestre-sala o noivo
¹⁰ καὶ λέγει αὐτῷ· πᾶς ἄνθρωπος πρῶτον τὸν καλὸν οἶνον τίθησιν καὶ ὅταν μεθυσθῶσιν τὸν ἐλάσσω· σὺ τετήρηκας τὸν καλὸν οἶνον ἕως ἄρτι.	¹⁰ e diz-lhe: “Todo homem põe primeiro o bom vinho e quando ficam embriagados, o inferior. Tu guardaste o bom vinho até agora.”
¹¹ Ταύτην ἐποίησεν ἀρχὴν τῶν σημείων ὁ Ἰησοῦς ἐν Κανὰ τῆς Γαλιλαίας καὶ ἐφάνερωσεν τὴν δόξαν αὐτοῦ, καὶ ἐπίστευσαν εἰς αὐτὸν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ.	¹¹ Este início dos sinais fez Jesus em Caná da Galiléia e manifestou sua glória e acreditaram nele os seus discípulos.

De antemão, cabe-nos a afirmação de que o presente relato não encontra paralelo nos sinópticos. Se João recebeu esse relato de uma tradição mais antiga, não nos cabe aqui responder; contudo, é certo que, dentre os evangelhos canônicos, esse relato é próprio de João. Tal fato vem reforçar a importância dessa narrativa para a construção literária do presente evangelho. Assim, as bodas figuram na obra de João como prefiguração simbólica das bodas definitivas entre Deus e seu povo, realizada no “Cordeiro” Jesus.

O lugar onde essa festa de casamento se realiza é profundamente significativo: Caná, situada na Galiléia “das nações” (Is 9,1), lugar da acolhida de Jesus,

diferentemente de Jerusalém. O relato que antecede essa perícopes (a saber, o diálogo entre Jesus e Natanael³) termina com uma afirmação que encontra ressonâncias na literatura apocalíptica: a vinda do Filho do Homem (1,51). Na literatura bíblica canônica, encontra-se imagem semelhante em Dn 7,13, já largamente utilizada no Evangelho de Marcos. Na literatura apócrifa, encontra-se ressonância no livro de Henoc⁴. Essa imagem prepara tudo o mais que virá e, imediatamente, a primeira manifestação pública do Filho.

1.2.1 Sobre a estrutura da perícopes e sua especificidade.

Em um primeiro momento, faz-se necessário perceber que a narrativa das Bodas em Caná não pode ser reduzida a uma mera narrativa de informação histórica. Determinadas ausências no texto, como, por exemplo, o nome do noivo e a figura explícita da noiva, bem como algumas ênfases, o número e a qualidade das talhas utilizadas no “sinal”, a descredenciam como mera narrativa de informação e apontam para a necessidade de uma leitura a partir de outro registro.

A estrutura da presente perícopes apresenta as principais características do gênero narrativo evangélico denominado pelos especialistas como “narrativa de milagres”: descrição do ambiente (v.1-2), pedido de intervenção (v.3-5), intervenção (v.6-8), constatação do prodígio (v.9-10), conclusão admirativa (v.11). Contudo, em consonância com o exegeta Xavier Léon-Dufour, percebe-se que esse relato vai além de sua estrutura, constituindo-se, assim, um sinal *sui generis* em João.

João, ao falar da ação miraculosa de Jesus, diferentemente dos sinópticos, que utilizam geralmente a expressão “atos de poder” (*dynamis*), faz uso da expressão “sinais” (*seméion*). Ao todo, são encontrados sete sinais em João⁵. Faculdade própria do sinal é a de apontar para outra realidade que não ele mesmo. Distanciando-nos da possibilidade de uma leitura alegórica, percebe-se que no caso desse relato, não se trata de sinais dispersos pelo texto (como é bem próprio da leitura alegórica), mas a própria

³ Natanael: chamado por Jesus de “um verdadeiro israelita, em quem não há dolo”, portanto, figura como aquele que faz parte do Israel que permaneceu fiel. A frase de Jesus “Antes que Filipe te chamasse, te vi eu, estando tu debaixo da figueira” nos remete à figueira da passagem de 1Rs 4,25 onde Judá e Israel habitavam seguros.

⁴ Henoc 46,1.2.3; 48,2; 61,10.13.17; 62,15; 68,38.39.40.41; 69,1;

⁵ Os sete sinais são: As núpcias em Caná (2,1-11), a cura do filho do nobre (4,46-54), cura do paralítico (5,1-18), multiplicação dos pães (6,1-15), Jesus caminha sobre as águas (6,16-21), cura do cego (9,1-41), ressurreição de Lázaro (11,1-44).

narrativa é “simbólica”. na medida em que aponta para uma única realidade que a organiza e a preenche de sentido. Como é próprio desse evangelista, as narrativas simbólicas dos sinais cumprem a função de revelar/comunicar uma face da identidade messiânica de Jesus Cristo, o Filho unigênito do Pai.

Em 2,11, encontramos a expressão ταύτην ἐποίησεν ἀρχὴν τῶν σημείων, que qualifica, de maneira especial, esse sinal. Embora esse “início dos sinais” também signifique o princípio da sequência dos sinais de Jesus, percebe-se ainda que, sob o prisma escatológico, possa essa expressão apontar para o início de uma nova realidade que se inaugura com os sinais. Isso se deve à interpretação da palavra grega *arché*, que implica dois sentidos: um sentido “temporal”, que marca o início da enumeração dos sinais que não de ser manifestos ao longo do livro, e um sentido “qualitativo”, ou seja, o princípio de uma nova realidade que estará presente, de agora em diante, no texto do evangelho. Esse segundo sentido, para o qual apontamos, explicita o grande alcance que possui essa palavra. Partindo do fato, anteriormente exposto de que esse sinal não é acompanhado de nenhuma palavra que ajude em sua interpretação, Léon-Dufour pergunta:

“Não será porque o sinal da água transformada em vinho ‘é o arquétipo no qual se acha prefigurada e pré-contida toda a série [dos sinais]?’”⁶

Assim, esse especialista prefere traduzir o termo *arché* como “protótipo”, ou seja, um fato que designa ao mesmo tempo algo original e exemplar. Dessa feita, fica salvaguardado o valor de “princípio” totalizador que engloba os demais sinais que posteriormente virão.

1.2.2 A cronologia e o lugar das Bodas:

Cronologia:

João nos oferece duas referências cronológicas para os eventos de Caná: o “terceiro dia⁷”, por sua vez inserido no quadro de uma “semana⁸”. Em ambas as referências ressoam textos importantes do Antigo Testamento. A seguir, serão estudadas essas duas referências, buscando-se perceber o conteúdo simbólico existente.

⁶ LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho de João*, I, pág. 166

⁷ Jo 2,1.

⁸ Jo 1,19. 28.35.43

O terceiro dia

As Bodas acontecem no “terceiro dia” e, em João, essa cronologia está em profunda relação com a “hora” do Filho (cf. Jo 1,51; 2,4). Essa expressão (terceiro dia) é recorrente na narrativa de eventos importantes na história de Israel⁹. Segundo Konings,

“o terceiro dia” não deve ser entendido apenas como elemento narrativo, mas como indício de simbolismo. Na Bíblia “o terceiro dia” não deve ser entendido matematicamente; geralmente indica um breve lapso de tempo, às vezes relacionado com o (pronto) agir divino...”¹⁰.

Em João, esse terceiro dia finaliza a comumente denominada “semana inaugural”. Essa sequência que marca o início da vida pública de Jesus tem início com o testemunho de João Batista (1,19-28); segue com a apresentação de Jesus por João Batista como o “Cordeiro de Deus” (1,29-34); com o chamado de Simão Pedro e André (1,35-42) e no quarto dia é narrada a vocação de Natanael e Filipe e as promessas, feitas a Natanael, de que este veria a manifestação da Glória de Deus no Filho (1,51). Em seguida, encontra-se a expressão “terceiro dia” iniciando o relato das núpcias, totalizando sete dias.

Primeiro dia	O testemunho de João Batista (1,19-28)
Segundo dia	A apresentação de Jesus por João Batista como o “Cordeiro de Deus” (1,29-34)
Terceiro dia	Chamado de Simão Pedro e André (1,35-42)
Quarto dia	Vocação de Natanael e Filipe e as promessas feitas a Natanael (1,51)
Quinto dia	Terceiro dia: Bodas em Caná
Sexto dia	
Sétimo dia	

A expressão “terceiro dia”, no contexto das núpcias¹¹, nos remete principalmente aos eventos narrados em Ex 19,11ss., quando Deus e Israel estabelecem sua Aliança no Sinai e o povo recebe de Deus a Lei; acontecimento que se dá no “terceiro dia”. Desse modo, o presente relato simbólico, parece prefigurar o

⁹ Simoens realiza um interessante estudo sobre esta expressão: SIMOENS, Yves. *Selon Jean : Une interpretation*. Éditions de l'Institut d'Études Théologiques: Bruxelles, 1997. Tomo II. p.130-133.

¹⁰ KONINGS, J. *Evangelho segundo João: Amor e Fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 100.

¹¹ De agora em diante utilizaremos o termo “núpcias” no lugar de “bodas”, visto que em português mais bem expressa o sentido desejado. O termo núpcias tem grande peso teológico. Por diversas vezes, a dinâmica nupcial foi utilizada no Antigo Testamento, largamente pelos profetas, em referência à Aliança de Deus com Israel (Os 2,16-25; Jr 2,1-2; 3,1.6-12; Ez 16; Is 50,1; 54,2-8; 62,4-5; Sl 45; entre outros). No Novo Testamento, o Reino de Deus é comparado a uma festa de casamento (Mt 22,1-14; 5,25-33). Paulo nos apresenta Jesus como o esposo (2Cor 11,2; Ef 5,25-33). O Apocalipse fala das “núpcias do cordeiro” (Ap 21,9).

aperfeiçoamento da Aliança realizado na Glorificação do Filho. Em João, não se tem uma “Nova Aliança”, no sentido de uma anulação daquela feita no Sinai, mas sim, sua novidade está na plenificação da Aliança por meio do Filho, o Verbo encarnado¹².

Sobre esse paralelo entre os eventos de Ex 19,11ss. e as núpcias em Caná, Manns afirma:

“...de acordo com Ex 19,11 é no terceiro dia que Deus desceu sobre a montanha Sinai. De acordo com a versão do Targum este terceiro dia não é outro que o sexto dia. Com efeito, a versão litúrgica do Targum apresenta o dom da lei no âmbito da semana, como Jo 1,19-2-12. João põe o terceiro dia em relação com a hora de Jesus que é a da Paixão e Glorificação. Esta hora está fixada pela vontade do Pai. Em Caná e no Calvário, são as núpcias entre Cristo e a Igreja aqui realizadas e lá prefiguradas.”¹³

Para o referido autor, o “terceiro dia” é um *hapax* joanino frequentemente utilizado em referência à Ressurreição. Continuando a reflexão sobre essa expressão, Manns afirma¹⁴:

“A sua origem veterotestamentária e a sua releitura sinagoga permitem afirmar que é equivalente ao dia salvação. No âmbito temporal de Jo 1,19.29.35.42 a menção ao terceiro dia toma um suplemento de sentido: poderia evocar o esquema de sete dias.”¹⁵

Na sequência, o autor nos apresenta um esquema do paralelo entre a leitura do Targum para a Teofania de Ex 19 e os acontecimentos nas núpcias em Caná:

Moisés e Jesus são chamados (*ekalesen-eklêthê*) e a seguir descem (*katebê*).

O povo obedece às ordens (Ex 19,8 e Jn 2,5).

O tema da purificação é mencionado em Ex 19,10 e Jn 2,6.

A Glória de Deus manifesta-se e provoca a fé (ex 19,9 e Jn 2,11).

Por último, no Sinai Israel é apresentado como uma esposa e a fé comparada com o vinho permitem identificar o Sinai ao lugar da festa. É no Sinai que Israel tornou-se posse (*Qana*) de Deus¹⁶.

A “*semana*”:

Quanto à cronologia marcada por sete dias, acredita-se que, tanto os relatos da versão litúrgica do Targum com relação a Êxodo 19, exposta anteriormente na menção a Manns, quanto os de João sobre as núpcias em Caná, estejam em referência à

¹² Sobre a relação entre Antiga e Nova Aliança, remeto a: JAUBERT, A. *La notion d’alliance dans le Judaïsme: aux abords de l’ère chrétienne*. Paris: Seuil, 1963.

¹³ MANNS, F. *L’Evangile de Jean a la lumière du Judaïsme*. Jerusalem: Franciscan Printing Press, 1991. p. 109

¹⁴ Embora preferindo uma abordagem que englobe os eventos do Sinai e a Semana da Criação em paralelo com as núpcias, não podemos deixar de citar que, para Simoens, o paralelo com Ex 19,11 é mais provável do que uma possível comparação com a semana da Criação. Cf.: SIMOENS. *Selon Jean*, II p, 133.

¹⁵ MANNS. *L’Evangile de Jean a la lumière du Judaïsme*, p. 98

¹⁶ MANNS. *L’Evangile de Jean a la lumière du Judaïsme*, p. 98

semana da Criação. As bodas, no Evangelho de João, e a Teofania do Êxodo, no Targum, acontecem no sétimo dia. No interior da tradição judaica, o sétimo dia, o dia do Senhor, é aquele dia que “há de vir”, onde toda a Criação descansará nos braços de seu Criador. É o dia da plenitude. O sexto dia é o da criação do ser humano.

Assim, enquanto a versão litúrgica do Targum nos apresenta o Dom da Lei (Torah), evento auge da Aliança no Sinai, sendo entregue nesse dia que carrega o sentido simbólico de plenitude, João situa os eventos de Caná utilizando-se do mesmo esquema. Dessa forma, percebe-se que João quer nos apresentar a manifestação da Glória do Filho em continuação com a obra da Criação e como sua plenitude. Realizando-se as núpcias, no sétimo dia, estaria assim prefigurada a plenitude que virá no enaltecimento do Filho na cruz.

O “terceiro dia” encerrando a semana

Seguindo esse esquema de sete dias, com o evento máximo e conclusivo acontecendo no “terceiro dia” (que é o sétimo), João indica não somente a plenitude da Aliança do Sinai na manifestação da Glória em Jesus, como, também, a plenitude de toda a Criação. Assim como o sétimo dia indica a plenitude da Aliança e o Dom da Lei, essa cronologia significaria para João a plenitude da Aliança manifesta na glória do Filho. Esse fato nos oferece uma chave de leitura possível para as “seis talhas de pedra” de 2,6, dedicadas à purificação ritual dos judeus, gesto significativo do antigo culto da Aliança, pois a plenitude, o “sete”, ainda aconteceria na Páscoa do Filho.

Geografia

Prosseguindo o estudo, vê-se que tais núpcias se realizam em Caná. Notação geográfica também repetida em João (2,1.11); a possível localização geográfica desse lugar seria Kirbet Kaná, situada a 14 km de Nazaré ou Kefer Kaná, a 7 km. Pode-se ver aqui uma clara intenção simbólico-teológica. Segundo França Lopes:

“Em 1,46 lemos: ‘De Nazaré, lhe [a Felipe] disse Natanael, será que pode sair alguma coisa boa? Felipe lhe disse: Vem e vê’. A passagem bíblica mostra o desprezo pela Galiléia e pelos seus habitantes. Tanto os cristãos como os zelotas foram chamados de galileus, inimigos dos judeus.¹⁷”

Contudo, bem ao modo da “ironia joanina”, é esse o lugar escolhido pelo Cristo de Deus para iniciar o seu ministério e a manifestação de sua Glória. A pequena e

¹⁷ LOPES. A Mãe de Jesus no Evangelho de João, p. 29.

desconhecida Caná se situa na Galiléia. Essa região, identificada por Isaías (8,23; cf. 1Mc 5,15) e citada por Mt 4,15-16 como “Galiléia das nações”, se situa no ponto de convergência de diversas rotas da época. No Quarto Evangelho, ela é apresentada como lugar da aceitação da mensagem e da pessoa de Jesus, mais do que em sua própria pátria (cf. 4,44). Ela é o “Norte” que em Jesus será unido ao “Sul”, lugar dos judeus (cf. 11,51-52). Nessa perspectiva, percebe-se que no Cristo se realizará a nova Aliança que fará da humanidade o povo “uno” (único), à imagem do Deus “uno”¹⁸.

1.2.3 Jesus e sua Mãe:

Tendo realizado a discussão sobre a estrutura, especificidade, cronologia e lugar da narrativa das núpcias em Caná, fica mais claro o peso teológico-escatológico desse relato simbólico. Contudo, será dada mais atenção, nesta parte do trabalho, ao trecho que engloba os vv. 1-5 da narrativa em questão, visto que contém o quadro de Jesus com sua Mãe, ponto central para a construção da identidade narrativa da personagem Mãe de Jesus.

No primeiro versículo da narrativa das núpcias, encontra-se a afirmação de que a Mãe de Jesus já estava presente na festa. Sua função precede a hora da glorificação do Filho. Jesus fora convidado para as núpcias. Somente aqui é utilizado o verbo *καλέω* em João. Pode-se compreender esse fato se se toma a figura de Jesus em paralelo com a de Moisés, em Ex 19,20, que é convidado pelo Senhor a subir ao cume do monte. Seus discípulos o acompanham. Eles são aqueles que veem os sinais e creem, ou seja, que atenderam ao chamado: “vem e vê”.

“*Eles não têm vinho*”(2,3). Durante a festa, vem a faltar vinho. A celebração de um casamento no judaísmo durava vários dias. Uma celebração que envolvia todo o clã. O vinho, símbolo da alegria, era elemento indispensável; sem ele, seria o fim da festa. Na literatura profética, a falta de vinho é utilizada como sinal dos tempos de desolação e castigo (Am 5,11; Mq 6,13; Sf 1,13; Dt 28,39):

Pranteia o mosto, enfraquece a vinha e suspiram todos os alegres de coração. Cessa o folgado dos tamborins, acaba o ruído dos que exultam, e cessa a alegria da harpa. Com canções não beberão vinho; a bebida forte será amarga para os que a beberem. Demolida está a cidade vazia, todas as casas fecharam, ninguém pode entrar. Há lastimoso clamor nas ruas por falta do vinho; toda a alegria se escureceu, desterrou-se o gozo da terra. (Is 24,7-11).

¹⁸ Cf. SIMOENS. Selon Jean, II, p. 135.

A abundância de vinho, já no Antigo Testamento, possui conotação messiânica (Am 9,13; Os 2,24; Is 29,17; Jr 31,5; Br 29,5). Segundo o Apocalipse de Baruc, nos dias do Messias, as vinhas produzirão em abundância e haverá abundância de vinho¹⁹.

O pedido de intervenção feito pela Mãe de Jesus se dá de maneira indireta. Na estrutura dos sinais em João, encontra-se essa maneira literária de formular um pedido. No capítulo 11 de João, no episódio da “revivescência” de Lázaro, Marta faz seu pedido de intervenção de maneira indireta.

A frase “eles não têm vinho”, descontextualizada, poderia soar como mera constatação de um problema. Contudo, relacionadas ao diálogo que se segue, há nelas uma profunda confiança contida. Assim, se não se pode afirmar que o que Mãe de Jesus apresenta é um pedido explícito, ao menos ela apresenta confiante ao Filho a situação aflitiva em que se encontram os convivas das núpcias²⁰.

Quer se trate de simples constatação, quer essas palavras revelem pedido inspirado na confiança de que o Filho poderia intervir, manifestam-se nessa atitude a atenção e a concretude da mãe, que apresenta a ele a necessidade dos amigos.²¹

Sobre isso, Léon-Dufour declara:

Assim falando, a mãe de Jesus não pede um milagre; aliás, ela parece ainda ignorar sua dignidade de Messias (cf. 1,26). Mas põe seu filho diante da aflição de Israel, desse Israel que ela é e que ela representa. Aparentemente, Maria se situa no nível da carência concreta do vinho [...]²²

“*Que há entre mim e ti*”. O sentido dessa frase varia de acordo com o contexto. Geralmente significa: “Que há de comum entre nós?” ou “O que é que nos separa?”. Contudo, ela não pode ser reduzida a esses sentidos. Na Bíblia, essa fórmula, *ma li walak*, peculiar à linguagem diplomática, examina o elo existente entre dois parceiros, seja para indicar uma ruptura, seja para chamar a atenção do interlocutor para um ponto de divergência²³. No Antigo Testamento, ela aparece em 2Rs 3,13 e Os 14,9, onde expressa a divergência de opiniões e em Jz 11,12 e 1Rs 17,18 onde exprime hostilidade e recusa de relacionamento. No Novo Testamento, é encontrada em Mt 8,29; Mc 1,24; 5,7; Lc 4,34; 8,28. Nessa ocorrência em João, percebe-se certa tensão entre Jesus e sua Mãe acerca da falta de vinho. É comum nos diálogos de Jesus em João certa

¹⁹ MANNIS. L’Evangile de Jean a la lumière du Judaïsme, p. 100.

²⁰ Ver também Jo 5,7 e 11,3.

²¹ BROWN, R. et alii. *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 86.

²² LÉON-DUFOUR. *Leitura do Evangelho de João*, I, p. 177

²³ Cf. LÉON-DUFOUR. *Leitura do Evangelho de João*, I, p. 177

mudança de perspectiva na conversa operada em Jesus. Há sempre um alargamento de horizontes.

Konings afirma que essa expressão é uma maneira de

marcar distância, interesse diferente (cf. 2Sm 19,23; Mc 1,24) ou suspense (cf. 2Rs 3,13; Os 14,8). O porquê do suspense aparece logo: “A minha hora ainda não chegou”. Jesus não rechaça a mãe, mas está sugerindo que o que ele vai fazer agora ainda não é sua obra propriamente, obra que ele cumprirá quando chegar a sua “hora”. O que ele vai fazer agora é um “sinal” de sua competência, como explicita o v.11, mas não a obra em si²⁴.

Assim, percebe-se nessa certa divergência entre a Mãe e Jesus, uma mudança de foco por parte de Jesus. Ele encaminha a compressão para outro nível, provocando a resposta confiante de sua Mãe.

Mulher: Esse vocativo γύναι, saído da boca de um filho, referindo-se à sua Mãe, aos ouvidos modernos poderia soar desrespeitoso. Poder-se-ia esperar normalmente algo como *'imma*, correspondente feminino de *'abba* (= [pa]pai). Encontra-se, ainda, este termo “mulher” em 19,26, também relacionado à Mãe de Jesus. Possivelmente João queira evocar o contexto de Gn 3,15.20²⁵, onde Eva é, ao mesmo tempo, chamada de mulher e mãe de todos os viventes. Dessa forma, João estaria situando a cena no interior da História da Salvação. Tendo em conta que nos encontramos referidos à Aliança, vale lembrar o que anteriormente foi exposto que Israel, por diversas vezes nos profetas, foi referida como Mulher, esposa de Deus. Dessa forma, antes de soar desrespeitoso na boca de Jesus, o termo parece evocar a “Sião Messiânica”, mãe de todos os homens.

Mais do que isso, Simoens vê sobre o emprego desse vocativo uma transformação nas relações, operada pelo sinal maior da cruz:

Mulher, associada à menção da “hora”, surge para exprimir a transformação operada na história e até no ser criado das pessoas pela presença de Jesus como Filho de Deus no mundo e como Logos encarnado²⁶.

Em João, Jesus não reservará esse termo somente à sua mãe. Ele pode ser visto também aplicado à Samaritana (4,21) e a Maria Madalena na manhã pascal (20,15).

Minha hora ainda não chegou: A expressão “hora” no Quarto Evangelho é muito importante. Todo o Evangelho de João é um deslocar-se para esse momento (7,30; 8,20; 12,23.27; 13,1; 16,32; 17,1). É o cume de todo o livro: a glorificação do

²⁴ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 101

²⁵ Cf. MANNES. L'Évangile de Jean à la lumière du Judaïsme, p. 101

²⁶ SIMOENS. Selon Jean, II, p. 138

Filho, ou seja, o enaltecimento na cruz. Essa expressão encontra suas origens nos ambientes apocalípticos (Dn 8,17.19; Hen 89,72; 90,1.5) e “designa o momento no qual vai-se cumprir definitivamente o desígnio de Deus, tão inelutável quanto o “Dia do Senhor”²⁷”.

Segundo França Lopes:

Esta hora no evangelho de João é o momento da glorificação de Jesus. O seu retorno ao Pai. É um tempo de revelação. Cristo mostrará a intimidade que Ele tem com o Pai. Jesus revelará quem Ele é e quem é o Pai, porque o Pai e Ele são um (Jo 10,30). Também será nessa hora que os discípulos reconhecerão que Jesus está no Pai. A hora em Caná é o começo de uma manifestação de Jesus Cristo que se plenificará na sua morte e ressurreição. É o momento em que Jesus vai doar a sua vida para a remissão dos pecados da humanidade.²⁸

Nessa frase negativa²⁹ nos é revelada a força prefigurativa dessa narrativa. Embora ela nos diga da hora final e marque o início do caminho de Jesus em sua direção, esta ainda não chegou. Sobre esse trecho, Niccaci e Bataglia assim nos dizem:

Jesus, portanto, quer dizer que não chegou ainda a sua “hora”: não a hora dos milagres, mas a do cumprimento da sua missão; e que, portanto, os bens messiânicos, dos quais o “vinho” é símbolo, serão concedidos só naquela “hora” e jorrarão de sua cruz³⁰.

Fazei tudo quanto ele vos disser: Surgem novos personagens na narrativa. A Mãe de Jesus os chama à obediência. Segundo Manns, o termo δῆλονος será retomado em 12,26, designando a unidade entre a vida do discípulo servidor e a do Mestre³¹. No contexto da Aliança, em que se desenvolve essa cena, encontra-se possível alusão a Ex 19,8: na boca do povo escolhido, a promessa de obediência ao Senhor. A mãe-Israel, fiel à Aliança, convoca à obediência aquele que levará a Antiga Aliança à plenitude na Nova.

1.2.4 Outros elementos da narrativa:

Seis talhas de pedra: Os jarros de pedra correspondem aos *keley abanim* que não podiam conter nenhuma impureza ritual e que serviam para as abluções rituais³² que

²⁷ LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, I, p. 181

²⁸ LOPES. A Mãe de Jesus no Evangelho de João, p. 34

²⁹ Léon-Dufour propõe a forma interrogativa para esta frase. Segundo este autor, isto permitiria o encadeamento da reação imediata de Maria com a resposta ouvida. Cf.: LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, I, p. 180-181.

³⁰ NICCACI, A.; BATAGLIA, O. *Comentário ao Evangelho de João*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 60.

³¹ MANNNS. L’Evangile de Jean a la lumière du Judaïsme, p. 102. Konings vê uma possível alusão ao serviço da comunidade; cf.: KONINGS. Evangelho segundo João, p. 102.

³² MANNNS. L’Evangile de Jean a la lumière du Judaïsme, p. 102.

tanto preza o judaísmo, principalmente de linha farisaica. São feitos de pedra, segundo prescreve o Targum, por causa da pureza³³. Uma possibilidade de leitura do simbolismo contido nessa insistência na especificidade do material utilizado nas talhas, é encontrado em Manns, que assim trabalha o tema:

O adjetivo “de pedra” é um hapax joanino. Poderia evocar o dom da Lei sobre as tábuas. A esta Lei corresponde o coração de pedra de Ex 36,26.³⁴

Dessa forma, esse especialista nos conduz ao contexto da Aliança que, segundo outros aspectos já explorados, parece ser crucial para a interpretação dessa perícope. O mesmo autor afirma sobre o número das talhas, ou seja, seis:

João, sabe-se, explora o simbolismo dos números. Menciona seis festas judaicas. É necessário ver no número seis uma menção discreta ao esquema da semana inicial, ou uma alusão ao dom da lei que teve lugar na sexta hora? Que se admita que a atividade de Jesus desenrola-se no sexto dia e que a criação não está terminada ou que Jesus veio para trazer a lei nova, aquilo importa pouco: João tem a intenção de mostrar a imperfeição da lei judaica. Jesus prepara-se para infundir um espírito novo no judaísmo.³⁵

Admitindo a conclusão de Manns, se aceita a interpretação que pretende ver nos seis dias de João uma alusão à “imperfeição” da Lei. Desta forma, encontra-se paralelo nos seis dias de Êxodo 19, que são concluídos com o dom da Lei. Em Jesus, a Aliança é aperfeiçoada em Nova e Definitiva Aliança.

Para a purificação dos judeus: Encontra-se referência a essa purificação em Jo 3,25 e 11,55. Esse dado, lido em confronto com o contexto definitivo na Aliança que se realiza no enaltecimento do Filho, pode estabelecer interessantes paralelos: o batismo na água realizado por João Batista tinha a função de purificar, mas Jesus é aquele que batiza no Espírito (cf. Jo 1,29). Segundo o evangelista, a morte e a palavra de Jesus purificam (cf. Jo 15,2;17,14 e Jo 13,1; 1,7.9). Jesus é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (cf. Jo 1,36). Para os judeus, os ritos no Templo purificavam, Jesus é o Novo Templo que purifica (cf. Jo 2,9).

Esses utensílios estão postos de lado, vazios e sem função. O antigo rito desgastara-se. Contudo, agora eles servirão para uma nova realidade. Jesus manda que os serventes encham-nas de água. Segundo Konings, a água no simbolismo judaico é

³³ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 102.

³⁴ MANNS. L'Évangile de Jean a la lumière du Judaïsme, p. 102.

³⁵ MANNS. L'Évangile de Jean a la lumière du Judaïsme, p. 103.

associada à Torah³⁶. Essa há em abundância, falta o vinho da alegria messiânica. Os serventes são obedientes ao que Jesus pede.

A água é mudada em vinho: o narrador não nos diz como isso aconteceu. A voz passiva parece evocar uma ação de Deus ou de seu enviado, sua palavra criadora. Jesus manda que essa água-vinho seja levada ao mestre-sala. Ele não sabe “de onde” ela vem. Essa alocação “de onde”, nos leva a refletir sobre a origem última de Jesus, o enviado de Deus (cf. 1,48; 2,9; 3,8; 4,11; 6,5; 7,27-28; 8,14; 9,29-10; 19,39). A resposta última é sempre “de Deus”³⁷.

O mestre-sala constata a transformação da água em vinho: e um vinho muito melhor do que fora servido antes. O leitor, já tendo percebido Jesus como aquele que plenifica a Aliança, percebe o definitivo que irrompe.

O mestre-sala responsabiliza o noivo pela situação. Sobre a figura do noivo, nos diz Konings:

Ao responsabilizar o noivo pela inversão das coisas, o encarregado está na realidade responsabilizando Jesus, o verdadeiro mandante da festa, ou seja, o verdadeiro noivo. Jesus é quem providencia “agora” o vinho melhor e abundante do tempo messiânico (veja Is 25,6; Am 9,13-15; Jr 31,12-13 e.o.; Gn 49,11!); ele faz a vez do Esposo do tempo final, anunciado pelos profetas que também anunciaram as novas núpcias (Aliança) de Deus com o povo (entre os textos do AT que descrevem o povo como noiva escatológica, veja, p.ex. Is 62,5; cf. também, no ambiente joanino, Ap 21,9; 22,17)³⁸.

Jesus manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele: Todo sinal em João está direcionado para a manifestação da glória de Deus no Filho. Ao mesmo tempo que essa glória provoca a fé, ela é condição *sine qua non* para que a manifestação se realize. Crer, em João, está profundamente associado aos verbos ver, entender e conhecer (cf. Jn 1,37.51; 4,42; 6,40.45; 8,47; 10,3; 12,44; 14,8; 4,46).

1.3 A Mãe de Jesus como a Sião Messiânica em João

Ao se optar pela análise do conteúdo simbólico desta narrativa, excluiu-se da pesquisa a pergunta sobre a historicidade da personagem “Mãe de Jesus”. É claro e

³⁶ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 102.

³⁷ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 102.

³⁸ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 102. Léon-Dufour discorda desta leitura do noivo como Jesus. Segundo este autor, que percebe uma estrutura dual nesta narrativa, o noivo aparece como um “terceiro”, um personagem de outra ordem, não podendo, desta forma, ser identificado com Jesus. Ver: Léon-Dufour, *Leitura do Evangelho de João*, I, p.175.

sabido de todos, por meios dos sinópticos e Paulo³⁹, que Jesus nasceu de uma mulher, judia, de nome Maria, que habitava a região de Nazaré. Nossa pesquisa, seguindo indícios já anteriormente expostos, perguntou sobre a força simbólica dessa personagem, enquanto ela ocupa o lugar de “personalidade corporativa”. Cabe-nos, agora, rapidamente recolher os resultados. Sendo assim, percebemos em nossa análise que a Mãe de Jesus aparece na narrativa como a Sião Messiânica que, fiel à Aliança feita com o Senhor, permanece na esperança de seu cumprimento em plenitude.

Conforme exposto, o contexto narrativo das núpcias em Caná nos remete ao capítulo 19 do livro do Êxodo, a saber, a celebração da Aliança entre YHWH e seu povo. A Mãe de Jesus surge como símbolo do povo, o Israel fiel, esposa e Mãe de todos os homens. O uso do substantivo “Mulher” relacionado à Mãe de Jesus, tendo em conta toda a ressonância que esse termo encontra no AT, justifica nossa hipótese de leitura. No interior de sua fidelidade, ela conduz a atenção e a obediência para a obra de Deus a ser realizada em seu enviado. Já estando presente antes da chegada de Jesus, ela é a noiva não nomeada do relato que aguarda a plenitude da Aliança. Consumado o sinal, ela acompanha Jesus e seus discípulos até o cumprimento definitivo das núpcias na Cruz, prefiguradas em Caná.

Assim, concluiu-se o primeiro passo do trabalho que foi reservado para este capítulo. A análise da segunda ocorrência dessa personagem acontecerá mais adiante. Cabe-nos agora elucidar a segunda figura que compõe o quadro da perícopes central deste trabalho (Jo 19,25-27), a saber, o Discípulo a quem Jesus amava.

2 O discípulo a quem Jesus amava

Seguindo metodologia semelhante à utilizada na etapa que acabou de se encerrar, prosseguimos a exposição voltando nossa atenção para a personagem “Discípulo Amado”. Esse personagem aparece cinco vezes⁴⁰ no Evangelho de João (Jo 13,23; 19,26; 20,2; 21,7; 21,20). Serão analisadas essas cinco ocorrências, buscando perceber quem é essa personagem no conjunto do Quarto Evangelho.

³⁹ Cf. Mt 1,18; Mc 6,3; Lc 1,30-32; Gl 4,4.

⁴⁰ Konings ainda vê mais três casos que podem referir-se ao Discípulo Amado: Jo 21,24 ; 18,15-16; 19,35. Contudo, optamos por considerar apenas as cinco menções explícitas. Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 263.

2.1 O discípulo reclinado sobre o seio de Jesus.

Tradução instrumental de Jo 13,23-26⁴¹:

Texto grego	Tradução instrumental
²³ ἦν ἀνακείμενος εἰς ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ἐν τῷ κόλπῳ τοῦ Ἰησοῦ, ὃν ἠγάπα ὁ Ἰησοῦς.	²³ Estava amesendado um dentre os discípulos sobre o peito de Jesus, {aquele} que Jesus amava.
²⁴ νεύει οὖν τούτῳ Σίμων Πέτρος πυθέσθαι τίς ἂν εἴη περὶ οὗ λέγει.	²⁴ Acena ^{*pois} para ele Simão Pedro, para pesquisar quem seria {aquele} a respeito de quem diz isso.
²⁵ ἀναπεσὼν οὖν ἐκεῖνος οὕτως ἐπὶ τὸ στήθος τοῦ Ἰησοῦ λέγει αὐτῷ· κύριε, τίς ἐστίν;	²⁵ Reclinado ^{*pois} deste modo perto do peito de Jesus disse-lhe: “Senhor, quem é?”
²⁶ ἀποκρίνεται [ὁ] Ἰησοῦς· ἐκεῖνός ἐστιν ᾧ ἐγὼ βάψω τὸ ψωμίον καὶ δώσω αὐτῷ. βάψας οὖν τὸ ψωμίον [λαμβάνει καὶ] δίδωσιν Ἰούδα Σίμωνος Ἰσκαριώτου.	²⁶ Responde Jesus: “É aquele para quem batizarei o bocado e lho darei.” Tendo ^{*pois} batizado o bocado [toma e] dá a Judas de Simão Iscariotes.

2.1.1 O contexto da narrativa:

O versículo em questão se encontra no interior do chamado “Livro da Glória”. Dentro dessa grande secção, o capítulo 13 faz parte do discurso de despedida de Jesus (Jo 13-17). Segundo Konings⁴², percebe-se que esse capítulo está delimitado pelas menções da hora do jantar (13,2) e da “noite” (13,30), terminando com a saída de Judas. Esse último fato se mostra essencial para o desencadeamento dos diálogos subsequentes (13,31-16,33). Quanto à sua estrutura, pode-se assim descrevê-la:

- I. Abertura geral da segunda parte de Jo (13,1);
- II. Jesus se levanta para lavar os pés dos discípulos, provocando o protesto de Pedro (13,2-11);
- III. Jesus volta a sentar-se e explica o sentido de seu gesto (13,12-20);
- IV. Jesus anuncia a Paixão (13,21-30).

Dois “movimentos cênicos” compõem o capítulo. No primeiro, o “lava-pés”, encontra-se, em primeiro plano, Jesus e Pedro. Judas é o coadjuvante da cena, mencionado três vezes no segundo plano. No segundo quadro, entra em cena o “Discípulo Amado” ao lado de Pedro. Judas, agora possuído por Satanás, torna-se o centro dramático do momento final.

⁴¹ Por opção metodológica, escolhemos analisar apenas o recorte textual em que o “Discípulo Amado” protagoniza a ação.

⁴² Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 255.

Portanto, o contexto narrativo em que surge a referida personagem está profundamente marcado pela “hora” do Filho (13,1). Dentro de uma mesma refeição, antecedida pelo dom maior do serviço (“lava-pés”), sua menção insere-se no interior do anúncio da traição. Surge, então, em um momento crucial da narrativa, onde o movimento que levará Jesus para cruz, marcado pela traição de Judas, está na iminência de se concretizar.

2.1.2 Análise da narrativa (13,23-26):

Ora, um de seus discípulos, aquele a quem Jesus amava, estava reclinado no seio de Jesus: Essa referência, ἐν τῷ κόλπῳ, nos remete ao prólogo de João, referindo-se à posição do Filho em relação ao Pai (1,18). Assim como o Filho se encontra no seio do Pai, esse discípulo se encontra recostado sobre o seio de Jesus.

Mateos e Barreto nos informam que:

Segundo os costumes do tempo, nas refeições solenes, se comia reclinado sobre divãs, apoiando-se no colo esquerdo; o corpo caía, portanto, ligeiramente tombado para a esquerda. O lugar mais próximo e íntimo com relação a um comensal era aquele que se encontrava a sua direita na mesa, e este posto ocupava o discípulo a quem Jesus queria⁴³.

Assim, percebe-se que esse discípulo ocupa um lugar de honra, que demonstra sua intimidade com o Mestre. Nesse contexto, ele aparece em contraposição a Judas, aquele que trairá o Senhor⁴⁴.

Pedro faz um sinal para que ele pergunte ao Senhor sobre o traidor: Uma simples resposta para esse fato seria a da proximidade física na mesa. Contudo, tendo em vista que esse discípulo ocupa lugar de honra e intimidade com o Senhor, expresso por seu lugar à mesa, o Discípulo Amado surge como figura do discípulo perfeitamente iniciado. Ele pode saber tudo, ele é capaz de compreender tudo, por isso está recostado sobre o seio do Mestre e pode se aproximar para perguntar sobre tão delicada situação. Ele não se abala com a traição de Judas (13,25-26). Segundo os autores Mateos e Barreto:

O discípulo parece encarnar a comunidade na figura do amigo de Jesus (15,13.15). Seu amor pode penetrar os segredos de Jesus e lhe dá uma

⁴³ MATEOS; BARRETO. El Evangelio de Juan: Analisis linguistico y Comentario exegético. Madrid: Cristiandad, 1979. p. 606. (Col. Lectura del Nuevo Testamento, nº 4).

⁴⁴ Cf. LÉON-DUFOUR, X. Leitura do Evangelho de João. Tomo III. São Paulo: Loyola, 1996. p. 35. (Col. Bíblica Loyola, nº 15).

sensibilidade íntima para “descobrir” a presença do Senhor (21,7). Por isto nesta cena, surpreendentemente, não *haverá delação do traidor*.⁴⁵

O pedido para que se fizesse a pergunta veio de Pedro. Com exceção da cruz, esse discípulo sempre aparece na companhia de Pedro. Contudo, Jesus responde ao discípulo dizendo o gesto que fará para indicar o traidor; o segredo é confiado a este, mas ele não o transmite a Pedro. Sobre a relação entre Pedro e o Discípulo Amado, nos deteremos mais adiante, quando tratarmos das menções ao Discípulo no capítulo 21.

2.2 Pedro e o Discípulo Amado no túmulo do Senhor

Tradução instrumental de Jo 20,1-8

Texto grego	Tradução instrumental
¹ Τῇ δὲ μιᾷ τῶν σαββάτων Μαρία ἡ Μαγδαληνὴ ἔρχεται πρῶτῃ σκοτίας ἔτι οὔσης εἰς τὸ μνημεῖον καὶ βλέπει τὸν λίθον ἠρμένον ἐκ τοῦ μνημείου.	¹ Ora, no primeiro dia semana, Maria Madalena vai cedo, –havendo ainda trevas– ao sepulcro e vê a pedra tirada do sepulcro.
² τρέχει οὖν καὶ ἔρχεται πρὸς Σίμωνα Πέτρον καὶ πρὸς τὸν ἄλλον μαθητὴν ὃν ἐφίλει ὁ Ἰησοῦς καὶ λέγει αὐτοῖς· ἦραν τὸν κύριον ἐκ τοῦ μνημείου καὶ οὐκ οἶδαμεν ποῦ ἔθηκαν αὐτόν.	² Corre ^{*pois} e vai a Simão Pedro e ao outro discípulo, a quem Jesus queria bem e diz-lhes: “Tiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram.”
³ Ἐξῆλθεν οὖν ὁ Πέτρος καὶ ὁ ἄλλος μαθητὴς καὶ ἦρχοντο εἰς τὸ μνημεῖον.	³ Saiu ^{*pois} Pedro e o outro discípulo e foram ao sepulcro.
⁴ ἔτρεχον δὲ οἱ δύο ὁμοῦ· καὶ ὁ ἄλλος μαθητὴς προέδραμεν τάχιον τοῦ Πέτρου καὶ ἦλθεν πρῶτος εἰς τὸ μνημεῖον,	⁴ Os dois (porém) corriam junto, e o outro discípulo correu-na-frente mais rápido que Pedro, e veio primeiro ao sepulcro.
⁵ καὶ παρακύψας βλέπει κείμενα τὰ ὀθόνια, οὐ μέντοι εἰσῆλθεν.	⁵ E inclinando-se viu deitados os lençóis, todavia não entrou.
⁶ ἔρχεται οὖν καὶ Σίμων Πέτρος ἀκολουθῶν αὐτῷ καὶ εἰσῆλθεν εἰς τὸ μνημεῖον, καὶ θεωρεῖ τὰ ὀθόνια κείμενα,	⁶ Vem também ^{*pois} Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro e enxerga os lençóis deitados
⁷ καὶ τὸ σουδάριον, ὃ ἦν ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ, οὐ μετὰ τῶν ὀθονίων κείμενον ἀλλὰ χωρὶς ἐντετυλιγμένον εἰς ἓνα τόπον.	⁷ e o sudário que estava sobre sua cabeça, não colocado com os lençóis mas à parte enrolado num lugar único.
⁸ τότε οὖν εἰσῆλθεν καὶ ὁ ἄλλος μαθητὴς ὁ ἐλθὼν πρῶτος εἰς τὸ μνημεῖον καὶ εἶδεν καὶ ἐπίστευσεν·	⁸ Então ^{*pois} entrou também o outro discípulo, que tinha vindo primeiro ao sepulcro, e viu e acreditou.

2.2.1 O Contexto da Narrativa:

A presente narrativa se encontra inserida no início dos relatos acerca da ressurreição em João (20,1-29). Para o autor do Quarto Evangelho, morte e ressurreição

⁴⁵ MATEOS; BARRETO. El Evangelio de Juan. p. 607

são dois aspectos de uma mesma realidade, a Glorificação do Filho. Segundo Konings, a breve transição temporal de Jo 20,1 reforça a idéia de unidade narrativa. João não apenas reforça a unidade que o relato da Paixão e Ressurreição possui na tradição sinóptica, como também a reforça mediante a dupla narrativa de Jesus, quando mostra suas chagas para dizer que o ressuscitado é o mesmo que fora crucificado⁴⁶.

Essa grande perícopes pode ser dividida em *dois dípticos*:

- 20,1-18: comporta as narrativas da visita ao sepulcro vazio e da aparição a Maria Madalena, personagem de ligação entre as duas cenas;
- 20,19-29: comporta as duas aparições do ressuscitado (ao grupo dos Onze e a Tomé), em dois domingos sucessivos.

Segundo Konings:

Nos dois dípticos, o segundo focaliza de modo especial um personagem implicado no primeiro. O primeiro tem como quadro o “jardim” onde Jesus foi sepultado, o segundo, o local da reunião da comunidade, lembrando o lugar da ceia. Assim, o capítulo 20 retoma de maneira cruzada os grandes cenários dos capítulos 18-19 e 13-17 respectivamente.⁴⁷

2.2.2 Análise da narrativa (Jo 20,1-8)

Primeiro dia da Semana: Toda a ação acontece no “primeiro dia da semana”. A tradução literal do grego seria aproximadamente “o ‘um’ depois do sábado”. Essa expressão nos remete à Gn 1,5, o primeiro dia da Criação. O fato de Maria Madalena se dirigir ao sepulcro de madrugada, ainda nas trevas (*σκοτία*), parece-nos reforçar essa proximidade. A Glória do Filho, presente desde sempre junto ao Pai, eleva a criação à sua plenitude, pois a salva. Plenitude da Aliança e da Criação se encontram relacionadas⁴⁸.

Ainda de madrugada, nas trevas: Maria Madalena se dirige ainda em meio às trevas. Ainda não despontou a aurora completamente (diferente do relato de Mc 16,2). Os personagens ainda não têm a luz plena. Reflexo da situação de desamparo em que se encontram os discípulos. Madalena vai sozinha. Não vai realizar os cuidados fúnebres com o corpo, pois Nicodemos e José de Arimatéia já o fizeram antes (19,26). Vai apenas chorar, como é relatado no v. 11. Percebendo que algo acontecera, pois a

⁴⁶ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 346

⁴⁷ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 346

⁴⁸ Sobre este tema, “o primeiro dia”, conferir o interessante estudo realizado por SIMOENS. Selon Jean, p. 866-870.

pedra que fechava a porta do túmulo fora removida, ela corre ao encontro de Pedro e do Discípulo Amado e relata o acontecido.

Eles correm para o sepulcro: Ambos correm para o sepulcro. Contudo, o Discípulo Amado corre mais e chega na frente, olha para dentro do túmulo, vê os panos que envolviam o defunto, mas não entra. João realiza um intrigante movimento na narrativa: a testemunha por excelência cede a precedência a Pedro. Ele entra e constata o acontecido. A cena com a qual se depara não pode ser obra de ladrões, pois tudo está em ordem, nem de alguém que tivesse roubado o corpo, pois o teriam levado com os panos. Contudo, no caso de Lázaro, levantado do túmulo, saiu amarrado com suas faixas, necessitando que outros as desatassem (cf. 11,44). Entretanto, no caso de Jesus transparece a soberania daquele que “tem poder de retomar a vida” (cf. Jo 10,17-18).

Completando a constatação de Pedro, o Discípulo Amado entra. Segundo prescreve a Lei (Nm 35,30; Dt 17,6), duas testemunhas atestam o fato. Contudo, a atitude do Discípulo Amado difere em muito da de Pedro: o relato nos diz que ele viu e creu. “A Simão Pedro a precedência, ao Discípulo Amado, a fé”⁴⁹.

2.3 O Capítulo 21 de João:

As duas últimas menções à personagem “Discípulo Amado” ocorrem no capítulo 21, o último do texto canônico do Evangelho de João. Por uma opção metodológica, preferiu-se primeiro situar o capítulo 21 no contexto geral da obra, ao invés de fazê-lo para cada uma das duas perícopes isoladamente.

Sendo assim, o presente capítulo surge após a conclusão do evangelho em 20,30-31. Konings afirma que esse capítulo possui diferenças estilísticas e se apresenta como uma imitação desajeitada dos capítulos anteriores. Segundo o mesmo autor, o referido capítulo é um epílogo do editor, visto que o Quarto Evangelho, ao menos nos manuscritos de que temos conhecimento, nunca foi publicado sem ele, como atestam os manuscritos mais antigos do século II⁵⁰. Na opinião de Zumstein, “o capítulo 21 emoldura o conjunto do evangelho”⁵¹. Provavelmente, seu intuito seja eclesial, pois

⁴⁹ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 349.

⁵⁰ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 367

⁵¹ ZUMSTEIN, J. *La Communauté johannique et son histoire*. Genebra, 1990, p. 214; *apud* LÉON-DUFOUR, Leitura do Evangelho de João, IV, 194.

trata da relação da comunidade do Discípulo Amado com a Igreja no conjunto, liderada por Pedro⁵², e da questão da morte do Discípulo Amado e da parusia.

Seguindo Léon-Dufour, acredita-se que o autor desse capítulo seja membro da escola joanina, que com evidência apresenta o termo “nós” de 21,24. O autor do capítulo em estudo se mostra como um profundo conhecedor do material do Quarto Evangelho, o que fundamentaria a hipótese de que seja seu primeiro editor. Suas fontes, embora não se consiga delimitá-las claramente, podem ser do acervo do círculo joanino, e tradições que foram conservadas nos sinópticos. O autor fez convergir esses diversos elementos numa perspectiva unificada⁵³.

Sobre a conjuntura em que esse capítulo foi redigido, Léon-Dufour nos informa a seguinte hipótese:

Segundo diversos estudiosos, seria posterior à 1ª Carta de João, escrita por volta de 90 d.C.. para fazer frente a uma interpretação gnosticizante da mensagem do evangelista. Provavelmente subsistia uma dificuldade nas comunidades joaninas: estas, à diferença das que se podem abranger com o qualitativo de ‘petrinhas’, careciam de uma estrutura que assegurasse coesão. O único ministério que aparece nas cartas de João é o do pregador itinerante. Mostrando que o Senhor confiou a Pedro o pastorado universal, o autor do capítulo 21 pode ter visado uma aproximação à “grande Igreja”. Ao mesmo tempo, ele mantém e sublinha o valor da herança joanina da qual sua Igreja é depositária.⁵⁴

Ao analisar a estrutura desse capítulo, podem-se perceber três cenas:

- A pesca milagrosa (v. 1-14);
- A vocação de Pedro para o Pastoreio supremo e o martírio (v. 15-19);
- O destino do Discípulo Amado (v. 20-25).

Tendo em vista o objetivo deste trabalho, focaremos nossa análise na primeira e na terceira cena do capítulo 21, ou seja, nas duas últimas menções ao Discípulo Amado no Quarto Evangelho.

2.3.1 O Discípulo Amado reconhece o Senhor (21,1-7)

Texto grego	Tradução instrumental
-------------	-----------------------

⁵² Alguns chamam este capítulo de “os Atos dos Apóstolos segundo João”.

⁵³ Cf. LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, I, p.195

⁵⁴ LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, I, p. 195

<p>¹ Μετὰ ταῦτα ἐφανερώσεν ἑαυτὸν πάλιν ὁ Ἰησοῦς τοῖς μαθηταῖς ἐπὶ τῆς θαλάσσης τῆς Τιβεριάδος· ἐφανερώσεν δὲ οὕτως.</p> <p>² ἦσαν ὁμοῦ Σίμων Πέτρος καὶ Θωμᾶς ὁ λεγόμενος Δίδυμος καὶ Ναθαναήλ ὁ ἀπὸ Κανὰ τῆς Γαλιλαίας καὶ οἱ τοῦ Ζεβεδαίου καὶ ἄλλοι ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ δύο.</p> <p>³ λέγει αὐτοῖς Σίμων Πέτρος· ὑπάγω ἀλιεύειν. λέγουσιν αὐτῷ· ἐρχόμεθα καὶ ἡμεῖς σὺν σοί. ἐξῆλθον καὶ ἐνέβησαν εἰς τὸ πλοῖον, καὶ ἐν ἐκείνῃ τῇ νυκτὶ ἐπίασαν οὐδέν.</p> <p>⁴ πρωΐας δὲ ἤδη γενομένης ἔστη Ἰησοῦς εἰς τὸν αἰγιαλόν, οὐ μέντοι ἤδεισαν οἱ μαθηταὶ ὅτι Ἰησοῦς ἐστίν.</p> <p>⁵ λέγει οὖν αὐτοῖς [ὁ] Ἰησοῦς· παιδία, μὴ τι προσφάγιον ἔχετε; ἀπεκρίθησαν αὐτῷ· οὐ.</p> <p>⁶ ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς· βάλετε εἰς τὰ δεξιὰ μέρη τοῦ πλοίου τὸ δίκτυον, καὶ εὐρήσετε. ἔβαλον οὖν, καὶ οὐκέτι αὐτὸ ἐλκύσαι ἴσχυον ἀπὸ τοῦ πλήθους τῶν ἰχθύων.</p> <p>⁷ λέγει οὖν ὁ μαθητὴς ἐκεῖνος ὃν ἠγάπα ὁ Ἰησοῦς τῷ Πέτρῳ· ὁ κύριός ἐστιν. Σίμων οὖν Πέτρος ἀκούσας ὅτι ὁ κύριός ἐστιν τὸν ἐπενδύτην διεζώσατο, ἦν γὰρ γυμνός, καὶ ἔβαλεν ἑαυτὸν εἰς τὴν θάλασσαν,</p>	<p>¹ Depois disso manifestou-se a si mesmo, de novo, Jesus aos discípulos, junto ao mar de Tiberíades. Manifestou-se assim:</p> <p>² Estavam juntos Simão Pedro e Tomé –chamado Dídimo– e Natanael –de Caná da Galiléia– e os filhos de Zebedeu e dois outros dentre seus discípulos.</p> <p>³ Diz-lhes Simão Pedro: “Eu parto pescar.” Dizem-lhe: “Vamos também nós contigo.” Saíram ^{*pois} e entraram no barco, e naquela noite prenderam nada.</p> <p>⁴ Tendo-se tornado manhã cedo estava lá Jesus na praia. –Contudo não sabiam os discípulos que era Jesus.</p> <p>⁵ Diz-lhes ^{*pois} Jesus: “Moços, não tendes algo para com a comida?” Responderam-lhe: “Não.”</p> <p>⁶ Ele porém disse-lhes: “Colocai a rede do lado direito do barco e encontrareis.” Colocaram ^{*pois} e não mais conseguiam puxá-la, pela multidão de peixes.</p> <p>⁷ Diz ^{*pois} aquele discípulo, a quem Jesus amava, a Pedro: “É o Senhor.” Simão Pedro, pois, ouvindo que é o Senhor cingiu-se a túnica –pois estava nu– e lançou-se ao mar.</p>
---	---

Depois da aparição a Tomé e da conclusão em 20,30-31, Jesus aparece (lit.: manifestou-se) à beira do Lago de Tiberíades. Formavam o grupo sete discípulos de Jesus: Simão Pedro, Tomé-Dídimo, Natanael, Tiago e João e mais dois outros discípulos. Segundo Konings, se esse número tiver valor simbólico, pode provavelmente indicar o conjunto da Igreja, sem insistir no número doze⁵⁵.

O primeiro versículo começa com a expressão temporal “algum tempo depois”, em grego: μετὰ ταῦτα. Essa expressão pode ter relação com 13,7, na cena do lava-pés, quando Jesus anuncia a Pedro que mais tarde ele compreenderá tudo. De fato, será nessa sequência narrativa que Pedro finalmente compreenderá as coisas⁵⁶.

Pedro toma a iniciativa de sair para pescar. Os demais discípulos o seguem na barca. Contudo, naquela noite não pescaram nada. De madrugada, enxergam Jesus na

⁵⁵ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 368

⁵⁶ Cf. MATEOS; BARRETO. El Evangelio de Juan. p. , 889.

praia, sem conseguir identificá-lo⁵⁷. Jesus pergunta se eles têm algo para comer. Com a resposta negativa, Jesus diz: “Lançai a rede pelo lado direito e encontrareis peixes”. Assim fazendo, obedientes à fala do Mestre, eles recolhem tantos peixes que não conseguem nem trazer a rede para dentro do barco. O fato dessa pesca ser relatada em João, após os acontecimentos pascais, sugere um sentido mais profundo. Sobre isso, nos diz Konings:

A pesca pós-pascal é a chave para compreender o cap. 21: descreve concretamente como se realiza no tempo da Igreja o que Jesus, na sua Hora, instaurou. Lembram-se os principais nomes, a presença do Senhor no meio da comunidade, a ‘atração’ de novos discípulos, a celebração da refeição do Senhor, os carismas de liderança e de testemunho.⁵⁸

Quando ainda estão assustados com o grande número de peixes, entra em cena o Discípulo Amado. É ele quem reconhece o Senhor e o indica a Pedro. Como no sepulcro, diante dos mesmos sinais que Pedro vê, o Discípulo consegue reconhecer a presença do Senhor. Ouvindo isso, Pedro se veste, pois estava despido para a pesca, e se joga ao mar na direção do Senhor que está na margem.

2.3.2 O destino do Discípulo Amado (Jo 21,20-25)

Tradução instrumental

Texto grego	Tradução instrumental
²⁰ Ἐπιστραφεὶς ὁ Πέτρος βλέπει τὸν μαθητὴν ὃν ἠγάπα ὁ Ἰησοῦς ἀκολουθοῦντα, ὃς καὶ ἀνέπεσεν ἐν τῷ δείπνῳ ἐπὶ τὸ στήθος αὐτοῦ καὶ εἶπεν· κύριε, τίς ἐστὶν ὁ παραδιδούς σε;	²⁰ Virando-se Pedro vê o discípulo que Jesus amava, seguindo – o que também estivera reclinado, na ceia, ao peito dele e dissera: “Senhor, quem é o entregando-te?”–.
²¹ τοῦτον οὖν ἰδὼν ὁ Πέτρος λέγει τῷ Ἰησοῦ· κύριε, οὗτος δὲ τί;	²¹ Vendo ^{*pois} , Pedro, a este, diz a Jesus: “Senhor, este porém, o quê?”
²² λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· ἐὰν αὐτὸν θέλω μένειν ἕως ἔρχομαι, τί πρὸς σέ; σύ μοι ἀκολουθεῖ.	²² Diz-lhe Jesus: “Se quero que ele permaneça até que {eu} venha, o que para ti? Tu, segue-me.”
²³ ἐξῆλθεν οὖν οὗτος ὁ λόγος εἰς τοὺς ἀδελφοὺς ὅτι ὁ μαθητὴς ἐκεῖνος οὐκ ἀποθνήσκει· οὐκ εἶπεν δὲ αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς ὅτι οὐκ ἀποθνήσκει ἀλλ’ ἐὰν αὐτὸν θέλω μένειν ἕως ἔρχομαι, τί πρὸς σέ;	²³ Saiu ^{*pois} esta palavra para seus irmãos (que): “Este discípulo não morrerá”. –Não disse-lhe porém Jesus (que): “Não morrerá”, mas: “Se quero que permaneça até que (eu) venha [o que para ti?]”
²⁴ Οὗτός ἐστιν ὁ μαθητὴς ὁ μαρτυρῶν περὶ τούτων καὶ ὁ γράψας ταῦτα, καὶ οἶδαμεν ὅτι ἀληθὴς αὐτοῦ ἡ μαρτυρία ἐστίν.	²⁴ Este é o discípulo que testemunha a respeito disto e que escreveu-o, e sabemos que seu testemunho é verdadeiro.

⁵⁷ O simbolismo aqui é importante, quando ainda é noite, o Senhor está ausente e a pesca não rende. Com o alvorecer, ele se faz presente, e o trabalho dos pescadores tem rendimento abundante.

⁵⁸ KONINGS, Evangelho segundo João, p. 369. Ver também, nesta mesma página de Konings, a possível aproximação entre este relato e Lc 5,1-11.

²⁵ Ἔστιν δὲ καὶ ἄλλα πολλὰ ἃ ἐποίησεν ὁ Ἰησοῦς, ἅτινα ἐὰν γράφηται καθ' ἓν, οὐδ' αὐτὸν οἶμαι τὸν κόσμον χωρῆσαι τὰ γραφόμενα βιβλία.

²⁵ Há porém também muitas outras coisas que fez Jesus, que, se fossem escritas uma por uma, nem acho que o próprio mundo poderia conter os livros que seriam escritos.

Após a profissão de fé de Pedro e a missão do pastoreio, a terceira cena que compõe o capítulo 21, é dedicada ao destino do Discípulo Amado e termina com uma breve conclusão, bem próxima àquela feita em 20,30-31.

Pedro, voltando-se para trás, vê o Discípulo Amado, a testemunha perfeita, que o acompanha desde o capítulo 13. Tendo recebido a missão do pastoreio da comunidade, Pedro pergunta a Jesus sobre essa figura que se mostrou tantas vezes importante no interior da narrativa. A resposta de Jesus (“Se quero que ele fique até que eu volte, isso te importa? Tu, segue-me”), marca a diferença entre as duas figuras. O pastoreio, a confiança do amigo recebida por Pedro, não modifica em nada o lugar ocupado pelo Discípulo Amado. Cada um é cada um para Jesus. A felicidade do discípulo e, principalmente, daquele que pastoreia, está em seguir o Mestre.

No v. 23, uma nota do redator trata de um boato acerca do Discípulo Amado. Havia se espalhado que, por causa daquela fala de Jesus, o Discípulo Amado não morreria. O autor se ocupa logo em desfazer o mal-entendido: Jesus não disse que ele não morreria, mas “se quero que ele fique até que eu volte...”. Embora João tenha acentuado em seu Evangelho a “escatologia já inaugurada”, dando um novo sentido à realidade temporal, há boas razões para se acreditar que a comunidade joanina tenha, durante bom tempo, se fiado na espera de uma parusia imediata⁵⁹. Assim, acreditou-se que o Discípulo Amado ficaria até a volta do Senhor. A narração parece, então, relativizar esse dado e reforçar o aspecto de seguimento, ordem dada por Jesus a Pedro. Tanto Pedro como o Discípulo Amado morreram, porém, a caminhada da comunidade cristã ainda continua.

No v. 24, a informação que mais nos importa para este trabalho: “Este (o Discípulo Amado) é o discípulo que dá testemunho destes acontecimentos e os pôs por escrito”. Acreditamos que, muito provavelmente, não foi esse discípulo quem escreveu de próprio punho o livro (semelhante é o caso de Pilatos em 19,22), contudo, o Discípulo Amado é a testemunha ocular que garante um testemunho autêntico e verdadeiro.

⁵⁹ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 372.

O v. 25, ponto final do capítulo, é extremamente próximo a 20,30-31, porém, muito mais influenciada por um estilo de retórica helenística, acrescenta que Jesus fez “muitas outras coisas” que se “cada uma das quais fosse escrita, cuidou que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem”.

2.4 O Discípulo Amado como a testemunha fiel do Filho

Como quando se analisou a figura da “Mãe de Jesus”, afirmou-se, mais uma vez, que não estamos preocupados em nos perguntar sobre a complexa questão da identidade histórica do Discípulo Amado. Muitas tentativas foram realizadas na direção de descobrir a identidade desse misterioso discípulo. Alguns, fiando-se no fato de que, segundo o relato, Jesus “amava” Lázaro, tentaram ver nele o discípulo, contudo, os dados para essa afirmação são insuficientes. Outros tentaram ver na pessoa de João Marcos⁶⁰, discípulo que aparece em Atos 12,12, ao qual se atribui a autoria do Evangelho de Marcos, porém, não há indicações da tradição antiga nesse sentido. A opinião mais difundida é de que o discípulo seja o Apóstolo João, filho de Zebedeu, que amplamente é citado nos sinópticos e nos Atos, mas que passa em silêncio durante todo o livro.

Entretanto, o que realmente nos interessa para o presente estudo, é reconhecer o peso que essa figura possui dentro do Quarto Evangelho e o seu sentido para o leitor. Assim, acredita-se chegar mais próximo de sua função no relato de Jo 19,25-27, quando a Mãe de Jesus é recebida por tal personagem.

Sendo assim, percebe-se que o referido discípulo ocupa um lugar de intimidade junto ao Mestre. Ele é aquele que pode saber o que irá acontecer com Jesus, pois o conhece e compreende os caminhos do Pai (cf. 13,23-26). Junto de Pedro, ele parte para o sepulcro a fim de checar o que foi relatado por Maria Madalena. Chegando lá, ele vê e crê em tudo, enquanto Pedro apenas vê (Jo 20). É ele quem identifica o Senhor Ressuscitado, às margens do Lago de Tiberíades, e chama a atenção de Pedro (Jo 21). E, por fim, é apresentado como a testemunha fiel, cujo testemunho é base para a fé da comunidade joanina (Jo 21).

O Discípulo Amado é, portanto, a testemunha qualificada, aquele que guardará e dará testemunho da fé recebida do Mestre. Ele conhece por onde passam os caminhos

⁶⁰ Cf. PARKER, P. “John and John Mark”. *Journal of Biblical Literature* 79, 1960, 97-110

do Mestre. Sua fé é condição para se reconhecer o Senhor em meio ao cotidiano. Seu testemunho é provocador, no sentido em que chama à obediência. Ele guarda em seu testemunho a chave-de-leitura para a compreensão da própria comunidade. É essa figura que será encontrada, aos pés do crucificado, junto com a Mãe de Jesus.

3 O Crucificado

Dedicaremos esta secção de nosso trabalho à definição de uma possível identidade para o Crucificado no interior do Quarto Evangelho. A pergunta que norteará nossa pesquisa será a mesma utilizada para as personagens anteriormente estudadas: Para o autor do Evangelho de João, quem é Jesus? Debruçar-nos-emos sobre o prólogo (1,1-18) e depois sobre as sete autoproclamações de Jesus, identificadas pela precedência da expressão “Eu sou”. Nessas autoproclamações, a identidade de Jesus vai sendo, aos poucos, elucidada através de conteúdos simbólicos.

Após o estudo do prólogo, por uma opção metodológica, tendo em vista não alongar demais o trabalho, far-se-á apenas uma breve coletânea das sete autoproclamações⁶¹, seguidas, cada uma, de uma breve análise, sem se fixar por demais na análise das perícopes inteiras. Ter-se-á como base o estudo feito por Konings⁶².

3.1 O prólogo (Jo 1-18)

Texto grego	Tradução instrumental
¹ Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος.	¹ No início era ‘a Palavra’. E ‘a Palavra’ era junto de Deus E ‘Deus’era ‘a Palavra’.
² οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν θεόν.	² Este era no início junto de Deus.
³ πάντα δι’ αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ χωρὶς αὐτοῦ ἐγένετο οὐδὲ ἓν. ὃ γέγονεν	³ Tudo por ele veio-a-ser e fora dele veio-a-ser nem algo.
⁴ ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν, καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων·	⁴ O que veio-a-ser, nisso vida era E a vida era a luz dos homens.
⁵ καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν.	⁵ E a luz brilha nas trevas e as trevas não a detiveram.

⁶¹ A saber: 6,35 – “Eu sou o pão da vida”; 8,12 – “Eu sou a luz do mundo”; 10,7 – “Eu sou a porta”; 10,10 – “Eu sou o bom pastor”; 11,25: “Eu sou a ressurreição e a vida”; 14,6 – “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”; 15,1 – “Eu sou a verdadeira videira”.

⁶² Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 156-157

<p>⁶ Ἐγένετο ἄνθρωπος, ἀπεσταλμένος παρὰ θεοῦ, ὄνομα αὐτῷ Ἰωάννης·</p> <p>⁷ οὗτος ἦλθεν εἰς μαρτυρίαν ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός, ἵνα πάντες πιστεύσωσιν δι’ αὐτοῦ.</p> <p>⁸ οὐκ ἦν ἐκεῖνος τὸ φῶς, ἀλλ’ ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός.</p> <p>⁹ Ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν, ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον, ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον.</p> <p>¹⁰ ἐν τῷ κόσμῳ ἦν, καὶ ὁ κόσμος δι’ αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ ὁ κόσμος αὐτὸν οὐκ ἔγνω.</p> <p>¹¹ εἰς τὰ ἴδια ἦλθεν, καὶ οἱ ἴδιοι αὐτὸν οὐ παρέλαβον.</p> <p>¹² ὅσοι δὲ ἔλαβον αὐτόν, ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν τέκνα θεοῦ γενέσθαι, τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ,</p> <p>¹³ οἳ οὐκ ἐξ αἱμάτων οὐδὲ ἐκ θελήματος σαρκὸς οὐδὲ ἐκ θελήματος ἀνδρὸς ἀλλ’ ἐκ θεοῦ ἐγεννήθησαν.</p> <p>¹⁴ Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν, καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ, δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός, πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας.</p> <p>¹⁵ Ἰωάννης μαρτυρεῖ περὶ αὐτοῦ καὶ κέκραγεν λέγων· οὗτος ἦν ὃν εἶπον· ὁ ὀπίσω μου ἐρχόμενος ἔμπροσθέν μου γέγονεν, ὅτι πρῶτός μου ἦν.</p> <p>¹⁶ ὅτι ἐκ τοῦ πληρώματος αὐτοῦ ἡμεῖς πάντες ἐλάβομεν καὶ χάριν ἀντὶ χάριτος·</p> <p>¹⁷ ὅτι ὁ νόμος διὰ Μωϋσέως ἐδόθη, ἡ χάρις καὶ ἡ ἀλήθεια διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐγένετο.</p> <p>¹⁸ Θεὸν οὐδεὶς ἑώρακεν πώποτε· μονογενὴς θεὸς ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς ἐκεῖνος ἐξηγήσατο.</p>	<p>⁶ Veio-a-ser um homem, enviado por Deus, o nome dele, João.</p> <p>⁷ –Este veio para testemunho, para que testemunhasse acerca da luz, para que todos acreditassem por ele.</p> <p>⁸ Não era ele a luz, mas para que testemunhasse acerca da luz.–</p> <p>⁹ Era a luz verdadeira, que ilumina todo homem, vindo ao mundo.</p> <p>¹⁰ No mundo era –e o mundo por ele viera-a-ser– e o mundo a ele não conheceu.</p> <p>¹¹ Para o seu veio e os seus a ele não acolheram.</p> <p>¹² Quantos porém o acolheram, deu-lhes autoridade de filhos de Deus virem - a-ser –aos que acreditam em seu nome</p> <p>¹³ que não de sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus nasceram–.</p> <p>¹⁴ E ‘a Palavra’ carne veio-a-ser e armou tenda entre nós –e enxergamos sua glória, glória como de unigênito do Pai – plenitude de graça e verdade,</p> <p>¹⁵ –João testemunha acerca dele e tem proclamado, dizendo: “Este é o qual eu disse: “O depois de mim vindo diante de mim veio-a-ser, porque primeiro que eu era.”</p> <p>¹⁶ Pois de sua plenitude todos nós recebemos, e graça por graça,</p> <p>¹⁷ porque a Lei por Moisés foi dada, a graça e a verdade por Jesus Cristo veio-a-ser.</p> <p>¹⁸ A Deus ninguém viu nunca; o unigênito Deus, o sendo no seio do Pai, ele o deu a conhecer.</p>
---	--

No v.1 do prólogo, o autor enfatiza a preexistência da Palavra junto de Deus. Três vezes é empregado o verbo grego εἶμί (ser\estar) no indicativo imperfeito. Na primeira menção, a coexistência da Palavra em Deus. A Palavra, esse ato\desejo de comunicação de Deus, desde sempre habita Deus. Ela “era”, estava, diante\voltada para Deus, pronta para o serviço (Sb 18,14-16). A Palavra era Deus no sentido de que participa do ser\agir de Deus.

O v. 2 é um resumo do v. 1. No centro desse conjunto, está a expressão “a palavra era Deus”. Se o AT falava na preexistência da Sabedoria junto de Deus, nunca

chegou a chamá-la de Deus. Aí se encontra a audácia inédita de João⁶³. Essa Palavra de Deus, sua autoexpressão comunicativa e criativa, está desde o princípio junto de Deus e, conseqüentemente, se manifesta na Criação do Universo (vv. 3-4) e se atualiza na vida do Filho. A teologia judaica chegou a considerá-la uma “hipóstase” de Deus, ou seja, *uma realidade em que Deus se torna presente*⁶⁴.

A primeira coisa que Deus chama à existência é a luz (Gn 1,1-3). A palavra (como a Lei, chamada no Targum de “árvore da vida”), é chamada de “vida que é luz dos homens” (v.4). A luz é elemento vital para a vida no Universo. Sem luz, nenhuma semente pode germinar. Esta luz que é a Palavra, por mais que as trevas queiram extirpá-la, não é extinta. Ela continua a brilhar sobre os homens (v.5).

Os vv. 6-8 falam de João, o Batista, aquele que veio ao mundo para ser testemunha desta Luz que é Vida que vem de Deus (Jo 1,19-36). Ela, a Luz, que ilumina toda a humanidade, vem ao mundo, mas não é recebida pelos Homens (vv. 9-11). Como Dom de Deus, aos que a acolhem, lhes dá a capacidade de se tornarem Filhos (τέκνα) de Deus (v. 12). Essa filiação não é mérito da carne (realidade humana), mas Dom de Deus, querido em sua Palavra desde o princípio (v. 13).

E a Palavra de Deus se fez carne e fez morada (arma sua Tenda) entre nós (v.14). A débil e precária realidade humana se presta à economia salvífica. Para a tradição joanina, o tema da encarnação é de central importância (1Jo 4,2; 2Jo 7). Sua glória é manifesta na carne. Glória e carne, em João, estão profundamente relacionadas. O tipo de glória a ser manifesta só é possível na carne. A Palavra é cheia de graça e verdade e esse é o fundamento da Glória que se manifesta nela. Depois de um breve parêntese, retomando a figura da Testemunha, João Batista (v.15), o autor retoma esse tema aplicando-o, pela primeira vez, nominalmente, a Jesus. Graça e Verdade são atributos de Deus. Sobre isso, Konings nos diz:

Em Jesus transbordam os atributos de Deus segundo Ex 34,5-6: ‘graça’, no sentido de amor (hésed), e ‘verdade’ não é apenas verdade nas palavras, mas em tudo o que ele é – veracidade, fidelidade (èmet). A ‘graça e a verdade’ é o amor fiel e leal de Deus – podemos até dizer: a Aliança – que em Jesus se torna presente e visível. Na ‘carne’ que é Jesus (= na sua existência humana e mortal), contemplamos a glória de Deus, que é seu amor e fidelidade (cf. 1Jo 4,8.10: ‘Deus é amor’). Isso se verifica sobretudo quando Jesus se despoja de sua vida ‘na carne’, impulsionado por um amor fiel até o fim (ver 13,1). Nesse momento, ele poderá dizer: ‘Quem me vê, vê o Pai’ (14,9).⁶⁵

⁶³ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 77

⁶⁴ Além da Palavra, tais hipóstases são: a Sabedoria, o Trono, a Voz, a Morada, a Lei/Instrução. Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 77.

⁶⁵ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 82

Nos vv.16-17, os efeitos dessa manifestação de Deus em Jesus, pleno de graça e verdade. “Nós” (aqueles que acolhem a Palavra em Jesus) recebemos de sua plenitude que se transborda em “graça por graça”. Se a Lei, vinda por intermédio de Moisés, é graça; “graça e verdade”, amor fiel por excelência, vieram (tornaram-se realidade\revelaram-se) por Jesus Cristo. No v. 18, a conclusão: essa Palavra, graça e verdade, é autocomunicação de Deus que se manifesta na existência de Jesus.

Os demais sinais que agora iremos estudar, testificam essa realidade de autocomunicação de Deus em Jesus. Na ação de Jesus, em quem se manifesta a Palavra de Deus, é o próprio Deus quem age, cumulando a humanidade aberta em acolhida, de graça e verdade.

3.2 As autoproclamações:

A expressão “Eu sou” (em grego: ἐγώ εἰμι) evoca a atmosfera da teofania. Encontram-se suas raízes no AT na passagem de Ex 3,14. Deus, YHWH, se identificou a Moisés como aquele que tem o nome inefável, diferentemente dos outros deuses. Identificou-se como aquele que, com sua presença, acompanha seu povo. Essa expressão, associada a Jesus, que desde o prólogo, como acima vimos, é identificado com a Palavra do Pai, nos remete à presença de Deus, junto ao seu povo na figura de sua Palavra feita carne, ou seja, Jesus Cristo.

Este estilo muito próprio do Jesus de João se revelar, difere do modo como os sinópticos lidaram com a figura de Jesus. Nos outros evangelhos, Jesus se apresenta como profeta ou como mestre popular, anunciando e denunciando, exortando ou ensinando em parábolas. O Jesus de João, anunciado desde o prólogo como a Palavra de Deus, se mostra soberano, se revelando a partir de símbolos que atribui a si, que serão compreendidos por aquele que se encontra inserido no interior da tradição da qual bebe a comunidade.

Por sete vezes em João, Jesus toma a palavra para se autoproclamar como a realização daquilo que os grandes símbolos do povo bíblico e mesmo da humanidade esperam:

Citação	Texto grego	Tradução instrumental
6,35	εἶπεν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· ἐγώ εἰμι ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς· ὁ ἐρχόμενος πρὸς ἐμὲ οὐ μὴ πεινάσῃ, καὶ ὁ πιστεύων εἰς ἐμὲ οὐ μὴ διψήσῃ πώποτε.	E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida ; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede.

8,12	Πάλιν οὖν αὐτοῖς ἐλάλησεν ὁ Ἰησοῦς λέγων· ἐγὼ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου· ὁ ἀκολουθῶν ἐμοὶ οὐ μὴ περιπατήσει ἐν τῇ σκοτίᾳ, ἀλλ' ἔξει τὸ φῶς τῆς ζωῆς.	Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo ; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida.
10,7	Εἶπεν οὖν πάλιν ὁ Ἰησοῦς· ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι ἐγὼ εἰμι ἡ θύρα τῶν προβάτων.	Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas .
10,11	Ἐγὼ εἰμι ὁ ποιμὴν ὁ καλός· ὁ ποιμὴν ὁ καλὸς τὴν ψυχὴν αὐτοῦ τίθησιν ὑπὲρ τῶν προβάτων·	Eu sou o bom Pastor , o bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas.
11,25	εἶπεν αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς· ἐγὼ εἰμι ἡ ἀνάστασις καὶ ἡ ζωὴ· ὁ πιστεύων εἰς ἐμὲ καὶ ἀποθάνη ζήσεται,	Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida ; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;
14,6	λέγει αὐτῷ [ὁ] Ἰησοῦς· ἐγὼ εἰμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωὴ· οὐδεὶς ἔρχεται πρὸς τὸν πατέρα εἰ μὴ δι' ἐμοῦ.	Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida ; ninguém vem ao Pai, senão por mim.
15,1	Ἐγὼ εἰμι ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινὴ καὶ ὁ πατήρ μου ὁ γεωργός ἐστιν.	Eu sou a videira verdadeira , e meu Pai é o lavrador.

Para que se compreenda essa maneira de falar, é preciso ter em conta que o Quarto Evangelho é o “evangelho pascal”. O Jesus que João nos apresenta, é um Jesus pascal, ou seja, o Jesus da “memória cristã”. Somente depois da Páscoa é que os discípulos compreenderam como Ele realmente é, desde sempre (cf. Jo 2,22; 12,16). Suas palavras e atos se enchem de sentido depois dos eventos pascais. Assim, as autoproclamações em João só podem ser entendidas à luz do Mistério Pascal. É como se o Ressuscitado as pronunciasse.

As autoproclamações, portanto, não são atributos ou predicados de Jesus, mas, nos revelam a profundidade do Mistério do Filho, enquanto Ele é aquele que cumpre, plenifica a Aliança. Buscar-se-á, de maneira rápida, perceber as ressonâncias dessas autoproclamações no AT e, assim, elucidar um pouco mais seu sentido, enquanto apontam para Jesus como cumpridor da promessa.

Eu sou o pão da vida: Inserida no contexto da multiplicação dos pães, essa autoproclamação ressoa a passagem de Ex 16,15ss, quando o povo no deserto recebeu o *manah* dos céus. A partir do mal-entendido dos judeus, que buscavam o pão material para se fartar, Jesus opera uma importante mudança de sentido. Ele não é o pão que os Pais receberam no deserto por intermédio de Moisés, mas ele é o verdadeiro pão que vem dos céus, aquele que sacia toda a fome e toda a sede. Tendo em mente textos como Is 55,1-3, Pr 9,5 e Sr 15,3 e 24,21, pão (e bebida) simbolizam o ensinamento e a sabedoria de Deus. O pão que vem dos céus em Jesus é o ensinamento, autocomunicação, de Deus que ele nos dá a conhecer.

Eu sou a luz do Mundo: Inserida no contexto da festa dos Tabernáculos, festa da água (cf. 7,37-38) e da luz, essa autoproclamação explora o segundo tema dessa celebração. Na festa, o pátio do Templo é iluminado com grandes candelabros. Jesus se mostra como manifestação daquilo que o próprio símbolo da luz quer dizer: a realidade divina, o primeiro ato criador de Deus...⁶⁶. Já em 1,35, a Palavra é apresentada como luz de Deus que vem ao mundo.

Eu sou a porta: Esta autoproclamação é citada duas vezes (vv. 7.9), com uma pequena alteração. Na primeira menção, ela vem acompanhada da expressão “das ovelhas”. Jesus aqui se apresenta como a passagem obrigatória. Sem nos aprofundar muito, o contexto da pregação de Jesus aqui é profundamente eclesial. Relacionada aos verdadeiros pastores, no Antigo Testamento o “entrar e sair pela porta” aponta para verdadeiros líderes do povo, como é o caso de Josué em Nm 27,16-17.

Eu sou o bom pastor: Jesus é o pastor por excelência, aquele que dá a vida por suas ovelhas. A Bíblia nasceu de um povo enraizado no contexto pastoril. No Antigo Testamento, o verdadeiro pastor de Israel é Deus (cf. Gn 49,24; Sl 23; 78,52-53; 95,7). Os demais pastores são suscitados e agem em nome do verdadeiro pastor (como, por exemplo, o caso dos reis: 1Rs 22,17; Jr 10,21; 23,1-2; Zc 11).

Eu sou a ressurreição e a vida: O contexto dessa autoproclamação é a ressurreição de Lázaro. Marta, irmã de Lázaro, acredita na ressurreição “no último dia”. Mas Jesus, bem ao estilo do evangelho de João, modifica a perspectiva para a novidade que chega em sua pessoa, em quem a ressurreição se torna presente. Ressurreição aqui interpretada como a vida verdadeira que vem de Deus, vida que é de uma ordem diversa da biológica. Em Jesus, está presente não apenas a ressurreição, mas a ressurreição e a vida, isto é, a ressurreição que proporciona a vida. Em 1,4, a Palavra é chamada de vida que é luz para todos os homens. No Antigo Testamento, percebemos que a crença na ressurreição em Israel foi sendo gestada aos poucos (Dn 2,12, Sl 94,16; 73,24; Jô 19,26, 5,15). Em Jesus, há um importante salto na compreensão de ressurreição: não se trata apenas de uma ressurreição para recompensa ou castigo (como em Dn 2,12), mas sim, da *participação desde já* na vida em união com Deus, que Jesus inaugura e proporciona, e que se torna realidade pela adesão à sua pessoa e prática⁶⁷. Por isso, em João, pode-se falar de “escatologia já inaugurada”.

⁶⁶ Sobre este símbolo, a luz, ver KONINGS. Evangelho segundo João, p. 182

⁶⁷ Cf. KONINGS, Evangelho segundo João, p. 255

Eu sou o caminho, a verdade e a vida: O contexto é o da despedida de Jesus. O trecho de Jo 14,1-3 evoca a despedida de Moisés em Dt 1,29ss. Para conhecer o caminho e discernir sua trajetória, que conduz à vida, basta olhar para a vida de Jesus. Ele, ou melhor, sua existência, é o verdadeiro caminho, a condição de discernimento, e a vida para a qual segue esse caminho⁶⁸.

Eu sou a verdadeira videira: Como no caso da imagem do Bom Pastor (10,1-18), essa última autopromoção é uma alegoria muito bem elaborada. Na boca do próprio Jesus, João coloca a explicação da alegoria: ele é o tronco, os ramos são os fiéis, o Pai é o agricultor que espera frutos da vinha. No AT, a imagem videira foi muitas vezes utilizada pelos profetas para indicar Israel (como é o caso de Is 5,1-7)⁶⁹. Jesus é a verdadeira videira, e a comunidade, unida a ele, produz seus frutos no amor e na comunhão fraterna.

*

A partir do estudo realizado, percebe-se que João nos apresenta Jesus como aquele em quem se realiza a plenitude da Aliança. Essa Aliança traçada entre Deus e Israel, só pode ser levada à plenitude pelo próprio Deus ou por alguém que tenha autoridade para agir em nome de Deus. Nesse sentido, o prólogo nos introduz no interior do Mistério de Jesus como Palavra de Deus. Como vimos acima, enquanto Palavra de Deus, ele é o lugar onde o Senhor atua se comunicando. Quando age a Palavra, é Deus que age nela. Portanto, ele tem autoridade para falar do Pai e pelo Pai.

As sete autopromoções completam esse quadro. Além de marcar o ministério terreno de Jesus, referidas ao Antigo Testamento, expressam grandes momentos do agir de Deus na economia da Aliança. Ao utilizar, em referência a Jesus, o vocativo “Eu sou”, nome dado a si por Deus quando perguntado por Moisés (Ex 3,14), o autor do evangelho evoca a figura do próprio Deus presente em Jesus. Sendo assim, pode-se concluir que João nos apresenta a figura de Jesus em total referência à História da Aliança. Mais do que isso, ele surge como aquele em quem se cumprem as promessas feitas por Deus, pois ele, que é a Palavra, age por Deus. Onde age o Filho, Jesus, é o próprio Pai que age cumprindo e plenificando a Aliança feita.

⁶⁸ Sobre os termos caminho, verdade e vida, ver KONINGS, Evangelho segundo João, p. 310-311

⁶⁹ Sobre este assunto, ver KONINGS, Evangelho segundo João, p. 324-325

4 Conclusão do Segundo Capítulo:

Neste capítulo nos dedicamos ao estudo das identidades narrativas das três personagens que protagonizam a cena de Jo 19,25-27. Como anteriormente fora exposto de maneira bem sintética, a “Mãe de Jesus” se encontra em profunda associação com Israel e a fidelidade à Aliança. Como símbolo, ela congrega a fé e a história de Israel que espera em Deus, seu Senhor e sua Salvação. Vemos nela a história que antecede a plenitude que se realiza na encarnação do Filho. O Discípulo Amado surge como a testemunha fiel, aquele que proclamará para os séculos, o que ouviu e viveu com o Cristo. Sua fé é o alicerce sobre o qual se desenvolvem a vida e a missão da comunidade cristã futura. Ele é o futuro da Aliança plenificada no Filho. Jesus, a Palavra feita carne, é a própria ação de Deus que leva a termo suas promessas, descortinando-se em futuro aberto como vida para a humanidade.

Pode-se, dessa forma, criar um quadro temporal do Mistério de Deus com os Homens que se realiza enquanto História Salvífica. No próximo capítulo, estudaremos mais atentamente a cena que se realiza ao pé da cruz. Sem perder esse quadro temporal aqui já traçado, buscar-se-á compreender a profundidade da entrega/união da Mãe de Jesus e do Discípulo Amado, realizada pelo Mestre na cátedra da cruz, e as consequências da mesma para esta História que chamamos Salvífica.

Capítulo III: Análise da perícopre de Jo 19,25-27 e seus desdobramentos

Após termos, no capítulo anterior, construído as identidades das três personagens que protagonizam a cena ao pé da cruz, nos dedicaremos neste capítulo ao estudo das condições nas quais se realiza essa entrega, bem como a seu desdobramento na vida da comunidade que se forma ao pé da cruz.

Para tanto, seguir-se-á o seguinte caminho metodológico: no primeiro momento da pesquisa neste capítulo, será analisado o sentido profundo da expressão εἰς τὰ ἴδια, que sugere uma espécie de “sentido qualitativo” da recepção da Mãe pelo Discípulo.

Percebendo que a Mãe é recebida no interior da vida do Discípulo e, portanto, participa de seu futuro, ou seja, forma com ele um único povo, participando de sua unidade com o Filho na glória e na perseguição, será necessário, no segundo momento deste capítulo, perceber as consequências dessa entrega para o futuro do novo povo da Aliança nascido da entrega ao pé da cruz. Para realizar esta tarefa, a pesquisa voltar-se-á para a expressão “hora”, muito utilizada em João para indicar o momento da crucificação do Filho, relacionada ao Discípulo.

Falar-se-á, ainda, da figura do Paráclito, aquele que recordará o Mestre nos corações dos discípulos e os levará à compreensão, realizando, dessa forma, a continuidade da presença do Ressuscitado em meio à comunidade.

1 O Discípulo Amado recebe a Mãe de Jesus εἰς τὰ ἴδια.

1.1 O contexto da narrativa:

O contexto no qual está inserida essa perícopre é o da “hora” da Glorificação do Filho. Para João, este é o momento para o qual converge todo o Evangelho. A “hora” não é um tempo “cronológico”, mas sim, teológico: “é o momento do Pai, que Jesus faz seu, para o qual se dirige toda a sua atividade e que a explica”¹. Já em Caná, no

¹ MATEOS; BARRETO, Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p.132.

princípio dos sinais, há uma menção à hora (2,4). São esses acontecimentos que se configuram como chave de leitura para a interpretação dos fatos e da atividade de Jesus.

Jo 12,23 e 17,1 indicam o início da hora e seu conteúdo, a glorificação do Filho na morte de cruz (cf. 12,24). A morte manifestará a profundidade do amor-fiel de Deus em Jesus. A hora manifesta toda a fecundidade do amor. A negatividade do momento se perde na grandiosidade da manifestação do amor-fiel. Como vimos no capítulo II deste trabalho, Caná já figurava como sinal dessa glorificação. Agora é a hora da manifestação do vinho novo do amor de Deus na doação de vida do Filho. Sem perder a perspectiva da Aliança, a entrega total do Filho aperfeiçoa, plenifica, a Aliança de Deus. “A atividade de Jesus não era só promessa de salvação, mas salvação em ato, que receberia o seu termo e sua eficácia definitiva em “sua hora”, quando desse o Espírito na cruz (19,30)”².

1.2 Análise da narrativa de Jo 19,25-27

Texto grego	Tradução instrumental
²⁵ Εἰστήκεισαν δὲ παρὰ τῷ σταυρῷ τοῦ Ἰησοῦ ἡ μήτηρ αὐτοῦ καὶ ἡ ἀδελφὴ τῆς μητρὸς αὐτοῦ, Μαρία ἡ τοῦ Κλωπᾶ καὶ Μαρία ἡ Μαγδαληνὴ.	²⁵ Permaneciam próximo à cruz de Jesus a sua mãe a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria de Mágdala.
²⁶ Ἰησοῦς οὖν ἰδὼν τὴν μητέρα καὶ τὸν μαθητὴν παρεστῶτα ὃν ἠγάπα, λέγει τῇ μητρὶ· γύναι, ἴδε ὁ υἱός σου.	²⁶ Jesus ^{*pois} vendo presente sua mãe e o discípulo que amava, diz à sua mãe: “Mulher, eis teu filho.”
²⁷ εἶτα λέγει τῷ μαθητῇ· ἴδε ἡ μήτηρ σου. καὶ ἀπ’ ἐκείνης τῆς ὥρας ἔλαβεν ὁ μαθητὴς αὐτὴν εἰς τὰ ἴδια.	²⁷ Depois diz ao discípulo: “Eis tua mãe.” E desde aquela hora recebeu-a o discípulo no {que é} seu.

No v.25, o autor relata a presença de um grupo de mulheres ao pé da cruz. Em meio ao grupo, encontra-se a Mãe de Jesus. Quanto ao número das mulheres, há certa discussão entre os estudiosos. Mateos e Barreto sustentam a hipótese de que na cena da cruz estariam presentes apenas duas mulheres. Para eles, a hipótese de quatro personagens não encontra fundamento pela inexistência da partícula grega *kái* entre as supostas segunda e terceira personagens. Já a hipótese de três personagens não se sustentaria pelo fato de João, toda vez que nomeia um personagem, lhe atribui uma função, o que não é o caso de “Maria de Clopas”. Sendo assim, optam pela presença de apenas duas mulheres, a Mãe de Jesus e sua irmã, respectivamente, Maria de Clopas

² MATEOS; BARRETO, Vocabulário Teológico do Evangelho de São João. p. 133.

(Clopas seria o nome do pai de Maria) e Maria Madalena. Dessa forma, essas duas mulheres significariam a Antiga e a Nova Aliança.

Há no textos quatro designações de personagens femininos: sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria a de Cléofas e Maria Madalena (...). A possibilidade de quatro mulheres fica descartada por faltar a partícula *kai* entre a segunda e a terceira denominação (cf. 21,2). Pode, pois, tratar-se de três mulheres: a mãe, sua irmã, chamada Maria a de Cléofas, e uma terceira, Maria Madalena, ou ainda, de duas mulheres, a mãe e sua irmã, que se chamavam, respectivamente, Maria de Cléofas e Maria Madalena.

Para resolver o problema há que se ter presente que, dada a orientação teológica de sua obra, quando João nomeia um personagem é porque o atribui um papel significativo (...).

Opta-se, pois, pela menção de duas mulheres, indicadas primeiro por vínculos de parentesco (mãe, sua irmã) e, na continuação, identificadas por seus nomes. Ficaria confirmada esta opção pelo claro significado das mulheres na cena. Cléofas seria o nome do pai de Maria. Note-se que não é válida a objeção de que duas irmãs tenham o mesmo nome, pois a mãe de Jesus é unicamente chamada Maria nos outros evangelhos; sua irmã teria em todo caso o mesmo nome, uma vez que fosse Maria de Cléofas, na hipótese de três mulheres, ou Maria Madalena, na hipótese de duas. E mais, pode dizer-se que neste evangelho o nome “Maria” é próprio das mulheres que representam uma figura de esposa fiel: a mãe de Jesus, a da antiga Aliança (2,1-5); Maria de Betânia (12,3) antecipa a figura de Maria Madalena; Maria Madalena é a esposa fiel da Nova Aliança (20,1.11-18).³

Konings, embora mantenha em aberto a questão, tende a aceitar a hipótese da presença de três mulheres ao pé da cruz, visto que esta estaria em sintonia com a tradição encontrada nos sinópticos⁴.

Já Léon-Dufour⁵ e Simoens⁶, hipótese que se nos apresenta como a mais provável, apostam na presença de um grupo de quatro mulheres, em oposição ao grupo de quatro soldados do v. 23. Isso estaria fundamentado num gênero de oposição comum em João. Notemos como exemplo, já no prólogo, a oposição entre “luz” e “trevas”, “aqueles que creem” e “aqueles que não creem”. Assim tem-se dois grupos opostos aqui relatados: de um lado, os soldados, funcionários do poder político que autoriza a morte de Jesus, que, não crendo, trabalham na morte de Jesus; do outro lado, estariam as mulheres, grupo fiel a Jesus, que o acompanham até o fim.

Deixando de lado essa menção aos dois grupos, a estrutura do relato que se seguirá nos vv. 26-27 pode ser vista da seguinte maneira:

- Uma introdução (26a);
- A palavra de Jesus (26b- 27a);

³ Cf. MATEOS; BARRETO. El Evangelio de Juan. p. 814-815.

⁴ KONINGS, Evangelho segundo João, p. 340

⁵ Cf. LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, IV, p. 98

⁶ Cf. SIMOENS, Selon Jean, p, 818

- Nota final (27b).

Compreende-se que a palavra de Jesus, elemento central desta pequena estrutura e, todavia, mais importante, constitui o próprio evento; contudo, a interpretação desta não pode estar dissociada na nota final, que aponta para a maneira como o discípulo recebeu a mãe de Jesus. Mais adiante, dedicaremos um estudo específico sobre esse tema.

Tendo claro que o fato acontece no interior da “hora do Filho”, a interpretação dessa narrativa deve encontrar um sentido profundo, visto que o evento que seguirá imediatamente a este fato é o reconhecimento, por parte do próprio Jesus, da consumação da obra que o Pai lhe havia confiado (19,28a).

Como se viu no capítulo II deste estudo, o relato se encontra em relação direta com os acontecimentos nas núpcias em Caná, visto que a personagem “Mãe de Jesus” aparece somente nesses dois relatos, ou seja, no início e no fim do ministério do filho. No primeiro relato, se encontra o episódio como prefiguração da salvação que se aproximava. Aqui, no ponto máximo e final do ministério terreno de Jesus, essa salvação se consuma. Na cruz, a Aliança encontra sua plenitude na entrega amorosa e fiel do Enviado de Deus. O vinho novo da plenitude dos tempos messiânicos que foi dado em abundância nas núpcias de Jo 2, aqui é derramado de maneira definitiva. Não é por acaso que nesse relato reaparece, por sinal é a única vez nos relatos da Paixão, o termo hora (19,27b), que já havia aparecido em Caná indicando que a Glorificação ainda não aconteceria naquele momento.

Sobre os indícios literários que estabelecem o laço intencional entre os dois relatos, Léon-Dufour nos diz:

O laço intencional entre os dois episódios é confirmado pelo emprego da fórmula anônima “a mãe de Jesus” e pela retomada do termo “Mulher”, que causa admiração no tratamento de filho para mãe (cf. 2,4).⁷

Aqui, a Mãe de Jesus, mais do que a figura histórica de Maria de Nazaré, como já foi visto anteriormente, evoca o Israel fiel, a Sião Messiânica, aberta ao dom de Deus. De maneira mais consciente que os demais evangelistas, João utiliza a “personalidade corporativa” para alguns de seus personagens. João gosta de fazer de seus atores representantes de uma categoria de pessoas, a partir do modo como reagem diante da revelação divina em Jesus.

⁷ LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho de João*, IV, p. 100

Pelo olhar⁸ de Jesus (v.26a), a figura de sua mãe é associada à de seu discípulo amado. Mesmo sendo apresentado dissociado do grupo em que a mãe de Jesus se encontrava, ele compõe o quadro. Ele ocupa outro lugar, não integrando o grupo encabeçado pela Mãe de Jesus. Essa percepção se torna importante para os eventos que se seguirão. Aquele discípulo, como anteriormente estudamos, é o que se encontra ao lado do Senhor, lugar de honra, no banquete de despedida. É ele quem tem acesso aos segredos sobre o caminho do Senhor. Indo ao sepulcro, vê e crê. Quando da pesca em Jo 21, é ele quem reconhece o Senhor ressuscitado à beira da praia. É o mesmo que é apresentado em Jo 21,24 como a testemunha fiel, aquela que garante a veracidade da fé da comunidade joanina.

1.2.1 A dupla palavra de Jesus

A Mãe de Jesus e o Discípulo Amado são sucessivamente interpelados por Jesus. Duas são as interpretações mais comuns para essa dupla interpelação. Alguns especialistas veem que esse caso equivaleria a uma fórmula jurídica de adoção⁹ (cf. Sl 2,7), embora esse gênero nunca se apresente dessa forma e, em semelhante caso, a mulher não é interpelada primeiro. O segundo caso aponta para uma cena de revelação¹⁰, semelhante à passagem de Natanael em Jo 1,47, visto que Jesus revelaria quem é agora o portador do plano do Pai: o Discípulo Amado, que é posto em relação com a Mãe.

Preferiu-se optar pela leitura de Léon-Dufour, que vê essa dupla palavra, apelando para o termo da linguística moderna, como *performativa*, semelhante ao que acontece nos relatos de milagre:

Ela cria o que ela enuncia. Pronunciada como testamento por aquele que vai morrer, a palavra de Jesus exprime sua vontade a respeito dos que ele vai deixar. Tudo se passa como se, enxergando-os, lado a lado, ao pé da cruz, Jesus constataste a relação que os vai unir. Agora que sua passagem para o Pai entrou em ação, ele os engaja a viver o laço mútuo que é o fruto de sua “elevação”. No nível simbólico, a relação que se instaura só pode ser permanente.¹¹

⁸ Sobre o verbo “ver” nos relatos da ressurreição, remetemos o leitor ao estudo feito por MANNIS. L’Evangile de Jean a la lumière du Judaïsme, p. 431-448.

⁹ Segundo Léon-Dufour, seria caso semelhante a Tb 7,12 (LXX) e remontaria a Ambrósio e é sustentada por poucos como E. Stauffer e, com reticência, C. K. Barret. *Apud*: LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, IV, p. 101, nota 42.

¹⁰ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 341.

¹¹ LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, IV, p.101

Nesse contexto em que salta o definitivo da história, acontece o recebimento da Mãe de Jesus pelo Discípulo Amado. Tendo em consideração que a linguagem em que se dá essa entrega é performativa, percebe-se que há uma mudança no âmbito das relações: aquela que era mãe é submetida ao filho gerado na fé, e não o contrário, como seria normal esperar.

Voltando um pouco para trás na narrativa, essa mudança mencionada pode ser expressa pelo fato de a Mãe de Jesus, que antes se encontrava encabeçando o grupo das mulheres, agora termina o relato indo embora com o Discípulo Amado. Ela sai de seu lugar primeiro para ocupar um novo lugar dentro da dinâmica joanina. Acreditamos que essa nova relação poderá ser mais bem elucidada a partir do estudo do significado da expressão $\epsilon\iota\varsigma\ \tau\grave{\alpha}\ \ \iota\delta\iota\alpha$ que indica o novo lugar para onde é levada a Mãe de Jesus.

Para tanto, nos apoiaremos na segunda parte do estudo feito pelo Frei Simão Voigt¹² sobre essa perícopie. Distanciamos-nos, porém, da hipótese levantada na primeira parte do referido artigo, que percebe na redação dessa passagem narrativa como resposta às acusações contra o Discípulo Amado, presentes em alguns escritos apócrifos do I e II séculos, que sustentam que este teria abandonado Maria, a mãe de Jesus. Não temos essa hipótese como verossímil, pois, além de fazer uma leitura por demais personalizada das personagens, tenta buscar explicações em contexto exterior e alheio ao Quarto Evangelho. Na conclusão deste trabalho, tentaremos expor uma hipótese nossa, ainda em aberto, sobre o *background* histórico possível desta narrativa.

1.2.2 Ele a recebeu $\epsilon\iota\varsigma\ \tau\grave{\alpha}\ \ \iota\delta\iota\alpha$

O presente episódio, ausente das narrativas sinópticas, termina com a expressa afirmação de que o Discípulo Amado recebeu a “Mãe de Jesus”, desde aquela hora, $\epsilon\iota\varsigma\ \tau\grave{\alpha}\ \ \iota\delta\iota\alpha$. A tradução óbvia e que figura na maioria das versões para o português, seria a de que o Discípulo teria recebido a Mãe de Jesus “em sua casa”. Esse primeiro sentido parece bem se encaixar no contexto, visto que temos um filho às portas da morte, preocupado em garantir para sua mãe um futuro, sobretudo teto e sustento.

Contudo, podemos nos perguntar por que não utilizou fórmulas mais comuns nesse contexto, como aparecem em outras partes do Evangelho, dizendo

¹² VOIGT, S. O Discípulo Amado recebe a Mãe de Jesus “eis ta idía”: velada apologia de João em 19,25-27. Petrópolis: *Revista Eclesiástica Brasileira*, n.35, v.4, 1975. p. 770-823.

simplesmente que o discípulo a acolheu (em grego ἔλαβεν αὐτήν, cf. Jo 1,12; 5,43; 6,21...), ou que ele a recebeu εἰς τὸν οἶκον αὐτοῦ (cf. 7,53), ou ainda, εἰς οἰκίαν (cf. 2Jo 1,10). Pelo contrário, escolheu uma expressão menos diáfana e certamente de sentido mais complexo e ambíguo. Talvez seja por essa falta de clareza da expressão que tradutores eventualmente tomam suas precauções. Como, por exemplo, é o caso da Vulgata que, ao invés de utilizar a expressão “*in domum suam*”, prefere utilizar a expressão mais cautelosa “*in sua*”. A tradução da Bíblia feita pela CNBB prefere, de maneira também cautelosa, traduzir como “aquilo que era seu”. Tais versões mantêm a possibilidade de compreensão material da expressão, para sua casa e seus bens, como também dão abertura para outros sentidos, como buscamos nesta secção do trabalho.

Voigt, em seu estudo, abre a leitura para a possibilidade de três tipos de interpretação da expressão τὰ ἴδια. Ele chama um de sentido *estático*; outro de *dinâmico*; e um terceiro, mais englobante, ele denomina de *pregnante*:

Com efeito, não se foge à impressão de que o Quarto Evangelho tem algum motivo para de propósito empregar esta expressão de significado complexo e de que a razão disto pode estar naquela sua característica visão de globalidade que também se poderia chamar de jogo de ambigüidade ou duplo sentido. Pois, se já em seu sentido “estático” τὰ ἴδια possui um significado complexo, uma ainda maior margem de ambigüidade (que prefiro neste caso chamar riqueza de pregnância) lhe advém de sua acrescida possibilidade de ter também um sentido dinâmico.¹³

Esse sentido dinâmico ou ativo, que Voigt vê em τὰ ἴδια, aponta para a possibilidade de essa expressão ter o sentido de “interesse-afazer”. Acredita-se que Jo 1,11 esteja mais próximo desse sentido. Contudo, é essencial notar que a referida expressão pode, de modo especial, congrega todos os sentidos, estático e dinâmico, fazendo com que sejam pensados mutuamente, resultando em um sentido englobado, ou, como prefere Voigt, *pregnante*.

A força de pregnância dessa expressão está no fato de ela representar a substantivação de um *não-precisado neutro plural*:

O fato de τὰ ἴδια representar a substantivação dum não-precisado neutro plural de certo modo explica a sua pregnância, ou seja, a sua capacidade de abrigar toda uma gama simultânea de conotações ou significados diversos que não se excluem mas eventualmente se somam e completam e interpenetram.¹⁴

Para bem explicar, tomemos o significado de ἴδιον. O ἴδιον de alguém pode significar *tudo* aquilo que é próprio ao indivíduo. Um sentido amplo que engloba tanto a

¹³ VOIGT, S. O Discípulo Amado recebe a Mãe de Jesus “eis ta idía”, p. 785

¹⁴ VOIGT, S. O Discípulo Amado recebe a Mãe de Jesus “eis ta idía”, p. 786

linha do originar-se, do ser, do ter, do agir, do pensar, do pretender, do intencionar etc, bem como sua pátria, sua casa e sua família, até mesmo suas opiniões pessoais, ou ainda, seus afazeres, negócios e cuidados. Assim, não é estranho à própria natureza da expressão que ao se utilizar dela, tenha-se em mente um ou mais sentidos articulados.

Acredita-se que esse sentido ocorra em 19,27b. Para demonstrar esse dado, faz-se necessário analisar as demais ocorrências do termo no Quarto Evangelho para verificar até que ponto essa expressão tem não só o sentido estático, como também pode apresentar o referido sentido dinâmico e, com isso, o sentido pregnante acima referido.

As ocorrências de τὰ ἴδια no Quarto Evangelho:

A expressão τὰ ἴδια ocorre no Evangelho de João quatro vezes (1,11; 8,44; 16,32; 19,27). Acredita-se que esse estilo pregnante com o qual estamos trabalhando parece muito bem se encaixar com o próprio estilo de escrita de João, onde as coisas aparentes têm muito mais a dizer. Assim, existindo ou havendo essa possibilidade de leitura, pode-se analisar mais acuradamente as menções de τὰ ἴδια no Quarto Evangelho.

Em 1,11, mesmo que a sequência aponte para a não acolhida da Palavra, aquilo que pertence à Palavra é muito mais do que os homens que não a aceitam¹⁵. Contudo, junto a outros, ela encontrou acolhida (1,12) e pode realizar a missão que lhe é própria enquanto Palavra criadora do Pai. Missão esta que é comunicar quem é o Pai, que ela conhece na intimidade, bem como elevar a Aliança ao seu pleno cumprimento, dando aos homens a capacidade de se tornarem filhos de Deus.

A segunda ocorrência de τὰ ἴδια acontece em 8,44. Nesse trecho, um discurso duro de Jesus contra os judeus, a atividade de mentir do diabo, num primeiro momento, é inerente ao próprio diabo, pai da mentira, ou seja, faz parte da maneira de ser do diabo. Contudo, admitindo esse sentido pregnante, aqui, o diabo fala a partir daqueles que são seus, como é o caso dos judeus, filhos do pai da mentira. Nesse sentido, ele age a partir daqueles que são seus, os filhos das trevas.

Quanto à passagem de 16,32, cremos que τὰ ἴδια aplicada à dispersão dos discípulos esteja em profunda consonância com o τὰ ἴδια do Discípulo Amado (19,27). O que queremos dizer com isso? Ainda não conhecendo, ou melhor, crendo plenamente em Jesus, os discípulos fogem para aquilo que lhes é próprio, não somente para suas

¹⁵ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 79

casas ou trabalhos, mas também para aquilo que é inerente à sua identidade naquele momento (a fraqueza da fé). Já o Discípulo Amado, testemunha fiel, continua ao lado do Mestre até o fim, pois a ele foi confiado compreender tudo.

1.2.3 A acolhida:

O primeiro sentido e mais evidente desta acolhida, é aquele que chamamos mais acima de estático. O gesto do discípulo pode ser compreendido de várias maneiras, desde o sentido concreto de “acolher em sua casa”, até “acolher o dom celestial” que é a proteção maternal de Maria¹⁶. Contudo, podemos perceber um sentido mais profundo, para além do mero nível do texto, onde se pretende reconhecer todo o simbolismo que foi explicitado durante este estudo e, sobretudo, o dado que exprime um cuidado assumido de modo permanente.

Diante do definitivo instaurado pela entrega do Filho, o papel do discípulo no qual está depositado o Evangelho não tem mais limite de duração. A relação estabelecida aos pés do Crucificado é definitiva. O neutro plural τὰ ἴδια, como antes vimos, pode indicar globalmente o que alguém possui, mas também o que de mais profundo o constitui (cf. 8,44). No caso do Discípulo Amado, bem como em relação à Mãe de Jesus, nossa análise até aqui nos leva a transcender o dado meramente material/concreto, para acreditar que se trata daquilo que constitui a própria identidade dessas figuras.

Assim, este recebimento da Mãe pelo Discípulo Amado εἰς τὰ ἴδια parece significar uma acolhida mútua, porém desigual. Aos pés daquele que é o Filho de Deus, em quem se cumprem as promessas, o Discípulo Amado, filho gerado na fé, reconhece que seu passado, que a fé que recebeu, é a mesma fé de Israel. A comunidade cristã, que reconhece no Discípulo a testemunha fiel, vê em Israel sua Mãe. A história de Israel é também a história da comunidade cristã. Não há uma nova história da Aliança, mas sim, a plenitude dessa Aliança no Filho. É por meio de Israel que essa nova comunidade se vê inserida na grande história de amor que é a Aliança. Sem Israel, a comunidade cristã, representada pelo Discípulo Amado, perderia seu passado salvífico. Contudo a Mãe de Jesus, Israel, ao acolher o Discípulo Amado como seu Filho, reconhece nessa comunidade seu futuro. Ela, que havia gerado o Messias, deverá reconhecer que a

¹⁶ VOIGT, S. O Discípulo Amado recebe a Mãe de Jesus “eis ta idía”, p. 786.

revelação acontecida em Jesus é a consumação de sua espera e ver também nessa comunidade, da qual o Discípulo Amado é figura tenente, a continuação da história do Messias. Acolhida, então, pelo Discípulo, ela passa a participar do futuro da história salvífica de Deus, que encontra sua continuidade na comunidade do Discípulo Amado. Indo para o que é mais profundo na identidade do Discípulo, deve partilhar da mesma fé, tornando-se, também, testemunha das maravilhas de Deus.

Em Cristo, a plenitude da Aliança com Deus se realiza em sua autodoação amorosa de vida. Contudo, esta nova comunidade, formada aos pés do crucificado, continuará a comunicar e a testemunhar a plenitude da Aliança de Deus em Cristo, para que todos tenham vida. Em Cristo, o passado e o futuro da história salvífica são unificados. Na presença do Espírito Santo, o Intercessor, o Ressuscitado permanecerá junto com essa nova comunidade.

Dessa forma, aos pés do Crucificado surge a nova comunidade da Aliança, fundada sobre a única e mesma Aliança de amor de Deus com seu povo. Esta participa da plenitude amorosa do Filho, enquanto é sua testemunha. Assim, a comunidade vive, com seu passado e futuro, inserida no Mistério de Amor de Deus para com a Humanidade, e age agora como testemunha. Ela assume em seu interior a figura da Sã Messiânica, chamada a ser luz para todas as nações.

Assim, outro aspecto que necessita ser abordado na cena da entrega reside em uma sutil substituição de figuras aos pés da cruz. O Crucificado, exaltado em sua entrega de vida, coloca o Discípulo Amado em seu lugar diante daqueles que esperam a Salvação que vem de Deus¹⁷. Agora o Discípulo passa a fazer as vezes do Filho no mundo. Como testemunha fiel, ele continua como sinal e lugar da ação de Deus em Jesus para o mundo. A comunidade discipular continuará a ação do Mestre na medida em que este se faz presente na fé da comunidade. É o Cristo quem continua a agir na pessoa da comunidade dos discípulos (Jo 14,12-13).

Faz-se, então, fundamental a figura do “Paráclito”. É ele quem, a partir do que se pode perceber nos textos joaninos, pela fé operará a recapitulação do Ressuscitado no interior da comunidade. É ele, o Espírito da Verdade, quem acompanhará a comunidade em seu caminho no mundo (Jo 14,16); ensinará e relembrará todas as coisas que o Filho deixou aos seus (Jo 14,26); é ele quem é a testemunha por excelência (Jo 15,26).

¹⁷ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 341

Assim, esta parte final do trabalho será dedicada a perceber o futuro desse Discípulo como continuador do Filho. Focaremos, principalmente, nas passagens em que o termo “hora” é aplicado diretamente ao grupo discipular, para perceber como o destino dos discípulos, para João, está intrinsecamente ligado ao destino do Filho. A essas passagens acrescentaremos a afirmação da permanência do Discípulo “até que o Senhor venha”, tema anteriormente estudado. Outra figura do universo joanino que fará parte da secção que se segue é o Paráclito. Percebe-se que, a partir de sua função explicitada por João, é garantia e ação do Ressuscitado no seio da comunidade.

2 O futuro da comunidade: a “hora” dos discípulos.

Nesta segunda secção do terceiro capítulo, como acima expusemos, nosso olhar se voltará para o futuro do Discípulo Amado. No capítulo 16 do evangelho, o termo “hora” é utilizado três vezes em referência aos discípulos. O referido capítulo se encontra inserido no interior do discurso de despedida de Jesus (13,1-17,26), na secção de 15,1-16,31. O Discípulo Amado faz parte desse grupo reunido em torno do Senhor que se despede e, como já foi exposto, ocupa um lugar de destaque na refeição. Sendo assim, mesmo por se tratar de afirmações feitas ao grupo dos discípulos em geral, o Discípulo Amado não é excluído em nenhum momento, pelo contrário, participa do destino que Jesus mencionará.

2.1 O contexto: Palavras de Jesus sobre o grupo discipular em seu discurso de despedida (Jo 13-17)

Algumas menções presentes nos capítulos anteriores e posterior a Jo 16, no discurso de despedida, poderão ajudar a elucidar o aspecto de continuidade da missão do Filho nos discípulos. Essa continuidade, como presença salvífica alicerçada no Amor do Pai, manifesta e continuamente presente por meio do Filho, será explicitada nesta secção.

2.1.1 Capítulo 13: O Amor fraterno como constitutivo da identidade da comunidade dos discípulos.

Texto grego	Tradução instrumental
¹ Πρὸ δὲ τῆς ἑορτῆς τοῦ πάσχα εἰδὼς ὁ Ἰησοῦς ὅτι ἦλθεν αὐτοῦ ἡ ὥρα ἵνα μεταβῆ ἐκ τοῦ κόσμου τούτου πρὸς τὸν πατέρα, ἀγαπήσας τοὺς ἰδίους τοὺς ἐν τῷ κόσμῳ εἰς τέλος ἠγάπησεν αὐτούς.	¹ Antes (porém) da festa da Páscoa sabendo Jesus que veio a sua hora para que se mude deste mundo para junto do Pai tendo amado os seus, que estavam no mundo, até o fim amou-os.
² καὶ δεῖπνου γινομένου, τοῦ διαβόλου ἦδη βεβληκότος εἰς τὴν καρδίαν ἵνα παραδοῖ αὐτὸν Ἰούδας Σίμωνος Ἰσκαριώτου,	² E quando veio-a-ser a refeição –o diabo já tendo colocado no coração que entregue-o Judas de Simão iscariotes–
³ εἰδὼς ὅτι πάντα ἔδωκεν αὐτῷ ὁ πατὴρ εἰς τὰς χεῖρας καὶ ὅτι ἀπὸ θεοῦ ἐξῆλθεν καὶ πρὸς τὸν θεὸν ὑπάγει,	³ sabendo que tudo lhe dera o Pai nas mãos e que de Deus tinha saído e para junto de Deus estava indo,
⁴ ἐγείρεται ἐκ τοῦ δεῖπνου καὶ τίθησιν τὰ ἱμάτια καὶ λαβῶν λέντιον διέζωσεν ἑαυτόν·	⁴ levanta-se da refeição e depõe as roupas e tendo tomado uma toalha cinge-se com ela.
⁵ εἶτα βάλλει ὕδωρ εἰς τὸν νιπτῆρα καὶ ἤρξατο νίπτειν τοὺς πόδας τῶν μαθητῶν καὶ ἐκμάσσειν τῷ λεντίῳ ᾧ ἦν διεζωσμένος.	⁵ Então coloca água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugar com a toalha com que estava cingido.
⁶ ἔρχεται οὖν πρὸς Σίμωνα Πέτρον· λέγει αὐτῷ· κύριε, σύ μου νίπτεις τοὺς πόδας;	⁶ Vem ^{*pois} até Simão Pedro. Diz-lhe ele: “Senhor, tu me lavas os pés?”
⁷ ἀπεκρίθη Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτῷ· ὁ ἐγὼ ποιῶ σὺ οὐκ οἶδας ἄρτι, γνώση δὲ μετὰ ταῦτα.	⁷ Respondeu Jesus e disse-lhe: “O que faço eu, tu não sabes agora, sabê-lo-ás mais tarde.”
⁸ λέγει αὐτῷ Πέτρος· οὐ μὴ νίψης μου τοὺς πόδας εἰς τὸν αἰῶνα. ἀπεκρίθη Ἰησοῦς αὐτῷ· ἐὰν μὴ νίψω σε, οὐκ ἔχεις μέρος μετ’ ἐμοῦ.	⁸ Diz-lhe Pedro: “Não me laves os pés em eternidade.” Respondeu-lhe Jesus: “Se eu não te lavar, não tens parte comigo.”
⁹ λέγει αὐτῷ Σίμων Πέτρος· κύριε, μὴ τοὺς πόδας μου μόνον ἀλλὰ καὶ τὰς χεῖρας καὶ τὴν κεφαλὴν.	⁹ Diz-lhe Simão Pedro: “Senhor, não só meus pés, mas também as mãos e a cabeça.”
¹⁰ λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· ὁ λελουμένος οὐκ ἔχει χρείαν εἰ μὴ τοὺς πόδας νίψασθαι, ἀλλ’ ἔστιν καθαρὸς ὅλος· καὶ ὑμεῖς καθαροὶ ἐστε, ἀλλ’ οὐχὶ πάντες.	¹⁰ Diz-lhe Jesus: “O que foi banhado não precisa lavar-se –a não ser os pés– mas está totalmente puro. E vós estais puros, mas não todos.
¹¹ ἦδει γὰρ τὸν παραδιδόντα αὐτόν· διὰ τοῦτο εἶπεν ὅτι οὐχὶ πάντες καθαροὶ ἐστε.	¹¹ –Pois conhecia o que o entregaria. Por isso, disse: “Nem todos estais puros.”–
¹² Ὅτε οὖν ἔνιψεν τοὺς πόδας αὐτῶν [καὶ] ἔλαβεν τὰ ἱμάτια αὐτοῦ καὶ ἀνέπεσεν πάλιν, εἶπεν αὐτοῖς· γινώσκετε τί πεποίηκα ὑμῖν;	¹² Quando ^{*pois} tinha lavado os pés deles, [e] tomou suas vestes e reclinou à mesa de novo. Disse-lhes: “Reconheceis o que vos fiz?
¹³ ὑμεῖς φωνεῖτέ με· ὁ διδάσκαλος, καί· ὁ κύριος, καὶ καλῶς λέγετε· εἰμὶ γάρ.	¹³ Vós me chamais: o mestre, e o senhor. E dizeis certo, pois eu {o} sou.
¹⁴ εἰ οὖν ἐγὼ ἔνιψα ὑμῶν τοὺς πόδας ὁ κύριος καὶ ὁ διδάσκαλος, καὶ ὑμεῖς ὀφείλετε ἀλλήλων νίπτειν τοὺς πόδας·	¹⁴ Se eu ^{*pois} vos lavei os pés, o senhor e o mestre, também vós deveis lavar os pés uns dos outros.
¹⁵ ὑπόδειγμα γὰρ ἔδωκα ὑμῖν ἵνα καθὼς ἐγὼ	¹⁵ Pois um exemplo vos dei, para que como eu vos fiz, vós façais também,.

<p>ἐποίησα ὑμῖν καὶ ὑμεῖς ποιήτε.</p> <p>16 ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, οὐκ ἔστιν δοῦλος μείζων τοῦ κυρίου αὐτοῦ οὐδὲ ἀπόστολος μείζων τοῦ πέμψαντος αὐτόν.</p> <p>17 εἰ ταῦτα οἴδατε, μακάριοί ἐστε ἐὰν ποιήτε αὐτά.</p> <p>18 Οὐ περὶ πάντων ὑμῶν λέγω· ἐγὼ οἶδα τίνας ἐξελεξάμην· ἀλλ' ἵνα ἡ γραφή πληρωθῇ· ὁ τρώγων μου τὸν ἄρτον ἐπήρην ἐπ' ἐμέ τὴν πτέρναν αὐτοῦ.</p> <p>19 ἀπ' ἄρτι λέγω ὑμῖν πρὸ τοῦ γενέσθαι, ἵνα πιστεῦσητε ὅταν γένηται ὅτι ἐγὼ εἶμι.</p> <p>20 ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ὁ λαμβάνων ἄν τινα πέμψω ἐμὲ λαμβάνει, ὁ δὲ ἐμὲ λαμβάνων λαμβάνει τὸν πέμψαντά με.</p> <p>21 Ταῦτα εἰπὼν [ὁ] Ἰησοῦς ἐταράχθη τῷ πνεύματι καὶ ἐμαρτύρησεν καὶ εἶπεν· ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι εἷς ἐξ ὑμῶν παραδώσει με.</p> <p>22 ἔβλεπον εἰς ἀλλήλους οἱ μαθηταὶ ἀπορούμενοι περὶ τίνος λέγει.</p> <p>23 ἦν ἀνακείμενος εἰς ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ἐν τῷ κόλπῳ τοῦ Ἰησοῦ, ὃν ἠγάπα ὁ Ἰησοῦς.</p> <p>24 νεύει οὖν τούτῳ Σίμων Πέτρος πυθέσθαι τίς ἂν εἴη περὶ οὗ λέγει.</p> <p>25 ἀναπεσὼν οὖν ἐκεῖνος οὕτως ἐπὶ τὸ στήθος τοῦ Ἰησοῦ λέγει αὐτῷ· κύριε, τίς ἐστιν;</p> <p>26 ἀποκρίνεται [ὁ] Ἰησοῦς· ἐκεῖνός ἐστιν ᾧ ἐγὼ βάψω τὸ ψωμίον καὶ δώσω αὐτῷ. βάψας οὖν τὸ ψωμίον [λαμβάνει καὶ] δίδωσιν Ἰούδα Σίμωνος Ἰσκαριώτου.</p> <p>27 καὶ μετὰ τὸ ψωμίον τότε εἰσῆλθεν εἰς ἐκεῖνον ὁ σατανᾶς. λέγει οὖν αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· ὃ ποιεῖς ποίησον τάχιον.</p> <p>28 τοῦτο [δὲ] οὐδεὶς ἔγνω τῶν ἀνακειμένων πρὸς τί εἶπεν αὐτῷ·</p> <p>29 τινὲς γὰρ ἐδόκουν, ἐπεὶ τὸ γλωσσόκομον εἶχεν Ἰούδας, ὅτι λέγει αὐτῷ [ὁ] Ἰησοῦς· ἀγόρασον ὧν χρεῖαν ἔχομεν εἰς τὴν ἑορτήν, ἢ τοῖς πτωχοῖς ἵνα τι δῶ.</p> <p>30 λαβὼν οὖν τὸ ψωμίον ἐκεῖνος ἐξῆλθεν εὐθύς. ἦν δὲ νύξ.</p> <p>31 Ὅτε οὖν ἐξῆλθεν, λέγει Ἰησοῦς· νῦν ἐδοξάσθη ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου καὶ ὁ θεὸς ἐδοξάσθη ἐν αὐτῷ·</p>	<p>16 Amém, amém, digo-vos: “O servo não é maior que seu senhor, nem o enviado maior que o que o mandou”.</p> <p>17 Se sabeis disso: felizes sois se isto fizerdes.</p> <p>18 Não sobre todos vós falo – eu sei os que escolhi – mas para que a escritura seja cumprida: <u>O que mastiga meu pão levantou contra mim o calcanhar.</u></p> <p>19 Desde agora vo-lo digo, antes que aconteça, para que possais acreditar quando acontecer que eu o sou.</p> <p>20 Amém, amém, digo-vos: “O que receber quem eu mandar, a mim recebe; o porém que me receber, recebe quem me mandou”.</p> <p>21 Tendo dito isso Jesus comoveu-se no espírito e testemunhou e disse: “Amém, amém, digo-vos (que): “Um de vós me entregará”.</p> <p>22 Olhavam uns para os outros os discípulos indagando a respeito de quem ele estava dizendo isso.</p> <p>23 Estava amesendado um dentre os discípulos sobre o peito de Jesus, {aquele} que Jesus amava.</p> <p>24 Acena ^{*pois} para ele Simão Pedro, para pesquisar quem seria {aquele} a respeito de quem diz isso.</p> <p>25 Reclinado ^{*pois} deste modo perto do peito de Jesus disse-lhe: “Senhor, quem é?”</p> <p>26 Responde Jesus: “É aquele para quem batizarei o bocado e lho darei.” Tendo ^{*pois} batizado o bocado [toma e] dá a Judas de Simão Iscariotes.</p> <p>27 E depois do bocado então entrou nele o satanás. Diz-lhe ^{*pois} Jesus: “O que estás fazendo, faze-o mais depressa.”</p> <p>28 Isso [porém] ninguém dos amesendados sabia para qual fim lhe disse.</p> <p>29 Pois alguns pensavam, enquanto Judas tinha a caixa, que Jesus lhe quis dizer: “Compra o que necessitamos para a festa”; ou que dê algo para os pobres.</p> <p>30 Tendo tomado ^{*pois} o bocado ele logo saiu. –Era (porém) noite.–</p> <p>31 Quando ^{*pois} tinha saído diz Jesus: “Agora foi glorificado o Filho do Homem e Deus foi glorificado nele.</p> <p>32 [se Deus foi glorificado nele] também Deus o glorificará em si e logo o glorificará.</p>
--	--

<p>³² [εἰ ὁ θεὸς ἐδοξάσθη ἐν αὐτῷ,] καὶ ὁ θεὸς δοξάσει αὐτὸν ἐν αὐτῷ, καὶ εὐθὺς δοξάσει αὐτόν.</p> <p>³³ τεκνία, ἔτι μικρὸν μεθ' ὑμῶν εἰμι· ζητήσετέ με, καὶ καθὼς εἶπον τοῖς Ἰουδαίοις ὅτι ὅπου ἐγὼ ὑπάγω ὑμεῖς οὐ δύνασθε ἐλθεῖν, καὶ ὑμῖν λέγω ἄρτι.</p> <p>³⁴ Ἐντολὴν καινὴν δίδωμι ὑμῖν, ἵνα ἀγαπᾶτε ἀλλήλους, καθὼς ἠγάπησα ὑμᾶς ἵνα καὶ ὑμεῖς ἀγαπᾶτε ἀλλήλους.</p> <p>³⁵ ἐν τούτῳ γινώσκονται πάντες ὅτι ἐμοὶ μαθηταὶ ἐστε, ἐὰν ἀγάπην ἔχητε ἐν ἀλλήλοις.</p> <p>³⁶ Λέγει αὐτῷ Σίμων Πέτρος· κύριε, ποῦ ὑπάγεις; ἀπεκρίθη [αὐτῷ] Ἰησοῦς· ὅπου ὑπάγω οὐ δύνασαι μοι νῦν ἀκολουθήσαι, ἀκολουθήσεις δὲ ὕστερον.</p> <p>³⁷ λέγει αὐτῷ ὁ Πέτρος· κύριε, διὰ τί οὐ δύναμαί σοι ἀκολουθήσαι ἄρτι; τὴν ψυχὴν μου ὑπὲρ σοῦ θήσω.</p> <p>³⁸ ἀποκρίνεται Ἰησοῦς· τὴν ψυχὴν σου ὑπὲρ ἐμοῦ θήσεις; ἀμὴν ἀμὴν λέγω σοι, οὐ μὴ ἀλέκτωρ φωνήσῃ ἕως οὐ ἀρνήσῃ με τρίς.</p>	<p>³³ Filhinhos, ainda pouco tempo estou convosco. Procurar-me-eis, E como disse aos judeus (que): “Aonde eu vou, vós não podeis ir” também a vós o digo agora.</p> <p>³⁴ Um mandamento novo vos dou, (para) que vos ameis uns aos outros; assim como amei-vos, (para) que também vós ameis uns aos outros.</p> <p>³⁵ Nisto reconhecerão todos que sois discípulos de mim: se tiverdes amor entre vós uns aos outros.</p> <p>³⁶ Diz-lhe Simão Pedro: “Senhor, onde vais?” Respondeu [lhe] Jesus: “Onde vou, não me podes seguir agora; seguirás porém mais tarde.”</p> <p>³⁷ Diz-lhe Pedro: “Senhor, por que não posso seguir-te agora? Minha alma por ti porei.”</p> <p>³⁸ Responde Jesus: “Tua alma por mim porás? Amém, amém, digo-te: “Não chamará o galo até que me renegues três vezes”..</p>
--	---

No capítulo 13, surgem duas menções à missão da comunidade dos discípulos. Na primeira, em 13,14, encerrando a narrativa do episódio comumente conhecido como Lava-Pés, temos a ordem do Senhor de que os discípulos também façam o mesmo que ele, o Mestre, fez: que eles lavem os pés uns dos outros. O sentido maior é elucidado pela afirmação posterior de 13,34: após a saída de Judas para a traição e o início efetivo do processo que culminará com a morte do Mestre, ele dá aos discípulos o mandamento maior que é o amor. Que assim como o Mestre amou, também os discípulos viverão desse e nesse amor que, inclusive, formará a identidade do grupo discipular: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (13,35).

O tema do amor é recorrente nos escritos joaninos. O grupo adversário de Jesus é identificado pela ausência desse amor (6,42). A obra do Filho é realizada por amor aos homens (12,30). A sequência de Jo 15,9-13 mostra a profundidade do amor no qual a vida do discípulo transcorrerá. É o amor de Deus, manifesto em seu Filho Jesus, que dá a garantia e sustenta a missão dos discípulos. É nesse mesmo amor do Pai, por meio do Filho, que o discípulo se vê integrado. Amor doado até as últimas consequências (15,13). A fidelidade à vida do Mestre é o que mantém os discípulos ligados ao Filho e, por ele, ao Pai (15,1.14).

Encerrando sua oração ao Pai no capítulo 17, Jesus resume o fruto de sua missão, a comunicação do Amor do Pai para com a humanidade, na permanência desse amor nos discípulos. A Glorificação do Filho, ponto ápice de sua missão, tem como finalidade que o amor com que o Pai ama o Filho, permaneça nos discípulos. Os discípulos são tornados “filhos no Filho”, ou seja, pela ação da Palavra no mundo, ação que é a manifestação do amor de Deus, vem a capacidade de participar deste amor que é fundamento da filiação.

2.1.2 Capítulo 14: a continuidade nas obras.

Texto grego	Tradução instrumental
¹ Μὴ ταρασέσθω ὑμῶν ἡ καρδία· πιστεύετε εἰς τὸν θεὸν καὶ εἰς ἐμὲ πιστεύετε.	¹ “Não se perturbe o vosso coração. Acreditais em Deus. Também em mim acreditai.
² ἐν τῇ οἰκίᾳ τοῦ πατρὸς μου μοναὶ πολλαὶ εἰσιν· εἰ δὲ μὴ, εἶπον ἂν ὑμῖν ὅτι πορεύομαι ἐτοιμάσαι τόπον ὑμῖν;	² Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não, ter-vos-ia dito (que): “Vou preparar-vos um lugar”?
³ καὶ ἂν πορευθῶ καὶ ἐτοιμάσω τόπον ὑμῖν, πάλιν ἔρχομαι καὶ παραλήψομαι ὑμᾶς πρὸς ἑμαυτόν, ἵνα ὅπου εἰμι ἐγὼ καὶ ὑμεῖς ᾗτε.	³ E quando eu for e vos tiver preparado um lugar, virei de novo e vos acolherei comigo para que onde eu estou também vós estejais.
⁴ καὶ ὅπου [ἐγὼ] ὑπάγω οἴδατε τὴν ὁδόν.	⁴ E onde [eu] vou, vós sabeis o caminho.”
⁵ Λέγει αὐτῷ Θωμᾶς· κύριε, οὐκ οἶδαμεν ποῦ ὑπάγεις· πῶς δυνάμεθα τὴν ὁδὸν εἰδέναι;	⁵ Diz-lhe Tomé: “Senhor, não sabemos onde vais. Como podemos conhecer o caminho?”
⁶ λέγει αὐτῷ [ὁ] Ἰησοῦς· ἐγὼ εἰμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωὴ· οὐδεὶς ἔρχεται πρὸς τὸν πατέρα εἰ μὴ δι’ ἐμοῦ.	⁶ Diz-lhe Jesus: «Eu sou o caminho e a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai se não por mim.
⁷ εἰ ἐγνώκατέ με, καὶ τὸν πατέρα μου γνώσεσθε. καὶ ἅπ’ ἄρτι γινώσκετε αὐτὸν καὶ ἑωράκατε αὐτόν.	⁷ Se me conheceis, também meu Pai conhecereis. E desde agora o conheceis e o tendes visto.
⁸ Λέγει αὐτῷ Φίλιππος· κύριε, δεῖξον ἡμῖν τὸν πατέρα, καὶ ἀρκεῖ ἡμῖν.	⁸ Diz-lhe Filipe: “Senhor, mostra-nos o Pai e nos bastará.
⁹ λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· τοσούτῳ χρόνῳ μεθ’ ὑμῶν εἰμι καὶ οὐκ ἔγνωκάς με, Φίλιππε; ὁ ἑωρακὼς ἐμὲ ἑώρακεν τὸν πατέρα· πῶς σὺ λέγεις· δεῖξον ἡμῖν τὸν πατέρα;	⁹ Diz-lhe Jesus: “Tanto tempo estou convosco e não me conheceste, Filipe? Quem me viu, viu o Pai. Como dizes tu: “Mostra-nos o Pai”?
¹⁰ οὐ πιστεύεις ὅτι ἐγὼ ἐν τῷ πατρὶ καὶ ὁ πατὴρ ἐν ἐμοί ἐστιν; τὰ ρήματα ἃ ἐγὼ λέγω ὑμῖν ἅπ’ ἑμαυτοῦ οὐ λαλῶ, ὁ δὲ πατὴρ ἐν ἐμοί μένων ποιεῖ τὰ ἔργα αὐτοῦ.	¹⁰ Não acreditais que eu estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo não {as} falo de mim mesmo. O Pai porém que permanece em mim faz as suas obras.

<p>11 πιστεύετε μοι ὅτι ἐγὼ ἐν τῷ πατρὶ καὶ ὁ πατήρ ἐν ἐμοί· εἰ δὲ μή, διὰ τὰ ἔργα αὐτὰ πιστεύετε.</p> <p>12 Ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ὁ πιστεύων εἰς ἐμὲ τὰ ἔργα ἃ ἐγὼ ποιῶ κάκεινος ποιήσει καὶ μείζονα τούτων ποιήσει, ὅτι ἐγὼ πρὸς τὸν πατέρα πορεύομαι·</p> <p>13 καὶ ὃ τι ἂν αἰτήσητε ἐν τῷ ὀνόματί μου τοῦτο ποιήσω, ἵνα δοξασθῇ ὁ πατήρ ἐν τῷ υἱῷ.</p> <p>14 ἔάν τι αἰτήσητέ με ἐν τῷ ὀνόματί μου ἐγὼ ποιήσω.</p> <p>15 Ἐὰν ἀγαπάτέ με, τὰς ἐντολάς τὰς ἐμὰς τηρήσετε·</p> <p>16 καὶ ἐρωτήσω τὸν πατέρα καὶ ἄλλον παράκλητον δώσει ὑμῖν, ἵνα μεθ' ὑμῶν εἰς τὸν αἰῶνα ᾦ,</p> <p>17 τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας, ὃ ὁ κόσμος οὐ δύναται λαβεῖν, ὅτι οὐ θεωρεῖ αὐτὸ οὐδὲ γινώσκει· ὑμεῖς γινώσκετε αὐτό, ὅτι παρ' ὑμῖν μένει καὶ ἐν ὑμῖν ἔσται.</p> <p>18 Οὐκ ἀφήσω ὑμᾶς ὀρφανούς, ἔρχομαι πρὸς ὑμᾶς.</p> <p>19 Ἔτι μικρὸν καὶ ὁ κόσμος με οὐκέτι θεωρεῖ, ὑμεῖς δὲ θεωρεῖτέ με, ὅτι ἐγὼ ζῶ καὶ ὑμεῖς ζήσετε.</p> <p>20 ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ γνώσεσθε ὑμεῖς ὅτι ἐγὼ ἐν τῷ πατρὶ μου καὶ ὑμεῖς ἐν ἐμοί καὶ ἐγὼ ἐν ὑμῖν.</p> <p>21 ὁ ἔχων τὰς ἐντολάς μου καὶ τηρῶν αὐτὰς ἐκεῖνός ἐστιν ὁ ἀγαπῶν με· ὁ δὲ ἀγαπῶν με ἀγαπηθήσεται ὑπὸ τοῦ πατρὸς μου, καὶ ἐγὼ ἀγαπήσω αὐτὸν καὶ ἐμφανίσω αὐτῷ ἐμαυτόν.</p> <p>22 Λέγει αὐτῷ Ἰούδας, οὐχ ὁ Ἰσκαριώτης· κύριε, [καὶ] τί γέγονεν ὅτι ἡμῖν μέλλεις ἐμφανίζειν σεαυτὸν καὶ οὐχὶ τῷ κόσμῳ;</p> <p>23 ἀπεκρίθη Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτῷ· ἔάν τις ἀγαπᾷ με τὸν λόγον μου τηρήσει, καὶ ὁ πατήρ μου ἀγαπήσει αὐτὸν καὶ πρὸς αὐτὸν ἐλευσόμεθα καὶ μονήν παρ' αὐτῷ ποιησόμεθα.</p> <p>24 ὁ μὴ ἀγαπῶν με τοὺς λόγους μου οὐ τηρεῖ· καὶ ὁ λόγος ὃν ἀκούετε οὐκ ἔστιν ἐμὸς ἀλλὰ τοῦ</p>	<p>11 Acreditai-me (que) eu estou no Pai e o Pai em mim. Se não, por causa das próprias obras acreditai.</p> <p>12 Amém, amém, digo-vos: “O que acredita em mim, as obras que eu faço, também ele fará, e maiores que estas fará”, porque eu vou para o Pai</p> <p>13 e o que rogardes em meu nome, farei isso para que o Pai seja glorificado no Filho.</p> <p>14 Se me rogardes em meu nome, eu o farei.</p> <p>15 Se me amais, guardai meus mandamentos,</p> <p>16 e eu rogarei o Pai e um outro paráclito vos dará, para que convosco esteja para a eternidade:</p> <p>17 o espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem conhece. Vós o conheceis, porque fica convosco e em vós está.</p> <p>18 Não vos deixarei órfãos. Venho a vós.</p> <p>19 Ainda pouco tempo e o mundo não mais me verá, vós porém me vereis, porque eu vivo e vós vivereis.</p> <p>20 Naquele dia vós reconheceréis que eu estou no Pai e vós em mim e eu em vós.</p> <p>21 O que tem meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama. O, porém, que me ama será amado por meu Pai e eu o amarei e a ele me manifestarei a mim mesmo.</p> <p>22 Diz-lhe Judas –não o Iscariotes– : “Senhor, [e] que veio-a-ser que a nós estás irás te manifestar a ti mesmo e não ao mundo?”</p> <p>23 Respondeu Jesus e disse-lhe: “Se alguém me amar, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará e a ele viremos e junto dele faremos morada.</p> <p>24 O que não me ama não guarda as minhas palavras. E a palavra que ouvís não é minha, mas do Pai que me mandou.</p>
---	---

<p>πέμψαντός με πατρός.</p> <p>25 Ταῦτα λελάληκα ὑμῖν παρ' ὑμῖν μένων·</p> <p>26 ὁ δὲ παράκλητος, τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον, ὃ πέμψει ὁ πατήρ ἐν τῷ ὀνόματί μου, ἐκεῖνος ὑμᾶς διδάξει πάντα καὶ ὑπομνήσει ὑμᾶς πάντα ἃ εἶπον ὑμῖν [ἐγώ].</p> <p>27 Εἰρήνην ἀφήμι ὑμῖν, εἰρήνην τὴν ἐμὴν δίδωμι ὑμῖν· οὐ καθὼς ὁ κόσμος δίδωσιν ἐγὼ δίδωμι ὑμῖν. μὴ ταρασσέσθω ὑμῶν ἡ καρδία μηδὲ δειλιάτω.</p> <p>28 ἠκούσατε ὅτι ἐγὼ εἶπον ὑμῖν· ὑπάγω καὶ ἔρχομαι πρὸς ὑμᾶς. εἰ ἠγαπήτε με ἐχάρητε ἂν ὅτι πορεύομαι πρὸς τὸν πατέρα, ὅτι ὁ πατήρ μερίζω μου ἐστίν.</p> <p>29 καὶ νῦν εἶρηκα ὑμῖν πρὶν γενέσθαι, ἵνα ὅταν γένηται πιστεύσητε.</p> <p>30 οὐκέτι πολλὰ λαλήσω μεθ' ὑμῶν, ἔρχεται γὰρ ὁ τοῦ κόσμου ἄρχων· καὶ ἐν ἐμοὶ οὐκ ἔχει οὐδέν,</p> <p>31 ἀλλ' ἵνα γινῶ ὁ κόσμος ὅτι ἀγαπῶ τὸν πατέρα, καὶ καθὼς ἐνετείλατό μοι ὁ πατήρ, οὕτως ποιῶ. ἐγείρεσθε, ἄγωμεν ἐντεῦθεν.</p>	<p>25 Isso falei permanecendo junto de vós.</p> <p>26 O advogado (porém) –o espírito santo–, que o Pai mandará em meu nome - ele vos ensinará tudo, e lembrar-vos-á tudo o que [eu] vos disse.</p> <p>27 A paz vos deixo, minha paz vos dou. Não como o mundo dá eu vos dou. Não se perturbe o vosso coração nem fique covarde.</p> <p>28 Ouvistes que eu vos tenho dito: “Eu vou e venho a vós”. Se me amásseis, vos alegraríeis porque vou ao Pai, porque o Pai é maior que eu.</p> <p>29 E agora vo-lo disse, antes que venha-a-ser, para que quando vier-a-ser, acrediteis.</p> <p>30 Não mais falarei muito convosco, pois vem o príncipe deste mundo e em mim não tem nada,</p> <p>31 mas {é} para que o mundo reconheça que amo o Pai, e assim como o Pai me recomendou, assim faço...Levantai-vos, vamo-nos daqui.»</p>
---	---

O capítulo 14 se inicia com uma afirmação sobre o destino último do discípulo: habitar nas moradas do Pai, com o Filho (14,2-3). É ele que segue à frente, abrindo o caminho para os discípulos. Ele mesmo é o próprio caminho (14,4.6). Pois aquele que vê e, portanto, crê no Filho, já vê e crê no Pai (14,7), pois é o Pai quem age por meio do Filho (14,10). Quem ouve as palavras do Filho, que é a Palavra de Deus por excelência, ouve as palavras do Pai (14,24). Os versículos 12 e 13 do capítulo 14 guardam a profundidade da missão dos discípulos na terra: por meio do Filho, os discípulos farão coisas ainda maiores do que o próprio Filho fez enquanto estava com eles. Ou seja, o Filho glorificado junto de Deus, ele mesmo, agirá naquele que guardar a fidelidade do amor (14,21), para que a glória do Pai continue a se manifestar ao mundo por meio do Filho nos discípulos (14,13).

2.1.3. Capítulo 15: A alegoria da videira – o vínculo do amor.

Texto grego	Tradução instrumental
-------------	-----------------------

<p>¹ Ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινή καὶ ὁ πατήρ μου ὁ γεωργός ἐστιν.</p> <p>² πᾶν κλῆμα ἐν ἐμοὶ μὴ φέρον καρπὸν αἶρει αὐτό, καὶ πᾶν τὸ καρπὸν φέρον καθαίρει αὐτὸ ἵνα καρπὸν πλείονα φέρῃ.</p> <p>³ ἤδη ὑμεῖς καθαροὶ ἐστε διὰ τὸν λόγον ὃν λελάληκα ὑμῖν·</p> <p>⁴ μείνατε ἐν ἐμοί, κἀγὼ ἐν ὑμῖν. καθὼς τὸ κλῆμα οὐ δύναται καρπὸν φέρειν ἀφ' ἑαυτοῦ ἐὰν μὴ μένῃ ἐν τῇ ἀμπέλῳ, οὕτως οὐδὲ ὑμεῖς ἐὰν μὴ ἐν ἐμοὶ μένητε.</p> <p>⁵ ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος, ὑμεῖς τὰ κλήματα. ὁ μένων ἐν ἐμοὶ κἀγὼ ἐν αὐτῷ οὗτος φέρει καρπὸν πολύν, ὅτι χωρὶς ἐμοῦ οὐ δύνασθε ποιεῖν οὐδέν.</p> <p>⁶ ἐὰν μὴ τις μένῃ ἐν ἐμοί, ἐβλήθη ἔξω ὡς τὸ κλῆμα καὶ ἐξηράνθη καὶ συναγούσιν αὐτὰ καὶ εἰς τὸ πῦρ βάλλουσιν καὶ καίεται.</p> <p>⁷ ἐὰν μείνητε ἐν ἐμοὶ καὶ τὰ ῥήματά μου ἐν ὑμῖν μείνῃ, ὃ ἐὰν θέλητε αἰτήσασθε, καὶ γενήσεται ὑμῖν.</p> <p>⁸ ἐν τούτῳ ἔδοξάσθη ὁ πατήρ μου, ἵνα καρπὸν πολὺν φέρητε καὶ γενήσθε ἐμοὶ μαθηταί.</p> <p>⁹ Καθὼς ἠγάπησέν με ὁ πατήρ, κἀγὼ ὑμᾶς ἠγάπησα· μείνατε ἐν τῇ ἀγάπῃ τῇ ἐμῇ.</p> <p>¹⁰ ἐὰν τὰς ἐντολάς μου τηρήσητε, μείνῃτε ἐν τῇ ἀγάπῃ μου, καθὼς ἐγὼ τὰς ἐντολάς τοῦ πατρός μου τητήρηκα καὶ μένω αὐτοῦ ἐν τῇ ἀγάπῃ.</p> <p>¹¹ Ταῦτα λελάληκα ὑμῖν ἵνα ἡ χαρὰ ἡ ἐμῆ ἐν ὑμῖν ἦ καὶ ἡ χαρὰ ὑμῶν πληρωθῇ.</p> <p>¹² Αὕτη ἐστὶν ἡ ἐντολὴ ἡ ἐμῆ, ἵνα ἀγαπάτε ἀλλήλους καθὼς ἠγάπησα ὑμᾶς.</p> <p>¹³ μείζονα ταύτης ἀγάπην οὐδεὶς ἔχει, ἵνα τις τὴν ψυχὴν αὐτοῦ θῇ ὑπὲρ τῶν φίλων αὐτοῦ.</p> <p>¹⁴ ὑμεῖς φίλοι μου ἐστε ἐὰν ποιῆτε ἃ ἐγὼ ἐντέλλομαι ὑμῖν.</p> <p>¹⁵ οὐκέτι λέγω ὑμᾶς δούλους, ὅτι ὁ δοῦλος οὐκ οἶδεν τί ποιεῖ αὐτοῦ ὁ κύριος· ὑμᾶς δὲ εἴρηκα φίλους, ὅτι πάντα ἃ ἤκουσα παρὰ τοῦ πατρός μου</p>	<p>¹ “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor.</p> <p>² Todo ramo em mim que não produz fruto, ele o tira e todo ramo que produz fruto ele o purifica, para que produza mais fruto.</p> <p>³ Vós já sois puros, pela palavra que vos falei.</p> <p>⁴ Permaneci em mim e eu em vós. Assim como o ramo não pode produzir fruto de si mesmo se não permanecer na videira, assim também não vós, se não em mim permanecerdes.</p> <p>⁵ Eu sou a videira, vós os ramos. O que permanece em mim –e eu nele– este produz muito fruto, porque fora de mim não podeis fazer nada.</p> <p>⁶ Se alguém não permanecesse em mim seria jogado fora como o ramo e secaria. E recolhemos e lançam ao fogo, e são queimados.</p> <p>⁷ Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, o que quiserdes rogareis e para vós virá-a-ser.</p> <p>⁸ Nisto foi glorificado meu Pai: que produzais muito fruto e vos torneis meus discípulos.</p> <p>⁹ Assim como o Pai me tem amado, também eu vos tenho amado. Permaneci no meu amor.</p> <p>¹⁰ Se meus mandamentos guardardes, permaneceréis no meu amor, assim como eu os mandamentos de meu Pai guardei e permaneço em seu amor.</p> <p>¹¹ Isso vo-lo disse para que minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plenificada.</p> <p>¹² Este é meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos tenho amado.</p> <p>¹³ Amor maior que este ninguém tem, (para) que alguém coloque sua alma por seus amigos.</p> <p>¹⁴ Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos recomendar.</p> <p>¹⁵ Não mais vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. A vós porém chamei de amigos, porque tudo o que ouvi do Pai vos fiz conhecer.</p>
---	--

<p>ἐγνώρισα ὑμῖν.</p> <p>16 οὐχ ὑμεῖς με ἐξελέξασθε, ἀλλ' ἐγὼ ἐξελεξάμην ὑμᾶς καὶ ἔθηκα ὑμᾶς ἵνα ὑμεῖς ὑπάγητε καὶ καρπὸν φέριτε καὶ ὁ καρπὸς ὑμῶν μένη, ἵνα ὅ τι ἂν αἰτήσητε τὸν πατέρα ἐν τῷ ὀνόματί μου δῶ ὑμῖν.</p> <p>17 ταῦτα ἐντέλλομαι ὑμῖν, ἵνα ἀγαπάτε ἀλλήλους.</p> <p>18 Εἰ ὁ κόσμος ὑμᾶς μισεῖ, γινώσκετε ὅτι ἐμὲ πρῶτον ὑμῶν μεμίσηκεν.</p> <p>19 εἰ ἐκ τοῦ κόσμου ἦτε, ὁ κόσμος ἂν τὸ ἴδιον ἐφίλει· ὅτι δὲ ἐκ τοῦ κόσμου οὐκ ἐστέ, ἀλλ' ἐγὼ ἐξελεξάμην ὑμᾶς ἐκ τοῦ κόσμου, διὰ τοῦτο μισεῖ ὑμᾶς ὁ κόσμος.</p> <p>20 μνημονεύετε τοῦ λόγου οὗ ἐγὼ εἶπον ὑμῖν· οὐκ ἔστιν δοῦλος μείζων τοῦ κυρίου αὐτοῦ. εἰ ἐμὲ ἐδίωξαν, καὶ ὑμᾶς διώξουσιν· εἰ τὸν λόγον μου ἐτήρησαν, καὶ τὸν ὑμέτερον τηρήσουσιν.</p> <p>21 ἀλλὰ ταῦτα πάντα ποιήσουσιν εἰς ὑμᾶς διὰ τὸ ὄνομά μου, ὅτι οὐκ οἶδασιν τὸν πέμψαντά με.</p> <p>22 εἰ μὴ ἦλθον καὶ ἐλάλησα αὐτοῖς, ἀμαρτίαν οὐκ εἶχσαν· νῦν δὲ πρόφασιν οὐκ ἔχουσιν περὶ τῆς ἀμαρτίας αὐτῶν.</p> <p>23 ὁ ἐμὲ μισῶν καὶ τὸν πατέρα μου μισεῖ.</p> <p>24 εἰ τὰ ἔργα μὴ ἐποίησα ἐν αὐτοῖς ἃ οὐδεὶς ἄλλος ἐποίησεν, ἀμαρτίαν οὐκ εἶχσαν· νῦν δὲ καὶ ἑωράκασιν καὶ μεμισήκασιν καὶ ἐμὲ καὶ τὸν πατέρα μου.</p> <p>25 ἀλλ' ἵνα πληρωθῇ ὁ λόγος ὁ ἐν τῷ νόμῳ αὐτῶν γεγραμμένος ὅτι ἐμίσησάν με δωρεάν.</p> <p>26 Ὅταν ἔλθῃ ὁ παράκλητος ὃν ἐγὼ πέμψω ὑμῖν παρὰ τοῦ πατρός, τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας ὃ παρὰ τοῦ πατρὸς ἐκπορεύεται, ἐκεῖνος μαρτυρήσει περὶ ἐμοῦ·</p> <p>27 καὶ ὑμεῖς δὲ μαρτυρεῖτε, ὅτι ἀπ' ἀρχῆς μετ' ἐμοῦ ἐστε.</p>	<p>16 Não vós me escolhestes, mas eu escolhi a vós e {eu} vos pus para que vós ameis e fruto produzais e o vosso fruto permaneça para que o que rogardes ao Pai em meu nome, eu vos dê.</p> <p>17 Isto encomendo: que vos ameis uns aos outros.</p> <p>18 Se o mundo vos odeia, sabeis que me odiou antes de vós.</p> <p>19 Se do mundo fôsseis, o mundo amaria o seu. Porque não sois do mundo, mas eu vos escolhi desde o mundo, por isso vos odeia o mundo.</p> <p>20 Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: “Não é o servo maior que seu senhor”. Se me perseguiram, também a vós perseguirão. Se minha palavra guardaram, também a vossa guardarão.</p> <p>21 Mas tudo isso farão por causa de meu nome, porque não conhecem o que me mandou.</p> <p>22 Se eu não tivesse vindo e lhes tivesse falado culpa não teriam.</p> <p>23 Agora porém não têm desculpa a respeito de seu pecado. O que me odeia, também odeia meu Pai.</p> <p>24 Se não tivesse feito as obras no meio deles que nenhum outro fez não teriam pecado. Agora porém viram e odiaram a mim e a meu Pai.</p> <p>25 Mas para que se cumpra a palavra escrita na Lei deles (que): <u>Odiaram-me gratuitamente.</u></p> <p>26 Quando vier o paráclito que eu vos mandarei desde o Pai, —o espírito da verdade, que sai do Pai— aquele testemunhará de mim</p> <p>27 e vós testemunhareis, porque desde o início estais comigo.</p>
---	---

O capítulo 15 traz a narrativa da alegoria da videira e a explicação de Jesus para as imagens. Esse trecho, como antes acontecera com a imagem do Bom Pastor (10,1-18), é considerado como uma alegoria bem elaborada, diferente de uma simples

parábola no estilo das parábolas sinópticas¹⁸. É Jesus mesmo quem explica essa alegoria: ele é o tronco; os ramos são os discípulos; e o Pai é o agricultor que espera frutos da vinha. A videira, no Antigo Testamento, fora tomada pelos profetas como imagem do povo de Israel. Natanael, o primeiro discípulo, em 1,46-49 é chamado, como anteriormente vimos, de “verdadeiro israelita”. Konings chega a perguntar: “Quem sabe será a ‘verdadeira videira’ o verdadeiro Israel, incorporado na pessoa de Jesus – o Jesus pascal, eclesial, presente em sua comunidade?”¹⁹. Pelo que se viu até o presente momento, já tendo analisado a entrega de Israel ao Discípulo Amado, pode-se perceber que sim e, mais do que isso, dizer que o verdadeiro Israel, a Sião messiânica, nasce ao pé da cruz naquela entrega.

Essa alegoria expressa muito bem o tipo de unidade existente do Pai com o Filho e, pelo Filho com os discípulos. Uma unidade que encontra seu fundamento no amor-fidelidade. Por sete vezes, durante a narrativa da alegoria (mais precisamente entre os vv. 4-8), e por quatro vezes, durante a explicação (vv. 9-17), João utiliza o verbo “permanecer” para indicar essa unidade. Ligados a Jesus pelos laços do amor, os discípulos são chamados a frutificar em amor fraterno. Amor este que nasce do cuidado de Deus para com eles por meio do Filho. Desligados desse amor, ou seja, aqueles que não creem em Jesus e não amam seus irmãos são galho já morto que será arrancado e jogado fora.

Deus permanece (mora) nos discípulos, por meio do Filho, como presença salvífica²⁰. E, na medida em que o discípulo abre sua vida para essa inabitação amorosa, também eles permanecem nele. Sobre esse tema, Konings nos diz:

Ora, se permanecermos em comunhão com Jesus e ‘suas palavras permanecerem em nós’, receberemos tudo o que em seu nome convém pedir. João usa de modo surpreendente o termo ‘permanecer’ – equivalente a ‘morar’ – para expressar a presença das palavras de Jesus em nossa vida [...] Isso, porque suas palavras são equivalentes à sua pessoa. Se queremos saber se Cristo está em nós, cabe verificar se suas palavras desempenham papel efetivo (e afetivo) em nossa vida.²¹

Assim, a missão dos discípulos, alicerçada sobre a presença salvífica do amor de Deus em Jesus, se explicita no compromisso prático. Essa adesão de vida se expressa no tema do mandamento. Aos ouvidos contemporâneos, a combinação entre amor e mandamento pode parecer estranha. Contudo, esse conjunto para João expressa

¹⁸ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 283

¹⁹ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 283-284

²⁰ Semelhante à Morada (*shekinah*) de Deus no meio do povo (Tenda no Deserto, Templo em Jerusalém).

²¹ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 286

bem outra coisa. O mandamento se firma sobre o Deus revelado em Jesus. Esse amor é dom, gratuidade vinda de Deus. É Deus quem gratuitamente vem em direção à humanidade e com ela estabelece Aliança. O Deus-Amor se manifesta de maneira plena em sua Palavra. Jesus não nos “manda” amar a Deus, mas sim, aos irmãos. Esse amor pede carne, quer se expandir. Ele fundamenta e impele o discípulo na direção do próximo enquanto pede comunicação e partilha. Somente quando esse amor se torna realidade como dom gratuito ao irmão, ele pode levar a Deus. É amor que pede amor.

É nesse sentido que deve ser entendido este binômio amor-mandamento. É intrínseco ao amor se comunicar e se expandir. O mandamento não aparece, então, com o peso de uma “exigência a ser cumprida”, mas como norma intrínseca ao próprio amor gratuito de Deus. Como ele amou a humanidade em Jesus, também os discípulos devem amar. Como antes dissemos, é a concretização desse amor na doação de vida ao próximo que o valida.

2.1.4 Capítulo 17: a unidade que vem do amor

Texto grego	Tradução instrumental
¹ Ταῦτα ἐλάλησεν Ἰησοῦς καὶ ἐπάρας τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ εἰς τὸν οὐρανὸν εἶπεν· πάτερ, ἐλήλυθεν ἡ ὥρα· δόξασόν σου τὸν υἱόν, ἵνα ὁ υἱὸς δοξάσῃ σέ,	¹ Isso falou Jesus e elevando seus olhos ao céu disse: “Pai, chegou a hora. Glorifica teu Filho, para que o teu Filho te glorifique,
² καθὼς ἔδωκας αὐτῷ ἐξουσίαν πάσης σαρκός, ἵνα πᾶν ὃ δέδωκας αὐτῷ δώσῃ αὐτοῖς ζωὴν αἰώνιον.	² assim como lhe deste autoridade sobre toda carne, (para) que a tudo que lhe deste, lhes dê a vida eterna.
³ αὕτη δέ ἐστιν ἡ αἰώνιος ζωὴ ἵνα γινώσκωσιν σέ τὸν μόνον ἀληθινὸν θεὸν καὶ ὃν ἀπέστειλας Ἰησοῦν Χριστόν.	³ –Esta(porém) é a vida eterna: (para) que reconheçam a ti o único Deus verdadeiro e ao que enviaste, Jesus Cristo.–
⁴ ἐγὼ σε ἐδόξασα ἐπὶ τῆς γῆς τὸ ἔργον τελειώσας ὃ δέδωκάς μοι ἵνα ποιήσω·	⁴ Eu te glorifiquei na terra, levando a termo a obra que me deste para que a faça
⁵ καὶ νῦν δόξασόν με σύ, πάτερ, παρὰ σεαυτῷ τῇ δόξῃ ἣ εἶχον πρὸ τοῦ τὸν κόσμον εἶναι παρὰ σοί.	⁵ E agora, glorifica-me tu, Pai, contigo, com a glória que tinha antes de o mundo ser, contigo.
⁶ Ἐφανέρωσά σου τὸ ὄνομα τοῖς ἀνθρώποις οὓς ἔδωκάς μοι ἐκ τοῦ κόσμου. σοὶ ἦσαν κάμοι αὐτοὺς ἔδωκας καὶ τὸν λόγον σου τετήρηκαν.	⁶ Manifestei teu nome aos homens que me deste desde o mundo. Eram de ti, e a mim os deste, e guardaram tua palavra.
⁷ νῦν ἔγνωσαν ὅτι πάντα ὅσα δέδωκάς μοι παρὰ σοῦ εἰσιν·	⁷ Agora reconheceram que tudo quanto me deste é de ti,
⁸ ὅτι τὰ ρήματα ἃ ἔδωκάς μοι δέδωκα αὐτοῖς, καὶ αὐτοὶ ἔλαβον καὶ ἔγνωσαν ἀληθῶς ὅτι παρὰ σοῦ ἐξήλθον, καὶ ἐπίστευσαν ὅτι σύ με ἀπέστειλας.	⁸ porque os ditos que me deste, dei a eles e eles receberam e reconheceram verdadeiramente que de ti saí e acreditei que tu me enviaste.

<p>⁹ Ἐγὼ περὶ αὐτῶν ἐρωτῶ, οὐ περὶ τοῦ κόσμου ἐρωτῶ ἀλλὰ περὶ ὧν δέδωκάς μοι, ὅτι σοὶ εἰσιν,</p> <p>¹⁰ καὶ τὰ ἐμὰ πάντα σὰ ἐστὶν καὶ τὰ σὰ ἐμὰ, καὶ δεδόξασμαι ἐν αὐτοῖς.</p> <p>¹¹ καὶ οὐκέτι εἰμὶ ἐν τῷ κόσμῳ, καὶ αὐτοὶ ἐν τῷ κόσμῳ εἰσὶν, κἀγὼ πρὸς σὲ ἔρχομαι. Πάτερ ἅγιε, τήρησον αὐτοὺς ἐν τῷ ὀνόματί σου ᾧ δέδωκάς μοι, ἵνα ὧσιν ἐν καθῶς ἡμεῖς.</p> <p>¹² ὅτε ἦμην μετ' αὐτῶν ἐγὼ ἐτήρουν αὐτοὺς ἐν τῷ ὀνόματί σου ᾧ δέδωκάς μοι, καὶ ἐφύλαξα, καὶ οὐδεὶς ἐξ αὐτῶν ἀπώλετο εἰ μὴ ὁ υἱὸς τῆς ἀπωλείας, ἵνα ἡ γραφὴ πληρωθῇ.</p> <p>¹³ νῦν δὲ πρὸς σὲ ἔρχομαι καὶ ταῦτα λαλῶ ἐν τῷ κόσμῳ ἵνα ἔχωσιν τὴν χαρὰν τὴν ἐμὴν πεπληρωμένην ἐν ἑαυτοῖς.</p> <p>¹⁴ ἐγὼ δέδωκα αὐτοῖς τὸν λόγον σου καὶ ὁ κόσμος ἐμίσησεν αὐτούς, ὅτι οὐκ εἰσὶν ἐκ τοῦ κόσμου καθὼς ἐγὼ οὐκ εἰμὶ ἐκ τοῦ κόσμου.</p> <p>¹⁵ οὐκ ἐρωτῶ ἵνα ἄρῃς αὐτοὺς ἐκ τοῦ κόσμου, ἀλλ' ἵνα τηρήσῃς αὐτοὺς ἐκ τοῦ ποιηροῦ.</p> <p>¹⁶ ἐκ τοῦ κόσμου οὐκ εἰσὶν καθὼς ἐγὼ οὐκ εἰμὶ ἐκ τοῦ κόσμου.</p> <p>¹⁷ ἁγιάσον αὐτοὺς ἐν τῇ ἀληθείᾳ· ὁ λόγος ὁ σὸς ἀλήθειά ἐστιν.</p> <p>¹⁸ καθὼς ἐμὲ ἀπέστειλας εἰς τὸν κόσμον, κἀγὼ ἀπέστειλα αὐτοὺς εἰς τὸν κόσμον·</p> <p>¹⁹ καὶ ὑπὲρ αὐτῶν ἐγὼ ἁγιάζω ἑμαυτόν, ἵνα ὧσιν καὶ αὐτοὶ ἡγιασμένοι ἐν ἀληθείᾳ.</p> <p>²⁰ Οὐ περὶ τούτων δὲ ἐρωτῶ μόνον, ἀλλὰ καὶ περὶ τῶν πιστευόντων διὰ τοῦ λόγου αὐτῶν εἰς ἐμέ,</p> <p>²¹ ἵνα πάντες ἐν ὧσιν, καθὼς σύ, πάτερ, ἐν ἐμοὶ κἀγὼ ἐν σοί, ἵνα καὶ αὐτοὶ ἐν ἡμῖν ὧσιν, ἵνα ὁ κόσμος πιστεύῃ ὅτι σύ με ἀπέστειλας.</p> <p>²² κἀγὼ τὴν δόξαν ἣν δέδωκάς μοι δέδωκα αὐτοῖς, ἵνα ὧσιν ἐν καθῶς ἡμεῖς ἐν·</p> <p>²³ ἐγὼ ἐν αὐτοῖς καὶ σὺ ἐν ἐμοί, ἵνα ὧσιν τετελειωμένοι εἰς ἓν, ἵνα γινώσκῃ ὁ κόσμος ὅτι σύ με ἀπέστειλας καὶ ἠγάπησας αὐτοὺς καθὼς ἐμὲ ἠγάπησας.</p>	<p>⁹ Eu por eles rogo; não pelo mundo rogo, mas pelos que me deste, porque são de ti,</p> <p>¹⁰ e todo o meu é teu e o teu, meu, e sou glorificado neles</p> <p>¹¹ E não mais estou no mundo, e eles estão no mundo, e eu vou a ti. Pai santo, conserva-os em teu nome, que me deste, para que sejam um como nós.</p> <p>¹² Quando estava com eles, eu os guardei em teu nome, que me deste, e pus sob guarda, e ninguém dentre eles se perdeu, a não ser o filho da perdição, para que a escritura seja cumprida.</p> <p>¹³ Agora porém vou a ti e isso falo no mundo para que tenham minha alegria plenificada em si.</p> <p>¹⁴ Eu dei-lhes tua palavra e o mundo odiou-os, porque não são do mundo assim como eu não sou do mundo.</p> <p>¹⁵ Não rogo para que os tires do mundo, mas para que os guardes do maligno.</p> <p>¹⁶ Desde o mundo não são, assim como eu não sou desde o mundo.</p> <p>¹⁷ Santifica-os na verdade; tua palavra é a verdade.</p> <p>¹⁸ Assim como me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.</p> <p>¹⁹ E por eles eu me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade.</p> <p>²⁰ Porém não só por eles rogo mas pelos que acreditaram em mim pela palavra deles,</p> <p>²¹ para que todos sejam um, assim como tu, Pai, em mim e eu em ti, para que também eles em nós sejam assim, para que o mundo acredite que tu me enviaste.</p> <p>²² E eu lhes dei a glória que me deste, para que sejam um, assim como nós somos um,</p> <p>²³ eu neles e tu em mim, para que sejam levados a termo em um, para que reconheça o mundo que tu me enviaste e os amaste assim como amaste a mim.</p>
--	---

<p>²⁴ Πάτερ, ὃ δέδωκάς μοι, θέλω ἵνα ὅπου εἰμὶ ἐγὼ κάκεινοι ὧσιν μετ' ἐμοῦ, ἵνα θεωρῶσιν τὴν δόξαν τὴν ἐμήν, ἣν δέδωκάς μοι ὅτι ἠγάπησάς με πρὸ καταβολῆς κόσμου.</p>	<p>²⁴ Pai, o que me deste quero (para) que onde eu estou também eles estejam comigo, para que enxerguem a minha glória, que me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo.</p>
<p>²⁵ πάτερ δίκαιε, καὶ ὁ κόσμος σε οὐκ ἔγνω, ἐγὼ δέ σε ἔγνω, καὶ οὗτοι ἔγνωσαν ὅτι σύ με ἀπέστειλας·</p>	<p>²⁵ Pai santo, também o mundo não te conheceu, eu porém te conheci e estes conheceram que tu me enviaste.</p>
<p>²⁶ καὶ ἐγνώρισα αὐτοῖς τὸ ὄνομά σου καὶ γνωρίσω, ἵνα ἡ ἀγάπη ἣν ἠγάπησάς με ἐν αὐτοῖς ἦ καὶ ἐν αὐτοῖς.</p>	<p>²⁶ E manifestei-lhes teu nome e farei conhecer, para que o amor com que amaste a mim neles esteja, e eu neles.</p>

Deter-nos-emos, um pouco mais agora, no capítulo 17 de João. Esse trecho se configura como a síntese em forma de oração da despedida do Mestre. Pelo contexto, podemos perceber uma importante mudança de interlocutor: agora Jesus se dirige ao Pai, erguendo os olhos, posição expressiva daquele que se coloca em oração²². Os discípulos estão presentes, porém, seguem agora para um segundo plano; Jesus não mais dialoga com eles, como nos capítulos anteriores, pois o interlocutor direto de Jesus agora é o próprio Pai²³.

Sobre o estilo do texto, concordamos com Léon-Dufour que afirma que:

O movimento do texto caracteriza-se pela alternância contínua entre de um olhar sobre o que ocorreu e de uma abertura com relação ao futuro. Essa oscilação típica das preces judaicas que se apóiam nos grandes feitos de Deus para invocar uma nova intervenção de sua parte²⁴.

É comum aos grandes textos bíblicos de despedida, como exemplo capital citamos Dt 32-33²⁵, que o protagonista, o herói, termine seu discurso com uma prece, hino ou benção. João parece seguir aqui esse esquema e o faz de maneira magnífica. O autor nos apresenta a imagem de um Jesus orante, um ícone revestido de mistério, que transcende o espaço e o tempo, revelando-se, não mais como o Jesus terreno, mas o Jesus imerso na Glória do Pai. Expresso pelo paradoxo “no mundo, mas não deste mundo”, percebemos esta realidade da imersão de Jesus no mistério da Glória de Deus. Sua oração expressa uma finalidade: que aqueles que estão com ele, também sejam envolvidos por esse mistério²⁶.

²² Cf. MATEOS; BARRETO. El Evangelio de Juan. p. , 708.

²³ Cf. LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, IV, p. 197.

²⁴ LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, IV, p. 198.

²⁵ “Pouco antes de morrer, Moisés, o condutor do povo eleito, cantar diante do céu e da terra Aquele que guarda Israel como a menina de seus olhos, assemelhando-se a uma águia que vela por sua ninhada e, estendendo as asas, carrega-a e sustenta-a sobre a sua plumagem (Dt 32,10s)”. LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, IV, p. 199.

²⁶ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 306.

Seguindo essa mesma percepção, Léon-Dufour afirma que tem mais um tom de louvor que de pedido ou intercessão:

[...]o Filho único celebra o Pai, cujo amor o preencheu desde antes da criação do mundo e se estende a toda criatura. O Filho retorna agora ao Pai, mas não sozinho; embora os fiéis, presentes e vindouros, sem dúvida permaneçam e devam permanecer no mundo, eles já não pertencem ao mundo. Se Jesus, pronunciando em voz alta a sua prece, vive diante dos discípulos a sua própria intimidade com o Pai, isso ocorre porque essa intimidade não tardará a ser compartilhada com estes últimos.²⁷

Léon-Dufour percebe nesse texto dois eixos²⁸: um vertical e outro horizontal. O eixo vertical é caracterizado pela subida de Jesus ao Pai, culminando com a palavra: “Que no lugar em que estou, estejam eles também comigo” (v.24). No sentido descendente, são celebrados em cascata todos os dons que o Pai ofereceu ao Filho para que, por ele, os homens recebam a vida eterna. Seguindo esse eixo, a temática tem início na glorificação do Filho, que será a do próprio Pai que, por meio dele, age, encerrando com a inabitação do Amor nos fiéis. O eixo horizontal percebido por Léon-Dufour se esboça na duração finita da história, na medida em que o mundo, que não conheceu Deus, é constantemente chamado a acolher a verdade de Deus revelada em Jesus. No entrecruzamento desses dois eixos encontramos o testemunho esperado dos fiéis.

[...] aqueles a quem Jesus deu as palavras do Pai, aqueles que o Pai guarda em seu Nome e santifica em sua verdade, multiplicarão no espaço e no tempo a presença do Enviado.²⁹

Mateos e Barreto³⁰ propõem a divisão deste capítulo em quatro grandes partes temáticas:

- 17,1-5 Prefácio: que se realize o acontecimento salvador;
- 17,6-19 Oração pela comunidade presente;
- 17,20-23 Oração pela comunidade do futuro;
- 17,24-26 Conclusão.

Prefácio

No prefácio, Jesus pede pela conclusão de sua missão: a manifestação da Glória do Pai nele. Pede que o dom da vida definitiva se realize nos seus, ou seja, que sua morte comunique ao mundo, e aos discípulos em particular, seu amor e o amor do

²⁷ LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, IV, p. 199.

²⁸ Cf. LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, IV, p. 199.

²⁹ LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, IV, p. 199.

³⁰ Cf. MATEOS; BARRETO. El Evangelio de Juan. p. , 707

Pai pela comunicação do Espírito aos que creem. Ambos, o Pai e o Filho, estão na mesma glória, a saber, a do Pai comunicada eternamente no Filho (1,14). Jesus pede, então, que essa glória brilhe em todo o seu esplendor na doação de vida que já se realiza (10,18). A Glória de um amor sem limite que é capaz de vencer todo o ódio (15,18-25).

Ao pedir que seja manifesta a Glória do Pai no Filho, nessa introdução, Jesus expressa todo o caráter dinâmico da comunicação desta Glória-Amor. Não se trata de um bem transmitido de uma vez para sempre, mas a comunicação é incessante, ininterrupta, como expressão da ligação de amor entre o Pai e o Filho. É dessa forma que se realizará a comunicação da Glória de Deus no discípulo pelo Filho. Essa ligação é ininterrupta uma vez que a manifestação no discípulo depende de sua referência ao Filho, na unidade de amor formada. É por meio do Filho que a vida eterna é comunicada de maneira incessante aos discípulos e ao mundo (17,2). Pois é no Filho, pelo Espírito, que a Glória de Deus, a vida eterna, é comunicada ao mundo (17,3).

O corpo da oração

O corpo da oração (17,6-23), como anteriormente vimos, se divide em duas partes temáticas. A primeira (17,6-19) diz respeito aos discípulos presentes junto a Jesus naquele momento. Já a segunda parte (17,20-23) é uma prece aos discípulos futuros, transcendendo o tempo, abarcando a todos aqueles que virão a fazer parte da comunidade dos discípulos.

Primeira parte: a oração pela comunidade presente

Na oração pela comunidade presente, Jesus inicia sua prece e expõe o motivo que o leva para tal: seu retorno ao Pai depois de ter comunicado, com sua vida e cruz, a Glória aos discípulos (17,10). A idéia central que rege esse pedido é que o Pai guarde os discípulos na unidade (17,11b) e os proteja, consagrando-os na verdade, para que possam exercer sua missão no mundo (17,17-19) sem ceder às pressões³¹ (17,15-16).

Jesus sabe que agora ele retorna ao Pai. Contudo, ainda no mundo, revela sua visão acerca do Pai e de sua missão, a fim de que os discípulos possam participar da mesma alegria. O auge da alegria cristã está em participar da alegria do Jesus

³¹ Quanto a estas pressões imediatas no contexto da comunidade, mais à frente as analisaremos quando nos ocuparmos da “Hora do Discípulo”.

Glorificado pelo Pai. Alegria esta que não exclui a cruz, mas que a integra como lugar e sinal da doação amorosa de vida. Assim, essa alegria do discípulo se dá no interior da própria alegria do Mestre; uma alegria que é doação e comunhão de vida, principalmente, como na vida de Jesus, segue na direção dos irmãos que mais sofrem.

Nessa mesma linha, percebe-se que a cruz também é sinal de todo o processo que levou à morte de Jesus. Ele manifestou aos homens o verdadeiro rosto do Deus invisível (cf. 1,18). Porém, o “mundo”³² não o aceitou, e, assim como negou ao Filho, negará também aqueles que estão em Jesus e negarão o domínio do mundo. Contudo, no interior desta prece, Jesus não pede que Deus retire do “mundo” os seus discípulos (mundo aqui visto como destinatário da salvação), pois esse é o lugar onde se dará o testemunho. Pede apenas que os guarde do “Maligno que domina o mundo” (cf. 17,15). O problema não está na realidade criada, mundo, mas em quem o domina³³.

Jesus pede ao Pai que os discípulos sejam consagrados na verdade (cf. 17,17). “A verdade é a manifestação de Deus, de seu amor e fidelidade, em sua palavra, que vem por meio de Jesus”³⁴. É por meio dessa verdade, ou seja, da missão assumida por ele e continuada no testemunho daqueles que estão com ele que essa consagração acontece. Consagrar³⁵ significa fazer pertencer a Deus, o único santo de Israel (cf. sentido em 2Rs, 19,22). Isso implica em certa separação, no caso de João, separação da realidade que não aceita a salvação. Jesus aplica a si mesmo essa afirmação (cf. 10,36). Israel se compreende como povo eleito, dedicado à santidade de Deus (cf. Lv 19,1)³⁶. Os discípulos, assim, passam a participar, por meio dessa consagração no Enviado de Deus, dessa realidade sacramental onde Deus, em sua graça, se faz presente ao mundo.

O sentido da glorificação do Filho está intrinsecamente ligado à consagração dos discípulos (cf. 17,19). O termo “por eles”, nos remete a outras expressões do dom da vida pelos outros: 6,51 (“pela vida do mundo”), 15,13 (“pelos amigos”), 10,11 (“pelas ovelhas”), 11,51 (“pela nação”). Jesus se torna oblação dedicada à verdade e à

³² O vocábulo “mundo” pode ter em João dois sentidos, um positivo e outro negativo. O sentido positivo se revela enquanto realidade que é destinatária da salvação. O sentido negativo diz respeito ao mundo enquanto realidade que recusa a salvação. “No primeiro sentido, o lugar de Jesus e dos seus é naturalmente no mundo, ao qual eles devem apresentar a salvação, ‘tirando o pecado do mundo’ (1,29; 20,19-23). No segundo sentido, eles não podem pertencer ao mundo, não podem estar em seu poder, ser-lhe submissos”. (KONINGS. Evangelho segundo João, p. 310).

³³ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 309.

³⁴ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 310.

³⁵ Sinônimo: santificar.

³⁶ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 311.

fidelidade de Deus. É por meio dessa oblação que os discípulos participam da verdade, que é Deus se manifestando em seu Amor³⁷.

Sua morte fará possível a consagração dos discípulos, pois ela lhes fará ver qual é o máximo do amor (13,1) e por ela receberão o Espírito. Ficarão assim consagrados, isto é, capacitados para percorrer ao caminho até o Pai (14,6), com e como Jesus, até chegar à resposta total.³⁸

Segunda parte: a oração pela comunidade futura

Esta secção do capítulo 17, mais curta que as demais, refere-se àqueles que virão a se associar pela fé à comunidade discipular no futuro, ou seja, os cristãos da segunda e terceira gerações, os leitores de João, nós... Depois de uma breve introdução (17,20), a prece desenvolve seu eixo principal em torno da unidade perfeita, efeito da comunicação da glória (17,22) e garantia da eficácia na missão (17,21b-23b)³⁹.

Os vv.21-23 formam um interessante paralelismo poético⁴⁰:

<p>²¹(Para) que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti.</p> <p>(Para) que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste.</p>	<p>²²Eu lhes dei a glória que tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um: ²³eu neles, e tu em mim, para que sejam perfeitamente unidos, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste como amaste a mim.</p>
--	--

Segundo o modelo da unidade do Pai e do Filho, que formam uma só realidade de vida e ação, a oração de Jesus segue pedindo que os discípulos assim vivam (cf. 10,30)⁴¹. Todo o pedido de Jesus se direciona para que o mundo creia que ele é o Enviado de Deus. O sinal visível que leva à fé, agora que o Filho já não está mais no mundo, não serão mais os sinais e milagres, mas sim o amor que se manifesta na unidade dos discípulos entre eles, e, no Filho, com o Pai. A Glória que Jesus confia aos discípulos reside na participação no amor que Deus lhe tinha confiado. É através do testemunho de amor que gera unidade, que os discípulos comunicaram a fé, dando seguimento à missão/ação do Enviado de Deus.

O movimento contido nos vv.22-23 explicita o movimento de toda a oração. O v. 22 começa com o tema da glória (“Eu lhes dei a glória que tu me deste...”) e termina com o amor (“e os amaste como amaste a mim.”). O verbo “amar” aparece três

³⁷ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 311.

³⁸ MATEOS; BARRETO. El Evangelio de Juan. p, 723.

³⁹ Cf. MATEOS; BARRETO. El Evangelio de Juan. p, 707.

⁴⁰ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 311.

⁴¹ Konings esclarece que “o ‘como’ dos v. 21b e 23c significa ‘como e porque’, como em 15,9.12” (KONINGS. Evangelho segundo João, p. 312).

vezes só no v. 23. A oração do capítulo 17, que começara “como um pedido de glória, termina no v.26b pedindo o amor”⁴². Nisso podemos ver resumido todo o movimento da Glória no Evangelho de João. Não se trata da glória deste mundo, com seus reis e governantes, mas da glória que vem do amor-fidelidade (cf. 1,14). Amor levado às últimas consequências da fidelidade: a cruz. É esse amor que gera a unidade dos discípulos, pois esses, na fé e no Espírito, participam da mesma realidade do Pai e do Filho.

2.2 Conclusão primeira

Esta secção possui vários paralelos com a introdução: “o que me deste” (17,2.24); a alusão à criação do mundo (17,5.24); a futura manifestação (17,26, “e o darei a conhecer mais”) corresponde ao conhecimento que é vida definitiva (17,2-3); “o amor” que estará nos discípulos (17,26) procede da manifestação da glória do Pai (= dom do Espírito = vida definitiva, 17,1-3)⁴³.

Jesus expressa nesta conclusão seu maior desejo: “Pai, quero que aqueles que me deste estejam onde estou eu (cf. 14,2), para que possam contemplar a minha glória, que é teu dom, porque me amaste antes da fundação do mundo” (17,24). A glória de Deus se expressa no amor (cf. 1Jo 1,8.16). Antes dos tempos, o amor do Pai e do Filho já é. Na vida de Jesus, o Filho, essa unidade de amor se manifesta e, portanto, o próprio Deus se dá a conhecer em seu Enviado (cf. 14,9;1,18). Jesus pede que os seus estejam no mesmo lugar que ele, o lugar de filhos, para que participem (contemplem) da glória do amor do Pai e do Filho.

Os vv. 1-5 expressam a união do Filho com o Pai e com os seus na glória; já nos vv. 24-26, passa-se desta unidade na glória para o amor. Esta glória do amor se manifesta na prática dos discípulos, enquanto estes são testemunhas vivas do Filho. Participantes dessa glória do amor, já aqui, no hoje da história, os discípulos continuam a missão do Filho: comunicar a glória do amor do Pai. É no interior desta unidade de amor que a vida dos discípulos toma sentido e que sua missão se concretiza. Não se trata de uma união funcional, mas “existencial”, ou seja, de vida e destino.

⁴² KONINGS. Evangelho segundo João, p. 312.

⁴³ Cf. MATEOS; BARRETO. El Evangelio de Juan, p. 707.

2.3. A hora dos discípulos:

Tendo percebido um pouco mais da identidade do discípulo do Filho em João, nos voltaremos para o capítulo 16 de João, a fim de estudar duas menções do termo “hora” que estão ligadas, não diretamente ao Filho, mas ao grupo discipular. O termo “hora” abre um tema em João chamado por alguns especialistas de a “hora do discípulo”⁴⁴. Por se tratar de união de vida no amor-fidelidade, o discípulo participará do mesmo destino do Mestre. Assim, como temos a “hora de Jesus”, que culmina no enaltecimento na cruz, também a comunidade dos discípulos sofrerá a “cruz” da perseguição e da morte, ao dar seguimento em seu testemunho do Filho.

Não podemos deixar de considerar que, desde o final do capítulo 15 (mais precisamente 15,18-16,4a), depois da explicação sobre a alegoria da vinha, o tema da animosidade contra os discípulos vai sendo trabalhado num crescendo. Esta animosidade da qual os discípulos são vítimas está em paralelo com a crescente animosidade com relação a Jesus. Passar pela dor da cruz será exigência do amor no qual está alicerçada a vida do discípulo. “Amar quem não ama, nos limites da comunidade em primeiro lugar, é, com efeito, proposto como princípio de conciliação dos inimigos no plano dos conflitos de religião”⁴⁵.

2.3.1 João 16,2: Expulsão das sinagogas e perseguição dos discípulos.

Texto grego	Tradução instrumental
ἀποσυναγωγούς ποιήσουσιν ὑμᾶς· ἀλλ’ ἔρχεται ὥρα ἵνα πᾶς ὁ ἀποκτείνας ὑμᾶς δόξῃ λατρεῖαν προσφέρειν τῷ θεῷ.	Vos farão extra-sinagogais, mas virá uma hora para que todo o que vos matar pense que preste culto a Deus.

Por duas vezes, no Evangelho de João, a expulsão da sinagoga é mencionada. Em 9,22 (“Seus pais disseram isto, porque temiam os judeus. Porquanto já os judeus tinham resolvido que, se alguém confessasse ser ele o Cristo, fosse expulso da sinagoga”). Os pais do cego temiam a expulsão decretada “pelos judeus” contra aqueles que reconhecessem Jesus como Messias. Em 12,42 (“Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga”), os chefes temiam os “fariseus”, grupo de judeus mais influentes

⁴⁴ MATEOS; BARRETO, Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 133.

⁴⁵ SIMOENS. Selon Jean, p, 611.

e mais hostis a Jesus (cf. 4,1-3; 7,32.47s; 8,13; 11,46), que poderiam fazer expulsar os discípulos caso se pronunciassem em favor Dele.

A perseguição religiosa poderia fazer os discípulos se afastarem de Jesus e de seu grupo. É muito compreensível esse fato se partimos da compreensão de que Jesus é perseguido pelos representantes mais “devotos” da religião da época. Os discípulos do primeiro momento veem-se perseguidos a partir de dentro da instituição que doava sentido às suas existências religiosas. E Jesus alerta: não apenas os perseguirão, mas os entregarão à morte em nome do Deus da religião.

Como em todo o “Adeus de Jesus”, em João, há certa antecipação de tempo. Jesus fala de uma realidade que as comunidades dos primeiros decênios e séculos ainda viverão. O Jesus que dirige seu discurso de despedida, como já foi visto no tópico acima, é aquele que já participa da glória do Pai. Por isso, alguns especialistas tendem a ligar a expulsão da sinagoga com os eventos posteriores à ressurreição como, por exemplo, o “Sínodo” fariseu de Jâmnia.

Para os leitores de João, esse acontecimento está bem próximo temporalmente. Em 68 d.C., quando da Guerra Judaica, os fariseus, com a anuência do poder romano, saíram de Jerusalém para se refugiar em Jâmnia/Javné, cidade situada a uns 50 km de Jerusalém. Depois da destruição do Templo (no ano 70) e do fim da guerra, os rabinos, em sua maioria de linha farisaica, começaram a reestruturar a comunidade judaica. Já sem a referência do Templo, a base religiosa configurar-se-á ao redor da Sinagoga. O movimento de reestruturação em Jâmnia tomou a decisão de expulsar os cristãos da nova configuração das comunidades judaicas, portanto, expulsá-los das sinagogas e, conseqüentemente, da religião. A conseqüência teológica será, logicamente, a expulsão da Aliança.

Jâmnia introduzirá nas liturgias cotidianas a *birkat ha-minin*⁴⁶, uma maldição dos hereges (*minin*). A razão dessa animosidade pode ser diversa. Os cristãos proclamavam Jesus como o Messias, fato que os judeus nacionalistas não podiam aceitar, principalmente depois da queda do Templo, o que configura uma situação bem distante das “esperanças” que carregavam com relação ao Messias. Outra razão vem do fato de os cristãos atribuírem caráter e dignidade divina à missão e à pessoa de Jesus, o que era considerado pelos fariseus blasfêmia (cf. Jo 5,18). Uma terceira razão nasce do

⁴⁶ “Que não haja esperança para os apóstatas... que os nazareus e os minim pereçam num instante. Sejam apagados do livro dos vivos e não sejam inscritos entre os justos” (SCARDELA, Donizete. Mateus e os Judeus. http://www.sion.org.br/artigos/mateus_judaismo.pdf, em 15 de agosto de 2009).

fato de os cristãos de origem judaica, associando-se a outros grupos como os samaritanos e gregos, deixavam, assim, de colaborar na construção de uma comunidade judaica étnica e, por isso, são considerados traidores.⁴⁷

Contudo, não podemos afirmar que a exclusão das sinagogas tenha início somente depois de Jâmnia. Essa prática pode ter sido utilizada contra os cristãos desde muito cedo, dependendo da atmosfera local, visto que o conflito entre o judaísmo e os cristãos surge simultaneamente com a comunidade cristã. Citamos como exemplo os relatos da morte de Estêvão, expulso da cidade e apedrejado pelos judeus, bem como a perseguição às primeiras comunidades cristãs (At 7-9).

Do ponto de vista teológico em João, essa perseguição nasce do não reconhecimento do Filho como enviado do Pai. Não se trata de mera fatalidade, predestinação ou impossibilidade, mas sim opção. Jesus veio e comunicou o amor do Pai. Disse quem realmente era Deus. Agora é uma questão de escolha. Quem nega o Filho, nega o próprio Pai que enviou (cf. 14,10). Aquele que persegue “os de Jesus” está contra o próprio Filho e, por consequência, o Pai, que fundamenta toda a obra do Filho. Para a comunidade, a vida e a missão de Jesus é o ponto de referência do “mandamento do amor”. Por isso, é também o ponto de referência para compreender a perseguição.

Ora, tudo isso não escapa da lógica do amor de Deus. Pois o amor obriga a tomar posição, provoca o ódio, rejeição (cf. 6,60-17; 12,48). A Escritura (lit.: “a Lei deles”!), que é a ilustração do plano de Deus, já o exprimiu: “Odiaram-me sem motivo” (Sl 35,19; 69,4). Sem motivo, no sentido judicial.⁴⁸

2.3.2 Jo 16,32: A dispersão

Texto grego	Tradução instrumental
ἰδοὺ ἔρχεται ὥρα καὶ ἐλήλυθεν ἵνα σκορπισθῆτε ἕκαστος εἰς τὰ ἴδια καμὲ μόνον ἀφήτε· καὶ οὐκ εἰμὶ μόνος, ὅτι ὁ πατήρ μετ’ ἐμοῦ ἐστίν.	Eis que vem a hora –e veio– (para) que sereis dispersados cada um para seu lado e me deixareis só. E não estou só, porque o Pai está comigo.

O Jesus glorioso de João mostra conhecer os discípulos mais que eles mesmos se conhecem. A profissão de fé presente no v.30, “Agora conhecemos que sabes tudo, e não precisas de que alguém te interrogue. Por isso cremos que saístes de Deus”, parece precipitada. Ainda é necessário que os discípulos cresçam na fé. Jesus os

⁴⁷ Sobre Jâmnia, KONINGS. Evangelho segundo João, p. 200.

⁴⁸ KONINGS. Evangelho segundo João, p. 337-338.

confronta com a realidade da perseguição que resultará em sua morte na cruz. Eles ainda não haviam recebido o Espírito da verdade.

A fala de Jesus evoca a imagem da dispersão do rebanho. Afugentados pelo lobo das perseguições, os discípulos fogem, deixando Jesus aparentemente sozinho. Diante da catástrofe da morte do Mestre, cada discípulo segue para o seu lado. Na figura da dispersão, que nos remete aos sinópticos e ao Antigo Testamento (Mc 14,27 e par., cf. Zc 13,7), Jesus indica que a fé dos discípulos ainda é frágil. Contudo, mesmo diante da dispersão dos seus, Jesus não se vê só: o Pai está com ele. A glória de Jesus junto do Pai não depende do número de discípulos ao pé da cruz. Embora a inconstância dos discípulos, a certeza de sua vitória permanece. Jesus termina retomando os grandes temas do “adeus” (14,27-31), confortando os discípulos: o que foi dito é para que eles tenham paz, pois no mundo encontraram a perseguição, mas ele venceu o mundo em sua glória.

2.4. O Paráclito

Estudaremos agora a figura do “*Paráclito*”. Após os acontecimentos pascais, o Espírito será aquele que continuará a presença do Ressuscitado no meio da comunidade. Centrar-nos-emos nas cinco passagens que mencionam a figura do Espírito no evangelho de João (14,16-17; 14,26; 15,26-27; 16,7-11; 16,12-15). Iremos, de maneira gradual, como o faz o texto, expor a função do Paráclito em João. Antes, é preciso fazer um breve caminho sobre a compreensão que João tem do Espírito ao longo do evangelho.

Konings nos esclarece que no Evangelho de João, o Espírito, além das características comuns da Bíblia (sopro, dinamismo de Deus que inspira os profetas, concede poderes milagrosos etc), assume algumas características próprias. Como realidade permanente, ele “permanece” em Jesus (1,33) e nos discípulos (14,17). O termo Paráclito significa auxílio, apoio, confortador, ou, no campo judicial, fiador, defensor, advogado⁴⁹.

Léon-Dufour aprofunda o estudo sobre a etimologia desse termo. Explica que, no Novo Testamento, ele aparecerá apenas nos discursos de despedida de Jesus e uma vez apenas em 1Jo 2,1 (em que qualifica Jesus como intercessor celeste). Foi comumente traduzido, por uma etimologia errônea, como “Consolador”. Aponta para o

⁴⁹ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 276.

fato de o termo vir do particípio passivo do verbo grego παρακαλέω que, literalmente, significa “chamado para junto de alguém”, em latim, *advocatus*⁵⁰.

Em João, a primeira menção do Espírito surge no testemunho de João Batista. Em 1,32-33, ele vê o Espírito descer e permanecer sobre Jesus: “Eu vi o Espírito descer do céu como pomba, e repousar sobre ele. E eu não o conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito, e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo”. Porque o Espírito “permanece” sobre ele, Jesus é aquele que pode verdadeiramente batizar com o Espírito. Sendo assim, ele pode comunicar o Espírito a quem crê⁵¹.

O Espírito ainda ocupa lugar importante nas conversas de Jesus com os candidatos à fé. Na conversa com Nicodemos (Jo 3), Jesus explica que o discípulo deverá nascer de novo, ou seja, para a nova vida instaurada em Jesus. No caso concreto de Nicodemos, ele deverá romper com o grupo dos judeus, perseguidores, para se colocar do lado dos perseguidos, correndo os riscos dessa opção. Para a Samaritana, Jesus aponta para o dom da “água viva”. Ela ainda não compreende a realidade do Mistério daquele que se coloca à sua frente. Contudo, mais adiante no evangelho, Jesus diz: “Se alguém tem sede, venha a mim, e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre. E isto disse ele do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado.”(Jo 7,37-39). O Espírito, derramado na cruz, lugar da manifestação plena do amor, é quem comunicará a vida aos discípulos. Do lado aberto do Senhor correm o dom da vida e do Espírito (19,34).

Após a sua glorificação na cruz, o Ressuscitado, chamado por João Batista de “o cordeiro que tira o pecado do mundo”(1,29.36), comunica o Espírito à comunidade para que, na sua ausência, eles continuem sua missão (20,22-23)⁵².

2.4.1 Jo 14,16.26: O Paráclito, presença do Ressuscitado

Jesus exerce uma atividade mediadora entre o Pai e os discípulos. Jesus mesmo é compreendido como Paráclito na literatura joanina. É através dele que os discípulos poderão participar da glória de Deus. Depois de sua morte, quando não mais

⁵⁰ Cf. LÉON-DUFOUR. Leitura do Evangelho de João, III, p. 86.

⁵¹ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 277.

⁵² Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 277-278.

estiver em sua existência terrena, seu lugar é ocupado pelo Paráclito. Trata-se de uma mediação futura, de acordo com sua nova posição na Glória do Pai⁵³.

A característica do Paráclito expressa nessa passagem é a de “permanecer junto à comunidade para sempre”. O Espírito é adjetivado como sendo o “outro”, em função do mediador por excelência que é Jesus. Em sua função de “estar com” ele foi precedido por Jesus. Depois de partir para o Pai, a promessa “estarei contigo”, que perspassa toda a tradição bíblica, se realiza graças ao Paráclito em que Jesus, ao mesmo tempo, aproxima e distingue de si. Jesus dá a entender, em 14,16, que ele mesmo foi o apoio da comunidade durante o tempo de sua vida terrestre. Após a partida de Jesus para o Pai, quem permanecerá junto à comunidade é o Intercessor. Este “outro Paráclito” será o defensor da comunidade no processo contra o mundo.

O Espírito aqui é designado como “da verdade”. João usa essa construção própria para designar o Espírito de Deus. Lida esta expressão à luz da proclamação: “Eu sou o caminho a verdade e a vida”; o Espírito então é qualificado como o Espírito de Jesus-verdade e remete, não só à revelação que a verdade traz, mas também à separação realizada entre os homens segundo sua opção (cf. 9,39): entre aqueles que aceitam a verdade e aqueles que a rejeitam⁵⁴. Ele é Espírito da Verdade num sentido positivo, pois nos faz ver a verdade da nossa existência, mas também em num sentido “negativo” na medida em que também se opõe à força da mentira e das trevas que tenta dominar o mundo⁵⁵.

Em 14,26, o Espírito, enviado pelo Pai em nome de Jesus, tem a função de ensinar e lembrar. Ele é a memória viva do Ressuscitado. Não se trata de mera recordação morta. É ele que nos recapitula Cristo e nos faz habitação do Pai e do Filho na medida em que guardamos a sua palavra, o seu mandamento. Aqui já se realizam, em nós e entre nós, seus discípulos, as moradas que Jesus nos prepara (14,3)⁵⁶.

2.4.2 O Paráclito: a testemunha diante no processo contra o mundo (15,26-27; 16,7-11; 16,12-15)

No capítulo 15 de João, começa a se instaurar um litígio entre a comunidade discipular e o mundo. O mundo, enquanto realidade que não aceita a verdade do Enviado de Deus, odeia aqueles que estão com ele (15,18.25). João retoma nesse

⁵³ Cf. MATEOS et BARRETO. *El Evangelio de Juan*. p. 639.

⁵⁴ Cf. LÉON-DUFOUR. *Leitura do Evangelho de João*, III, p. 87.

⁵⁵ Cf. KONINGS. *Evangelho segundo João*, p. 276.

⁵⁶ Cf. KONINGS. *Evangelho segundo João*, p. 279.

contexto o tema do Paráclito. Como promessa de Jesus, ele será auxílio e testemunha do Glorificado. É interessante perceber que aqui é Jesus quem envia o Paráclito, diferente de 14,17, quando o próprio Pai é quem enviaria o Paráclito a pedido de Jesus. Contudo, para João, o Pai e o Filho trabalham juntos, em unidade, como vimos no capítulo 17. Torna-se necessário compreender bem esse movimento. Quando se parte do Jesus humano, percebe-se que o Espírito não desaparece com a morte de Jesus, mas o Pai continua a enviá-lo para que permaneça nos fiéis. Quando partimos do Jesus Glorioso, “enaltecido”, o Espírito é enviado para continuar a obra do Cristo no mundo, através de sua presença nos discípulos. João insiste no fato de que, assim como Jesus, o Filho, recebeu sua mensagem do Pai, assim o Espírito recebe de Jesus aquilo que ele ensinou para transmiti-lo aos discípulos (16,13-15).

Neste litígio que está sendo montado, os discípulos darão testemunha do Cristo, pois estiveram com ele desde o princípio (15,27), condição para o testemunho apostólico (cf. At 1,21-22). Lendo essa passagem, a partir do contexto dos anos 90, o verbo “testemunhar” ganha em sentido. João utiliza o grego μαρτυρέω para designar esse testemunho. Nos tempos da comunidade joanina, o testemunho de sangue já é uma realidade⁵⁷. Nesse contexto, a palavra do Mestre conforta: “não vos escandalizeis”. Estará com eles um “auxiliador”.

Em 15,27, a exigência para a vinda do “outro” Paráclito é o retorno de Jesus ao Pai. As dificuldades e perseguições começarão a surgir com força para a comunidade após o “enaltecimento” do Filho. Toda a perseguição que a comunidade sofre encontrará sua chave de leitura na cruz do Cristo. Essa chave de leitura é entregue na despedida. Ela vem à comunidade com o Espírito da Verdade entregue já no Calvário (cf. 19,28). O que não foi dito desde o início, e que no presente da comunidade receptora acontece, encontra seu sentido na partida.

Outro sentido para essa exigência está no fato de que quando Jesus estava com eles na terra, era o porta-voz dos seus; agora, depois de sua partida, o testemunho virá pela boca dos discípulos através da força do Espírito. É o Espírito quem testemunhará o Cristo nos discípulos.

Esse testemunho no Espírito provocará uma mudança no interior da contenda: de defensor dos discípulos, o Espírito atuante na vida dos discípulos passa a acusador do mundo. Ele inverterá as posições no “jogo” mostrando a verdade. Enquanto

⁵⁷ Cf. KONINGS. Evangelho segundo João, p. 296.

os “judeus” viam os discípulos como “pecadores” e exerciam a “justiça” deles, “condenando” os fiéis, o Espírito desvelará o contrário. Mostrará que quem é realmente pecador são correpresentantes do “mundo” que não acredita em Jesus. Revelará a justiça através do próprio objeto da injustiça: a cruz, pois Jesus é glorificado na cruz. Desvelará quem realmente é culpado neste processo: o chefe do mundo (12,31) e seus seguidores.

O Espírito revelará a verdade plena. Não se trata de uma série de verdades acabadas que serão informadas aos discípulos, mas sim, o Espírito guiará os discípulos para plenificação da verdade através dos tempos. Jesus viveu em um determinado momento histórico. Contudo, sua verdade transcende esse momento, engendrando sempre novas respostas, a partir da realidade de cada momento histórico, chegando a todos aqueles que se apropriarão da verdade de Cristo através dos tempos.

2.5. Jo 21,22: Uma última palavra sobre a permanência do Discípulo Amado

Texto grego	Tradução instrumental
λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· ἐὰν αὐτὸν θέλω μένειν ἕως ἔρχομαι, τί πρὸς σέ; σύ μοι ἀκολούθει.	Diz-lhe Jesus: “Se quero que ele permaneça até que {eu} venha, o que para ti? Tu, segue-me.”

Até o presente momento desta retomada da figura do discípulo, percebe-se o fundamento da identidade discipular no amor, que é a Glória de Deus. Percebe-se também a unidade de vida e missão entre o discípulo e o Mestre, unidade que encontra seu sentido e fundamento na própria unidade do Pai e do Filho. Na figura do Paráclito, encontra-se a fiel presença que plenificará a verdade do Cristo nos discípulos e que testemunhará neles a verdade no constante processo contra o mundo.

Resta-nos ainda uma última palavra. Na realidade do Paráclito, a missão do Cristo, que é a comunicação do Amor-salvífico de Deus para o mundo, continua na comunidade discipular. Ela, a comunidade, é chamada a ser testemunha fiel ao longo dos tempos. Quando estudamos a passagem de Jo 21,22, chegamos a uma percepção que precisa ser aqui novamente evocada, matizada com as novas luzes que foram surgindo ao longo da análise: como testemunha fiel, o Discípulo Amado, essa figura que expressa a fé da comunidade joanina, permanecerá até o fim. O sentido não diz respeito à morte do Discípulo Amado, mas à permanência de seu testemunho.

Ao final desta pesquisa, fica então clara a figura deste que permanecerá: testemunha fiel de tudo aquilo que havia presenciado e vivido com o Senhor, ele continua a ação do Filho no mundo. A comunidade, seguidora e testemunha do Cristo, segue na atualização desse testemunho através dos tempos. A cada momento histórico, permeado por suas perseguições e cruces, a comunidade continua a anunciar o amor de Deus que a fundamenta e na qual vive. Tudo isso acontece no Espírito e por obra dele. Nessa pedagogia pneumatológica, a verdade de Deus, revelada em sua Palavra, vai se tornando sempre palavra nova para a humanidade em cada homem e mulher que assume a Verdade do Amor de Deus revelada na doação maior do Filho na cruz.

IV Conclusão

1 Uma comunidade inserida no “Mistério de Deus com os homens¹”.

Após termos realizado as três etapas que formam o núcleo deste trabalho, retomaremos as conclusões parciais encontradas para, assim, expor a idéia que buscamos comprovar com esta pesquisa sobre a perícopa de Jo 19,25-27. Nossa hipótese, como anteriormente fora exposto, se baseia sobre a possibilidade de uma leitura de caráter simbólico da cena e personagens presentes na referida perícopa, bem como a importância da “dupla entrega” realizada ali, e também de suas ressonâncias na percepção do Mistério da Aliança de Deus com os homens.

No primeiro capítulo desta dissertação, buscou-se refazer o caminho histórico da interpretação da perícopa referida, a partir de autores que são referência em determinados momentos da história da teologia, pleiteando encontrar, neste caminho, a base epistemológica necessária para realizar a pesquisa através do viés desejado.

De maneira geral, percebe-se que, no período patrístico até Agostinho de Hipona, a possibilidade de uma leitura simbólica da narrativa aparece, mesmo que de maneira muito livre e associada a outras interpretações menos simbólicas. De Agostinho até os autores modernos, inclusive, encontra-se, cada vez com mais força, a identificação “historicizante” das personagens “Mãe de Jesus” e “Discípulo Amado” com as pessoas de Maria de Nazaré e João, o Apóstolo, associada a certa ênfase unilateral² na entrega do Discípulo à Mãe.

Ao se analisar os textos dos autores contemporâneos escolhidos, a possibilidade de uma leitura de caráter simbólico ressurge. Com algumas variações, como se demonstrou, no decorrer do primeiro capítulo, as figuras da “Mãe de Jesus” e do “Discípulo Amado” vão ganhando certa distância dos personagens históricos a elas referidos, e descortinando um novo e firme caminho de interpretação. Há também uma importante mudança na interpretação da “dupla entrega”: mais de acordo com o texto, a ênfase passa a ser dada à entrega da Mãe ao Discípulo; é a Mãe quem segue para o “contexto” do Discípulo. Aproximamo-nos, dessa forma, da proposta interpretativa dos

¹ Leia-se: Salvação.

² No caso, do Discípulo à Mãe, sendo que os cuidados do Discípulo quando recebe a Mãe estão em função da entrega primeira.

autores contemporâneos, identificando-nos sobremaneira com o pensamento de Léon-Dufour, Schürmann e Schnackenburg.

Encontrando, na tradição teológica recente, a autoridade necessária para a realização desse tipo de leitura, no segundo capítulo nos dedicamos ao processo de construção das identidades das personagens no interior da narrativa. Para tanto, lançou-se mão das diversas menções às personagens no interior do Evangelho. Nelas, se buscou as características que poderiam nos ajudar a formular a identidade de cada uma.

Ao final do segundo capítulo, ficou claro que tais personagens funcionam também como “entidades corporativas”, como símbolos que nos remetem para realidades que ultrapassam as meras figuras históricas. O Crucificado surge, portanto, como símbolo do próprio Deus o qual age entre os homens e plenifica a Aliança já firmada com seu povo na entrega total de vida, geradora de Vida em abundância. A Mãe de Jesus aparece como o verdadeiro Israel, aquele que permaneceu fiel às promessas e gerou, no interior de sua esperança/fé, o Filho que haveria de vir, o Messias esperado que agiria em nome de Deus. O Discípulo Amado nos é revelado como aqueles que vão aderindo à fé por meio de Jesus; como testemunha qualificada, ele segue rumo a um futuro que se descortina como vida plena no Crucificado-Enaltecido.

No terceiro e último capítulo, analisou-se a “dupla entrega” Mãe-Discípulo e o futuro que se descortina para a nova comunidade. Essa referida entrega se realiza no interior de uma nova relação que se estabelece ao pé da cruz. Na entrega do Discípulo à Mãe, descortina-se a realidade de que a nova comunidade nascente e futura deve reconhecer seu passado e sua origem na fé a partir da Aliança e fidelidade de um povo para com seu Deus. Quando a Mãe é entregue ao Discípulo, se mostra que a plenitude dessa promessa se dá no Filho, do qual o Discípulo é fiel testemunha, e que toda a história pregressa encontra seu sentido em Jesus. Sendo levada para o interior da vida do Discípulo, ela agora participa da mesma realidade da plenitude em Cristo de que o Discípulo, como aquele que mantém sua vida na Verdade daquele que é a Palavra. Os futuros da Mãe e do Discípulo são unificados na entrega realizada pelo Crucificado na hora última, tornando-se uma só vida. Para João, a Antiga Aliança não é desfeita, e surge uma Nova, que é plenificada e se abre como futuro para humanidade no Filho.

Esse futuro se descortina como continuidade no Espírito da vida do Crucificado-Enaltecido, tanto em sua glória, quanto em seu sofrimento e rejeição por parte daqueles que são do mundo. Ele continuará a proclamar a verdade e a vida de

Deus, da qual participa em sua unidade com o Filho, no Espírito. O caminho da Palavra no Mundo continua na nova comunidade surgida ao pé da Cruz.

Lançando um olhar global sobre o Evangelho, a partir daquilo que apreendemos neste trabalho, podemos concluir mais um aspecto desta relação de Deus de com a humanidade no Filho expressa por João. Para este evangelista, o que se prefere aqui chamar de “Mistério de Deus com os Homens” se realiza de maneira “trans-histórica” e “meta-histórica”³.

Confirma-se que o Mistério de Deus não se configura como realidade a-histórica, como pregara a forte vertente gnóstica dos tempos da comunidade joanina, mas, pelo contrário, como realidade ao mesmo tempo trans-histórica e meta-histórica. Esse Mistério é compreendido como trans-histórico na medida em que se encontra de tal maneira enraizado que não se compreende sem a história humana. Perpassa toda ela, desde o princípio até o fim, e encontra nela a sua realização. Deus se mostra não como um espectador passivo, mas faz da História Humana *sua* história, a ponto de habitar entre os homens. É meta-histórico, na medida em que transcende a própria História, sendo anterior e posterior a ela, não se reduzindo a ela, mas doando-lhe sentido pleno e se descortinando como Futuro Absoluto.

2 A Cena: uma possível leitura estética do conteúdo simbólico.

Após concluir essas etapas da pesquisa e extrair algumas conclusões, queremos agora nos aproximar do relato de Jo 19,25-27 como quem se achega de maneira bem livre diante de um ícone bizantino⁴ e começa a lhe desvelar os sentidos. Cremos que o discurso icônico é o que melhor se aproxima do próprio estilo de escrita de João.

No centro do “quadro”, encontra-se o Crucificado-Enaltecido. De braços abertos sobre a cruz, é ele quem doa sentido maior a tudo o que acontece. No centro, unifica toda a ação que forma a cena. Enviado pelo Pai como sua Palavra, consuma sua missão de comunicar quem é o Pai a partir de dentro, como aquele que conhece o Pai em profundidade, ou seja, como Filho. Por sua doação de vida, eleva aqueles que se unem pela fé à categoria de filhos no Filho. Como o “Esperado”, ele cumpre, expressa,

³ O emprego de tais conceitos, tal como se encontram aqui, não foram extraídos de outros autores e, por isso, sabemos de debilidade que carregam.

⁴ A fim de facilitar a compreensão do que agora se fará, propõem-se o ícone que se encontra reproduzido no Anexo I.

em sua própria vida e morte, a Aliança que Deus havia selado com seu povo desde os primeiros tempos. Ele é eterno tempo presente da salvação de Deus.

No lado direito do crucificado, lado que a tradição humana pelos séculos coincidiu com o lado da justiça, encontra-se a Mãe de Jesus. Nela estão reunidos simbolicamente todos aqueles que aguardam a justiça de Deus: o cumprimento da Aliança. No interior de sua fidelidade, como povo que se guardou na esperança da realização das promessas, gera e acolhe em seu seio, como Dom do Pai, aquele que era esperado desde muito. Agora espera permanecer na fidelidade ao seu “amado” Deus, cumprindo em si as promessas desse Amor. Ela se tornará, assim, a Sião Messiânica, lugar do encontro de Deus. Como tempo passado, é base humana do caminho que se seguirá.

Do lado esquerdo, comumente identificado com os sentimentos, está aquele que é muito amado. Testemunha fiel, permaneceu junto do Mestre desde o início. Ocupa agora um lugar especial, pois reconheceu e vive nesse amor. É esse amor que lhe dá identidade, sentido à sua existência. Sua missão será a de continuar, no Espírito, a testemunhar esse amor sempre fiel de Deus na história, contra o mundo, realidade que nega a esse amor, que se encontra em constante processo contra os filhos de Deus. Vive, no Espírito, uma profunda unidade de vida, missão e destino com o Mestre. Sofrerá, por sua fidelidade, a cruz imposta também sobre o Mestre. Guardar-se-á fiel até que o Senhor volte. Nesse esquema histórico, nele se realiza o tempo futuro da Salvação que vem de Deus, pelo Filho, no Espírito.

Em sua palavra do alto da Cruz, o Cristo unifica esses tempos no eterno presente que ele é. A comunidade discipular recebe da própria Palavra de Deus, O Crucificado, Israel, Mãe de Jesus, como seu passado histórico. Sua origem está na Aliança feita por Deus com seu povo. Contudo, esse passado é inserido na nova dinâmica do cumprimento das promessas; deverá ser lido a partir da vinda do Filho. No enaltecimento⁵ do Filho, na doação maior de vida, Deus diz sua última e definitiva palavra sobre o seu Amor. Nele, na glorificação\crucificação do Filho, as promessas da Aliança são cumpridas.

Contudo, a história desse amor não tem fim; ela continua no desenrolar da própria história humana. Assim como Israel permaneceu fiel, a nova comunidade presente aos pés do crucificado continuará, na fidelidade, a narrar em sua existência a

⁵ Entenda-se aqui por enaltecimento não só o acontecimento histórico da cruz, mas todos os eventos pascais que, para João, formam uma única unidade.

história do Mistério de Deus entre os homens. Ao fundo de nosso quadro, encontra-se a Sião Messiânica, cidade de Deus. Abarcando todos os personagens, ela se configura como este todo da história salvífica, lugar onde a “grande família de Deus” se encontra e vive, lugar da “comunhão dos santos”.

Assim, se pode perceber que o testemunho da comunidade continua como narrativa do Mistério de Deus com os homens que se atualiza a cada momento histórico. É sempre palavra nova a ser dita para que a fé aconteça.

Apêndice: Uma hipótese histórica - Jo 19,25-27 seria uma apologia da comunidade diante do judaísmo de Jâmnia?

Finalizando o presente trabalho, gostaríamos de apresentar uma hipótese para o possível contexto histórico que influenciou a construção dessa perícopa. Por se tratar apenas de uma hipótese, e não podermos, neste trabalho, desenvolvê-la a contento, reservamos sua exposição em um apêndice, não influenciando diretamente nos resultados deste trabalho.

Posto isso, acredita-se que a construção da perícopa de Jo 19,25-27 esteja em sintonia com os acontecimentos históricos vividos pela comunidade joanina por volta dos últimos decênios do primeiro século, mais especificamente, a reunião do judaísmo fariseu em Jâmnia. A expulsão das sinagogas e marginalização dos discípulos que parece ter alguma relação com essa reunião não resulta apenas na expulsão de um contexto social, mas porta profundas consequências de caráter teológico. Estar inserido no seio da organização judaica significava também participar da Aliança. Significava participar do povo com quem Deus teceu sua Aliança. A expulsão, conseqüentemente, acarreta a exclusão da Aliança.

A partir disso, levantou-se a hipótese, que a nós parece bem plausível, de que este texto tenha sido motivado por estes eventos e construído como uma espécie de apologia da fé da comunidade cristã. A inversão provocada pelo Espírito no processo movido pelo mundo contra os cristãos expressa bem isto. Ao pé da cruz, a entrega se mostra desigual: segundo o sentido do autor, diferente daquilo que sugere uma compreensão “em mão única” da teologia de Maria Mãe da Igreja, a figura do Israel fiel às promessas, ou seja, a Mãe de Jesus, é entregue aos cuidados do Discípulo Amado, a comunidade discipular de Cristo, e não o contrário. A comunidade discipular não nega o seu passado histórico e teológico, contudo, a Mãe de Jesus é acolhida naquilo que é próprio da identidade da comunidade discipular, o seguimento a Cristo e o testemunho da vida que vem do Pai pelo Filho, aquele a quem negam.

Sendo assim, acreditamos, a partir desta hipótese, que João “inverta o jogo”: na verdade, quem se encontra fora do contexto da Aliança são aqueles que negam a verdade do Cristo, aqueles que não reconhecem em Jesus o Enviado de Deus.

REFERÊNCIAS

1 Fontes consultadas

- BÍBLIA. Portugues. *Bíblia Sagrada*. Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.
- BÍBLIA. Portugues. *Bíblia de Jerusalém*: Nova edição, revista e ampliada. 2ª impressão. São Paulo: Paulus, 2003.
- BÍBLIA. Portugues. *Bíblia Sagrada*. Tradução da CNBB. 3. ed. Brasília: CNBB, 2006.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum. In.: KLOPPENBURG, B.; VIER, F. (Orgs.). *Compêndio Vaticano II*: Cartas, Decretos e Declarações. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 121-142.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium. In.: KLOPPENBURG, B.; VIER, F. (Orgs.). *Compêndio do Vaticano II*: Cartas, Decretos e Declarações. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 39-120.
- NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; KURT, Aland (Eds). *Novum Testamentum Graece*. 25. ed. Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1963.

2 Software

- BIBLEWORKS for Windows. Versão: 6.0.0005y. BibleWorks, LLC, 2003.

3 Livros e artigos

- AGOSTINHO. *De sancta virginitate* VI, 6. PL 40.
- AGOSTINHO. *Homélie sur l'évangélie de Saint Jean I-XVI*. Oeuvres de Saint Augustin. Paris: Desclée de Brouwer, 1969.
- AGOSTINHO. *Sobre el Evangelio de San Juan (36-124)*. Ed. Bilingüe. Madrid: Editorial Catolica, 1957. Tomo XIV. BAC.
- AMBRÓSIO, Santo. Tratado sobre el Evangelio de San Lucas. In: *Obras de San Ambrosio*. Madrid: Editorial Catolica, 1966. Tomo I. BAC, vol. 257.
- BROWN, R. et al. *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- GROUPE DES DOMBES: *Marie dans le dessein de Dieu et la communion des saints*. Paris: Bayard; Centurion, 1999, n° 57.
- IRENEU. Contra as Heresias. São Paulo: Paulus, 1997. Livro III,1,1. (Col. Patrística, 4).
- JAUBERT, A. *La notion d'alliance dans le Judaïsme: aux abords de l'ère chretienne*. Paris: Seuil, 1963.
- JOÃO PAULO II. Carta encíclica "Redemptoris mater" do sumo pontífice João Paulo II sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. São Paulo: Paulinas, 1987.

- KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: Amor e Fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- DE LA POTTERIE, I. *Marie dans le mystère de l'alliance*. Paris: Desclée, 1995. p. 244. (Col. Jesus et Jesus-Christ).
- LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho de João*. São Paulo: Loyola, 1996. Tomo IV. (Col. Bíblica Loyola 16).
- _____. *Leitura do Evangelho de João*. Tomo III. São Paulo: Loyola, 1996. (Col. Bíblica Loyola, nº 15).
- _____. *Leitura do Evangelho de João: Palavra de Deus*. São Paulo: Loyola, 1996. Tomo I. (Col. Bíblica Loyola 13).
- LIGÓRIO, Afonso Maria de. *Glórias de Maria*. Aparecida: Santuário, 1987.
- LOPES, Rogério de França. *A Mãe de Jesus no Evangelho de João: Um estudo de Jo 2,1-11; 19,25-27 para uma mariologia funcional cristocêntrica*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: CES, 2004.
- MANNIS, F. *L'Évangile de Jean a la lumière du Judaïsme*. Jerusalem: Franciscan Printing Press, 1991.
- MATEOS, J.; BARRETO, J. *El Evangelio de Juan: Analisis linguistico y Comentario exegetico*. Madrid: Cristiandad, 1979. (Col. Lectura del Nuevo Testamento, nº 4).
- MATEOS, J.; BARRETO, J. Mãe. In: *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- NICCACI, A.; BATAGLIA, O. *Comentário ao Evangelho de João*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- PARKER, P. "John and John Mark". *Journal of Biblical Literature* 79, 1960.
- PAULO VI. Exortação Apostólica sobre o culto à Virgem Maria (Marialis Cultus). São Paulo: Paulinas, 1974.
- PSEUDO-AMBRÓSIO: *Expositio super septem visiones libri Apocalypsis*. PL 17.
- SCARDELAI, Donizete. Mateus e os Judeus. Disponível em: http://www.sion.org.br/artigos/mateus_judaismo.pdf. Acesso em 15 de agosto de 2009.
- SCHILLEBEECKX, E.: Mariologia: ieri, oggi, domani. In: SCHILLEBEECKX, E.; HALKES, C.: *Maria: ieri, oggi, domani*. Brescia: Queriniana, 1995.
- SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio segun San Juan: Version y Comentario*. Barcelona: Herder, 1980. v. 3.
- SCHÜRMAN, H. *Ursprung und Gestalt*, Düsseldorf, 1970
- SESBOÛÉ, B.: A Virgem Maria, em. In: ID. (dir.): *História dos dogmas*. Tomo 3: *Os sinais da salvação*. (tr. br.). São Paulo: Loyola, 2005.
- SIMOENS, Yves. *Selon Jean : Une interpretation*. Éditions de L'Institut d'Études Théologiques: Bruxelles, : IET, 1997. Tomo II e III
- THOMAS D'AQUIN. *Comentaire sur l'Évangélie de Saint Jean*. Paris: Cerf, 1998.
- _____. *Comentaire sur l'Évangélie de Saint Jean*. Paris: Cerf, 2006. Texto completo extraído da web: Acesso <http://docteurangelique.free.fr>, em 26 de fevereiro de 2010.

- VITÓRIO, Jaldemir. A narrativa do livro de Rute. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. n. 98. p. 85-106. (Sobre a metodologia da análise narrativa).
- VOIGT, S. O Discípulo Amado recebe a Mãe de Jesus “eis ta idía”: velada apologia de João em 19,25-27. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 4, n.35, 1975. p. 771-823.

ANEXO I

